

REVISTA DA SEMANA

Nº. 48
1-12-1945
Cr\$ 1,50



DESDE
QUANDO
PEQUENINOS



-É BOM QUE USEM KOLYNOS!

AS crianças em geral não se mostram alegres nas horas de escovar os dentes... se não o fazem com Kolynos. Esta é uma vantagem desse creme dental completo: graças ao seu sabor, as crianças aprendem, desde a mais tenra idade, um método de proteção dos dentes que lhes será útil para toda a vida. Um centímetro de Kolynos na escova seca é o bastante para assegurar uma perfeita higiene

bucal, pois a sua espuma antisséptica atinge todos os recantos dos dentes.

Seu filho prefere Kolynos por causa do sabor agradável; mas graças a isto, aprenderá a proteger os dentes e a saúde durante toda a vida.

Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental que custa muito menos porque rende muito mais!



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ENSINE seu filho
a usar o CREME
DENTAL
ANTISSÉPTICO!

★ Ouça na Rádio Nacional, às 2^{as} feiras
às 21,35 o "Rádio Almanaque Kolynos".

REPORTAGENS

E as multidões deliram!	9/16
A posse do “imortal” Vianna Moog	19
O julgamento de Pétain	23/26
Figuras e Fatos	35

LITERATURA

Eça de Queiroz e o Brasil (Berilo Neves)	3
O Brigadeiro da Vitória (R. Magalhães Jr.)	8
A pista do fio de cabelo (Stephen Leacock)	17
Apresentação de programas (Escragnolle Doria)	22
O noivo do ministério (Aldo Pardini)	28/29
O Pedido (Marcel Jobert)	34
Livros Novos	36/37
No tempo de Floriano (Medeiros e Albuquerque)	44/45

SECCÕES

A Semana em Revista	6
Os concursos da REVISTA	7
Cinema e Música	20/21
Coisas do Brasil	32
Teatro	56/57
Artes Plásticas	58

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Jesy Barbosa)	27
Os modelos da semana	30/31
Modelos avulsos	47 e 51

CURIOSIDADES

São Paulo a Monumental	4/5
O campeão de 1945	33
O homem perfeito de Hollywood	38/39
“Cover Girls”	42/43

CARICATURA

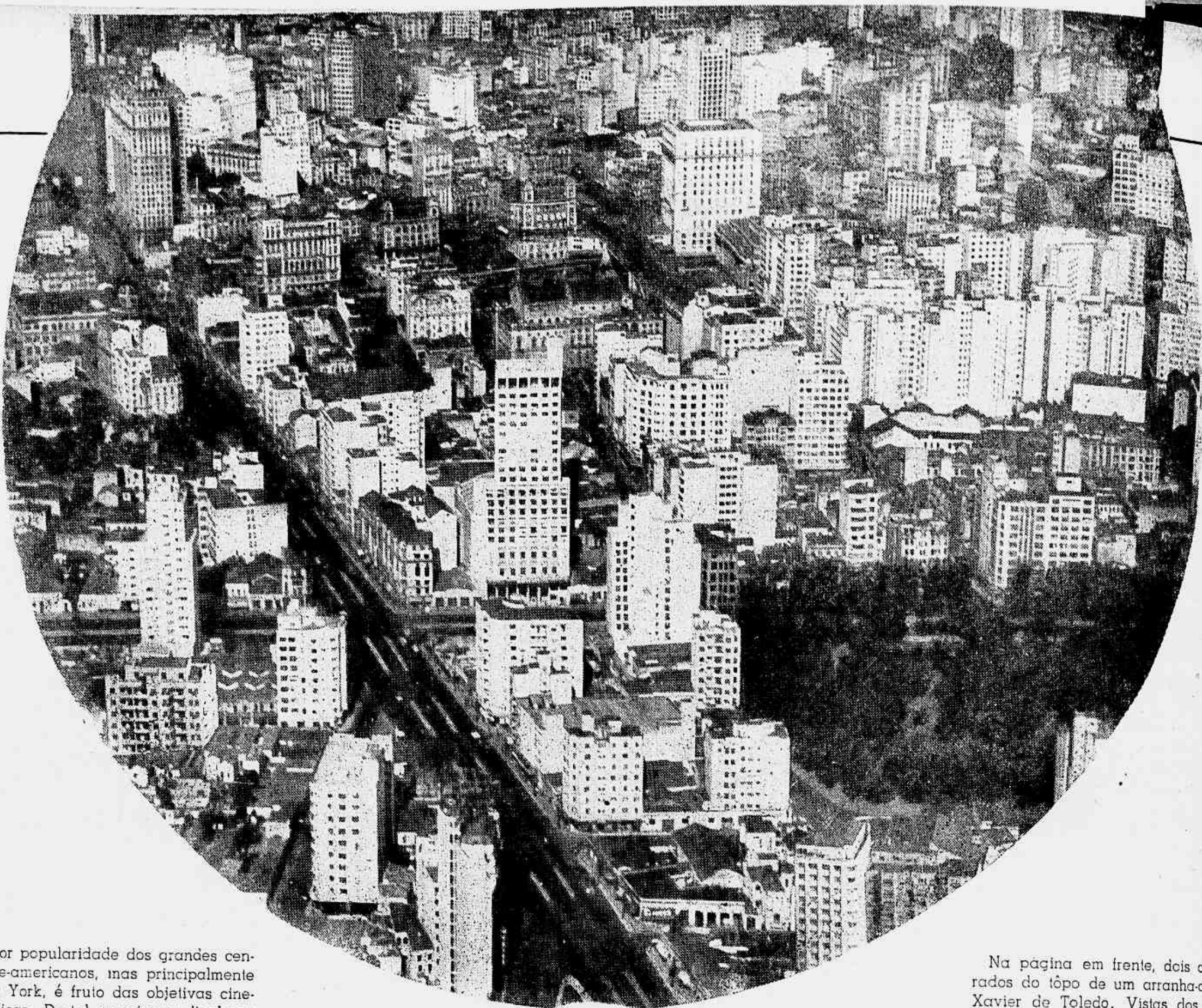
De Bom Humor	18
“Charge” de Raul	46

REVISTA DA SEMANA



NA CAPA:

Loretta Young, da RKO. Uma "estrêla" veterana e sustentando, ano após ano, a mesma classe de interpretações. Por isso sempre popular.



A maior popularidade dos grandes centros norte-americanos, mas principalmente de Nova York, é fruto das objetivas cinematográficas. De tal maneira se divulgam repetidamente os flagrantes da Broadway, da 5th. Avenue, do Central Park que, em chegando à imensa metrópole, é como se as suas grandes artérias fossem de nossas mais velhas relações. Nossos olhos andavam cansados de ver tudo aquilo, através da fotografia animada, e tudo se articula, se desenrola, se anima à nossa frente, quase sem surpresa maior.

No entanto, também as nossas cidades crescem, têm detalhes característicos de dinamismo e merecem uma divulgação tão ampla quanto a imposta pelos norte-americanos. Falta-lhes o veículo publicitário da tela, porém cuida-se de preencher a lacuna com as "cameras" fotográficas. Embora a imagem fique imóvel, sempre é alguma coisa...

Aqui estão detalhes surpreendentes da novíssima São Paulo, a monumental. Aspectos que se diriam batidos em Chicago, em São Francisco, e que no entanto obli-

SÃO PAULO

A MONUMENTAL

veram-se a uma hora de avião ali do Calabouço.

Em cima, no oval, um apanhado da grande e movimentada Piratininga, a terra da ação, da atividade em larga escala, do corre-corre para não perder tempo. E em mercê desse dinamismo é que São Paulo cresce em todos os sentidos, horizontal e verticalmente, envergando as velhas e pedantes cidades da arruinada Europa, agora então, com os bom-

bardeios, escaveiradas, sem dentes e cheias de miséria. Porque mesmo as metrópoles do Velho Mundo que não se viram atingidas pelo poder destruidor de Marte, estacionaram. Quando muito, orgulham-se de terem ficado como estavam antes de 39. E estacionar é retroceder...

Na gravura inferior desta página, um detalhe do tráfego em São Paulo, por sinal bem curioso. Uma curva de esquina apanhada de perspectiva original.

Na página em frente, dois aspectos tirados do topo de um arranha-céu da rua Xavier de Toledo. Vistas dos fundos de casas, dos telhados antigos que vão desaparecendo, esmagados pelas cúpulas dos edifícios gigantes. Em cima, o edifício Matarazzo visto pela parte de trás, com a planície do Anhangabaú obtida de um ângulo pouco conhecido. Em baixo, um conjunto nas imediações do viaduto Santa Efigênia.

★

De tal modo cresce e se agiganta a capital bandeirante que não é de mais projetizar para ela, em futuro não remoto, as proporções equiparadas, senão maiores, às dos maiores centros do mundo. A exemplo do Rio, São Paulo não descansa. E estende-se para mais longe, e enfrenta as adversidades da guerra, e caminha a passos enormes, desmoralizando as botas de sete-léguas. Fruto do seu esforço, do trabalho do seu povo, São Paulo é isso mesmo: a Monumental.





A SEMANA EM REVISTA

ONDE ESTÁ NOSSO MUNDO MELHOR?

Da cidade de Nova York, onde os arranha-céus lançam suas sombras portentosas sobre as águas barrentas do Hudson, da cidade de Nova York, onde os anúncios luminosos de uma rua custaram o preço de cidades inteiras, chega-nos esse telegrama:

"Nova York, 23 (A. P.) — A onda de crime que se espalhou por esta cidade continua, a despeito da prisão de 82 pessoas acusadas de felonias nas últimas 24 horas.

O comissário de polícia Arthur Wallander cancelou todas as férias, por tempo indeterminado, de detectives e soldados de polícia."

Assim, voltaremos ao passado. Teremos um "após-guerra" igual ao "após-guerra" de 18. Primeiro virão os **gangsters** baratos, traficantes de bebidas e de combustíveis. Depois virão os magnatas das indústrias de armamentos e alimentarão os **gangsters**. As metralhadoras "Thompsons" varrerão de novo as portas dos bancos de Chicago, os discípulos que Al Capone semeou pelo mundo aparecerão à luz do sol, com métodos mais modernos de roubar e matar. A polícia se mobilizará e começará nas próprias ruas da América a caça aos criminosos. Outros Dillingers morrerão nas portas dos cinemas baratos, outros Jacks Diamonds assaltarão as joalherias nas noites mornas de San Francisco. Aparecerão novas greves, Ford mobilizará de novo a sua polícia particular. E, como Franklin Delano Roosevelt está morto, esquecer-se-á o seu nome e levar-se-á Hoover de novo à Casa Branca. No fundo dos cárceres apertados, em nome da Democracia, os detectives espalharão novos Tom Mooneys. E os donos das fábricas dormirão tranquilos, cercados por motocicletas e sirenes, enquanto no fundo das minas os que foram a Gualdacadal e Corregidor estarão edificando a sua fortuna. Assim será a América de amanhã, se imediatamente não se puser termo ao que ficou para trás. O telegrama acima é um aviso sinistro. Cuidado, América! Se você começa de novo com Al Capone, acabará novamente com Pearl Harbor. Cuidado, América! Muito cuidado! Senão podem se levantar um dia os fantasmas daqueles que dormem nas areias de Alamein e nas neves do Piemonte, para virem agitar-lhe o sono. Cuidado, América! Não se deixe levar pelo passado nem olhe para trás, América, que assim fez a mulher de Lot, América, e porque assim o fez transformou-se em estátua de sal. E você, América, não ficaria bonita como estátua de sal. Cuidado, América! Muito cuidado, América!

O DESPRESTÍGIO DO REVÓLVER

Um sambinha velho, velho e bom, parece que de Noel, ou de outro igual, cantava o seguinte, em música saltitante:

"No século do progresso
O revólver teve ingresso
Pr'a acabar com a valentia..."

Mas o noticiário policial dos jornais desta semana vem desmentir categoricamente esta afirmativa. Numa nota extensa, publicada outro dia, diz um vespertino que o comissário de polícia Helear Figueiredo estava jantando no bar "Boler", em Copacabana. Nisto apareceram vários rapazes tentando pintar na fachada daquela casa o nome de um dos candidatos à Presidência da República. O dono do estabelecimento reclamou. E, como os garçons pedissem a sua intervenção no caso, o policial tentou fazer os moços desistirem do seu intento. Mas os rapazes se exaltaram, desacataram a autoridade e continuaram o seu trabalho de propaganda política. O sr. Helear insistiu na sua proibição, levando ao conhecimento dos pixadores as últimas determinações da Chefatura de Polícia. Mas com isto só conseguiu exaltá-los mais. E tão furiosos ficaram os rapazes que agrediram o comissário, produzindo-lhe com seus socos várias escoriações pelo corpo. Além disso tomaram-lhe o revólver que trazia à cinta, só não ficando com ele porque uma escolta solicitada ao Socorro Urgente conseguiu reaver a arma, pondo em fuga os agressores. Bastaria isso para evidenciar o desprestígio do revólver. Mas há ainda outro caso. Vamos a ele:

O indivíduo Antonio Orelha Cortada, morador na Favela, entrou a discutir com o seu inimigo José de tal, residente no mesmo bairro. Este, em dado momento, sacou de um revólver, disparando um tiro à queima-roupa no antagonista. Antonio, mesmo ferido no braço, atacou-se com o contendor, tomando-lhe a arma, com a qual vibrou-lhe várias coronhadas na cabeça. Maltratado desta maneira, José deu às de Vila Diogo, sumindo das vistas do inimigo. E Antonio, após ser socorrido na Assistência, dirigiu-se à polícia, onde entregou a arma e contou o caso.

O noticiário policial nos põe assim ao par de dois fatos que vêm demonstrar ser o revólver uma arma muito arcaica para enfrentar a valentia. Que os que se propõem a exterminar os valentes mudem a sua técnica. Um murro anda hoje mais depressa que o giro do tambor de um "Colt" cavalinho. Quem quiser se livrar de murros compre uma metralhadora. Ou uma bomba atômica.

UM HOMEM DE BOM GÔSTO

Os jornais estamparam fotografias de Carole Landis, sentada ao pé de George Sanders, metida num "maillot" super-atômico, sendo consolada por aquele conhecido "astro". Consolada por que? Simplesmente por isto: outro dia, depois do exaustivo trabalho da filmagem de uma cena, a maravilhosa loura entrou em seu camarim rodante, editado sobre um "trailer", para mudar o "maillot" que usara no "set". O camarim estava parado num pedaço ermo da estrada. Um desconhecido passava na hora em que Carole Landis entrava pela porta dos fundos, e ficou louco por ela. Também, diante daquele "maillot" e daquelas curvas, não era para menos. Carole entrou no camarim e o estranho homem entrou atrás. No momento em que ela sentou-se no banquinho em frente ao espelho, para principiar a sua "toilette", o desconhecido investiu sobre a pobre vítima indefesa, que, diga-se de passagem, é muito boa, e agarrou-a com mãos de ferro. Tomado de uma fúria estranha, o "monstro" tentou rasgar o "maillot" super-atômico de Miss Landis, num acesso de nervosismo intenso. A pobre moça reagiu. Gritou, mordeu a mão do agressor. Esse, em revida, mordeu-lhe um braço. Carole começou a chorar como uma criança de peito. Abriu o bué, gritou por socorro, bateu as pernas, deu pontapés na cadeira do salafrário, com os bicos de seus lindos sapatinhos de comurça negra. O camarim não se deu por vencido. Quanto mais gritava a "estrela", mais ele a prendia nos braços e mais desafiava o laço do "maillot". Carole já perdia as forças quando, num último grito de desespero, pediu socorro, num brado aterrador que cobriu um raio de trinta milhas. Como nos filmes de mocinho, apareceu o salvador, na pessoa de George Sanders. O vigoroso "astro", usando das atribuições que lhe conferia o seu papel de galã, botou "knock-out" o vilão. Este, após os nove segundos regulamentares, abriu os olhos e "piro" vergonhosamente, com medo da polícia. No camarim ficaram a sós Miss Landis (que é muito boa, repitamos) e o seu anjo da guarda, Mr. Sanders. A pobre moça trazia ainda o "maillot" super-atômico meio caído do lado direito. Foi assim que ela apareceu no retrato batido por um fotógrafo, que surgiu no local como que saído da cartola de um mágico. E a fotografia correu mundo, mostrando aos olhos fascinados dos "fans" aquele pedacinho de ombro. E todos tiveram inveja de George, a quem foi dada a oportunidade de salvar Carole. E todos tiveram mais inveja do "monstro" que mordeu os ombros de Carole. E acabou-se a história.

"NADA DE NOVO"

Julio Francisco de Araujo, de 40 anos, lavrador, morador no Estado do Rio, hospedado na rua Saldanha Marinho, 131, em Niterói, queixou-se à polícia do 10.º distrito de que na praça da República fora abordado por dois desconhecidos, os quais, depois de lhe dizerem que tinham em seu poder um dinheiro para ser entregue a uma instituição de caridade, pediram-lhe que guardasse a quantia até o dia seguinte. Tratava-se de um pacote bem embrulhado e os desconhecidos, sob a alegação de que não pretendiam desfazer o embrulho, pediram que lhes emprestasse o dinheiro que o queixoso possuía, isto é Cr\$ 22.700,00, o que foi atendido prontamente. Mais tarde, desfazendo o embrulho, notou que só havia no mesmo papéis velhos.

Assim disseram os jornais. Assim foi revelado ao público mais um caso de "conto do vigário" passado numa das suas modalidades mais elementares e empíricas. Ficamos, diante de tal fato, boquiabertos e mudos, estupefatos e surpresos, por saber que ainda existe alguém capaz de se deixar levar por um "paco" desses. Mas Julio Francisco de Araujo representa o homem médio do interior do Brasil. É lavrador, fez a sua fortuna emprestando dinheiro, ou plantando batatas, é ambicioso e egoísta, como em geral todo o camponês enriquecido. Nada mais natural que caísse ingenuamente no "conto" que dois malandros do Rio prepararam para iludí-lo em sua boa fé. Boa fé? Ele teria realmente boa fé? Ou emprestou o dinheiro apenas visando o pacote que continha a gaita da instituição de caridade? Se outro interesse não tinha além de servir aos dois estranhos, por que abriu o pacote destinado ao asilo ou ao hospital. Se era realmente ingênuo e honesto, como aceitou como garantia de um empréstimo um dinheiro que não pertencia nem a ele nem aos depositantes?

Mas Julio Francisco de Araujo não conhece as leis e não conhece a malandragem da turma do Rio. Viu apenas um bom negócio em sua frente e comprou por muitos contos um pacote de papel. Comprou, como o tem feito sempre, através dos séculos, o homem médio do interior do Brasil. A qualquer malandro que se lhes apresente com um pacote de papel velho, eles entregam sem pestanejar a sua fortuna e o seu destino. O "conto do paco" é velho, muito velho. No entanto ainda há quem caia nele. E há quem caia e, depois de cair, não tenha vergonha de se expor ao ridículo, queixando-se à polícia. Julio Francisco de Araujo revelou o caso às autoridades, pensando mostrar ao comissário uma nova modalidade de "chantage" inteligente. Ele não sabia por certo que o "conto do paco" é hoje considerado em todas as rodas da malandragem como um golpe obsoleto e perigoso, incapaz de inspirar a confiança das vítimas. Assim, longe de causar interesse às autoridades, o seu caso suscitou apenas o riso dos "tiras" e dos repórteres que se encontravam no distrito. E, quando ele virou as costas, um côro irônico murmurou: "Otário!"

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endergo telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1748, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Os grandes concursos literários da "REVISTA DA SEMANA"

PRORROGADO PARA 31 DE DEZEMBRO O PRAZO DE RECEBIMENTO DAS PEÇAS E ROMANCES — INSISTENTES APELOS DO RIO E DOS ESTADOS — TAMBÉM A 31 DE DEZEMBRO O ENCERRAMENTO DO SEGUNDO CONCURSO DE CONTOS

Foram inúmeros os pedidos que nos chegaram, nestes últimos dias, no sentido de ser obtida uma prorrogação no prazo da entrega dos originais de romances e peças de teatro, relativos aos nossos concursos, respectivamente designados "Prêmio REVISTA DA SEMANA" e "Prêmio Apolônia Pinto". Entre esses pedidos, destaca-se o do nosso confrade J. Paredes, da redação de "Resistência", traduzido na carta de teor seguinte:

"Rio, 25 de Nov. de 945

Prezado sr. Celestino Silveira.

Queira permitir-me, com esta, uma sugestão. Anunciado para 30 do corrente o encerramento do prazo para a entrega de originais ao concurso teatral "Prêmio Apolônia Pinto", poderia V. S., lembrando o que foram os últimos dois meses no Brasil, cheios de intranquilidade, e portanto intensos à elaboração de qualquer trabalho sereno — poderia V. S., digo, dilatar por mais um pouco essa data. Digamos, 10 ou 15 de dezembro p.f. Teríamos passado as eleições e, certo, haveria menos preocupação política, mais repercussão para os fatos literários e artísticos.

Por outro lado, mais uma ou duas semanas, para o recebimento de originais, dariam margem a chegar em tempo útil, figurando assim no louvável concurso da REVISTA DA SEMANA, novos originais que sei em caminho. Eu próprio deverei ser portador de dois, que de Maceló e Petrolina, segundo aviso recebido aqui, me foram remetidos para que os encaminhasse devidamente.

Seria assim altamente louvável e interessante que, por uma questão de bem poucos dias, não se fechasse uma tão brilhante oportunidade a inteligências e vocações que por ventura existam e vegetem por nossa terra, condenadas a uma eterna e talvez injusta obscuridade. E' em nome delas, dessas possibilidades ignoradas da nossa gente, que apelo para V. S. e para a tradicional REVISTA DA SEMANA, a revista da inteligência brasileira.

Esperando muito fundadamente que V. S. tome em consideração a sugestão aqui feita, agradeço-lhe de antemão a gentileza e subscrevo-me, atenciosamente (a) J. Paredes."

Reconhecendo a procedência desses apelos, e como nosso intuito é sem dúvida o de facilitar o trabalho dos concorrentes, cuja operosidade, nestes cinco meses do concurso, deve ter sido exaustiva decidimos aquiescer. E desde que se pretendia atender a esses pedidos, era natural que o fizéssemos de modo a facilitar, não só aos concorrentes do Rio e das cidades vizinhas, mas ainda aos que do norte e do sul iguais apelas têm endereçado a esta redação. Levando em conta os motivos expostos, ficou, assim, deliberado que o prazo para entrega dos originais de teatro e romance fôsse dilatado para 31 de dezembro. Um mês, portanto, virá facilitar os interessados, permitindo-lhes retocar, copiar e entregar seus originais sem maiores atropelos.

Na mesma data, 31 de dezembro, será encerrado também o segundo concurso de contos.

A leitura de todos os originais recebidos até essa data — romances, peças e contos — será feita pela comissão julgadora, em janeiro de 1946. Isso importará consequentemente numa demora natural no conhecimento do resultado desse julgamento, mas, em compensação, agrada-nos saber que iremos ao encontro dos candidatos aos prêmios e aos títulos que lhes proporcionará a iniciativa da REVISTA DA SEMANA.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

Cr\$ 10.000,00 para o primeiro classificado, oferta do Clube Ginástico Português — Representação das peças colocadas em 2.º e 3.º lugares pela Escola Dramática da mesma instituição — As peças continuarão pertencendo exclusivamente aos autores

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "Prêmio Apolônia Pinto", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros quer tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 31 de dezembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em janeiro ou fevereiro de 1946.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

A Comissão Julgadora do nosso concurso de peças teatrais será composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante a Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) constarem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.
- 3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto entendido que os temas podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facilitará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 31 do corrente mês.

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

O BRIGADEIRO DA VITÓRIA

R. MAGALHÃES JUNIOR

O Brasil vai eleger, pela primeira vez, um Presidente pelo voto direto nestes últimos vinte anos. As eleições desta semana representam um dos acontecimentos mais importantes da nossa história, neste século. Diríamos mesmo em toda a nossa experiência democrática, em toda a nossa vida republicana. Pela primeira vez, temos no poder um governo neutro, imparcial, interessado não em fazer vencer este ou aquele partido, este ou aquele candidato, mas simplesmente em fazer triunfar a opinião nacional, a verdadeira vontade do povo, expressa nas urnas, sem violências e sem compressões, sem o engodo dos conchavos ou do suborno. Nunca deixamos de ter motivo para criticar os governos passados, neutros só na aparência, imparciais apenas no exterior e, por vezes, até mesmo ostensivos na sua maneira de impor candidatos e de "degolar" adversários. Nos últimos quinze anos, porém, não só não houve o propósito de sanear os nossos costumes políticos, como ainda o mal, em vez de ser extirpado, se agravou muito mais. Para suprimir a parcialidade suprimiram-se as eleições! O regime deposto tinha a mais declarada, a mais viva idiosincrasia pelo pronunciamento das urnas e pelas limitações que um Congresso vigilante poderia impor ao arbítrio do governo, logo convertido em ditadura caudilhesca, absolutista e inteiramente pessoal. Mas um novo dia raiou, finalmente. Dia glorioso para a consciência cívica brasileira. Dia de redenção. Dia em que o país se colocou à altura dos compromissos que contraiu para com a brava mocidade que lutou e venceu na Itália, para com os mortos, feridos e mutilados de uma guerra feita em nome dos sagrados princípios democrá-

ticos, que aqui sempre nos foram negados pelo regime que tombou.

★

E' a Eduardo Gomes, a coragem cívica e ao desprendimento de Eduardo Gomes, que devemos o clima de liberdade e de salutar vibração democrática, de que estamos gozando nos dias de hoje. Esse soldado que jamais quis ser senão um soldado, mas em cujo peito vibra um coração cheio de sentimento civil, é um homem que pode andar de frente erguida, porque nada pleteou, nada quis e nada desejou da ditadura deposta. Não foi a países estrangeiros no desempenho de missões diplomáticas. Não foi ministro de Estado. Não exerceu qualquer comissão civil. Não foi comensal do Guanabara. Não cortejou o ex-ditador. Ao contrário, nunca escondeu sua repulsa ao totalitarismo que, de golpe, aniquilou as nossas instituições democráticas e a elas se substituiu violenta e ilegalmente. Permitindo o lançamento de sua candidatura, em hora grave em que a ditadura ainda dispunha de todo um sistema de compressão e de tirania, arriscou sua carreira, sua vida, seu futuro, com o intuito único e exclusivo de se colocar ao serviço da redemocratização do Brasil. Suas acusações à ditadura, à ilegitimidade do governo deposto foram as bombas atômicas que o enfraqueceram e destruíram. O incidente final, de 29 de outubro, não apenas o pretexto para a ação, não a causa determinante da crise. A entrega do poder ao ilustre presidente do Supremo Tribunal Federal não é senão a vitória da fórmula de Eduardo Gomes.

Naquela hora ele teria tido o poder, para si, se o quisesse sem a sanção do povo, sem ter sido referendado pelo voto popular. Desinteressado, sincero na sua atitude de patriota, não quis senão o saneamento das eleições, um pleito livre e honesto.

★

E' esse pleito o que se vai travar agora. De um lado vemos Eduardo Gomes, cuja estatura moral é a de um gigante. Do outro lado vemos os remanescentes de um vasto naufrágio — o naufrágio da ditadura, que tentou sobreviver através de candidatos escolhidos entre aqueles que ajudaram, no passado, a assassinar a democracia, e que hoje não se pejam de pedir votos ao eleitorado. Se o Brasil hoje está livre, devemos isso a Eduardo Gomes. Se o Brasil quer continuar livre, o seu voto há de ser, necessariamente, para Eduardo Gomes.

A candidatura do brigadeiro da libertação, que será amanhã o brigadeiro da vitória, não surgiu dos concílios governamentais, nem dos conchavos da ditadura. Irrompeu, como uma força da natureza, do seio do próprio povo, da confluência de correntes políticas até ontem antagônicas, cujo espírito cívico o ostracismo, em vez de esmagar, aprimorou ainda mais. Surgiu dos homens perseguidos e dos exilados, dos homens que queriam ver o Brasil sob o signo da democracia, da lei, da ordem e da justiça, alimentado, tranqüilo e feliz. A vitória de Eduardo Gomes, nas eleições desta semana, não será a vitória de um partido. Será uma vitória da democracia. Uma vitória do povo. Uma vitória do Brasil.





IZAIAS — Não foi uma figura tão importante, durante todo o campeonato, como Lele e Ademir. Mas no jogo com o Flamengo, quando o Vasco já era campeão, foi uma figura influente na construção do "placard", mantendo o clube cruzmaltino a sua invencibilidade.

...E as multidões deliram

FALAM GREGOS E TROIANOS SOBRE A VITÓRIA DO VASCO E O CAMPEONATO DE 1945 — ARY BARROSO, MARIO FILHO, GALIANO NETO E LEVY KLEIMAN DÃO O SEU PARECER — COMO FALOU O PÚBLICO PAGANTE — JAYME GUEDES, O HOMEM FELIZ — PRONTOS OS VASCAINOS PARA "SAIR P'RA OUTRA"

O "Expresso da Vitória" apitou e entrou na estação final. O "Almirante" desceu da cabine de luxo para beijar "Miss Campeonato", entre os aplausos da multidão que o aguardava na gare.

Nunca na história dos campeonatos cariocas tantos foguetes estouraram tanto por tão pouco. Havia bombas e foguetões acumulados durante oito anos, que explodiram agora, no mês de novembro findo, saudando o Vasco da Gama, campeão de terra e mar.

Era justo, sim, que após tantos anos de luta vã pelo título de campeão, o Vasco, sagrado agora com os louros de uma vitória magnífica, recebesse de sua torcida tôdas as manifestações que lhe têm sido tributadas. E estas foram pródigas e prodigiosas. Quem melhor o diz é a marchinha popular que convida a todos para beber de graça no boteco do José, onde há festa farta, comemorativa da vitória do clube cruzmaltino, afirmando que o preço do ingresso "é só dizer que é vascaíno e que é amigo do Lele".

Mas, ao lado das festas que se estenderam por toda a cidade, houve também o luto e a dor de cabeça da turma dos clubes contrários,



CASADOS — Eis aqui o epílogo da história anual de Molas: desta vez a boda de Miss Campeonato foi com o Almirante.



MOLAS — O desenhista argentino Molas, chegando ao Brasil o ano passado, lançou os seus já célebres bonecos: Miss Campeonato, Almirante, Popeye, o Pato, o Cartola e outros. Este ano criou o "Expresso da Vitória", que alcançou verdadeiro sucesso.

BAILE INAUGURAL — Ai está a representação simbólica do "Torneio Initium", feita por Molas. O "Almirante" desce do carro e vem chegando com ares de vitorioso. E o foi na verdade. Com ele dançou a Miss Campeonato, e com ele, finalmente, após todas as rodadas, acabou se casando. Foi uma grande festa, mas os outros personagens dessa história semanal não ficaram muito satisfeitos.

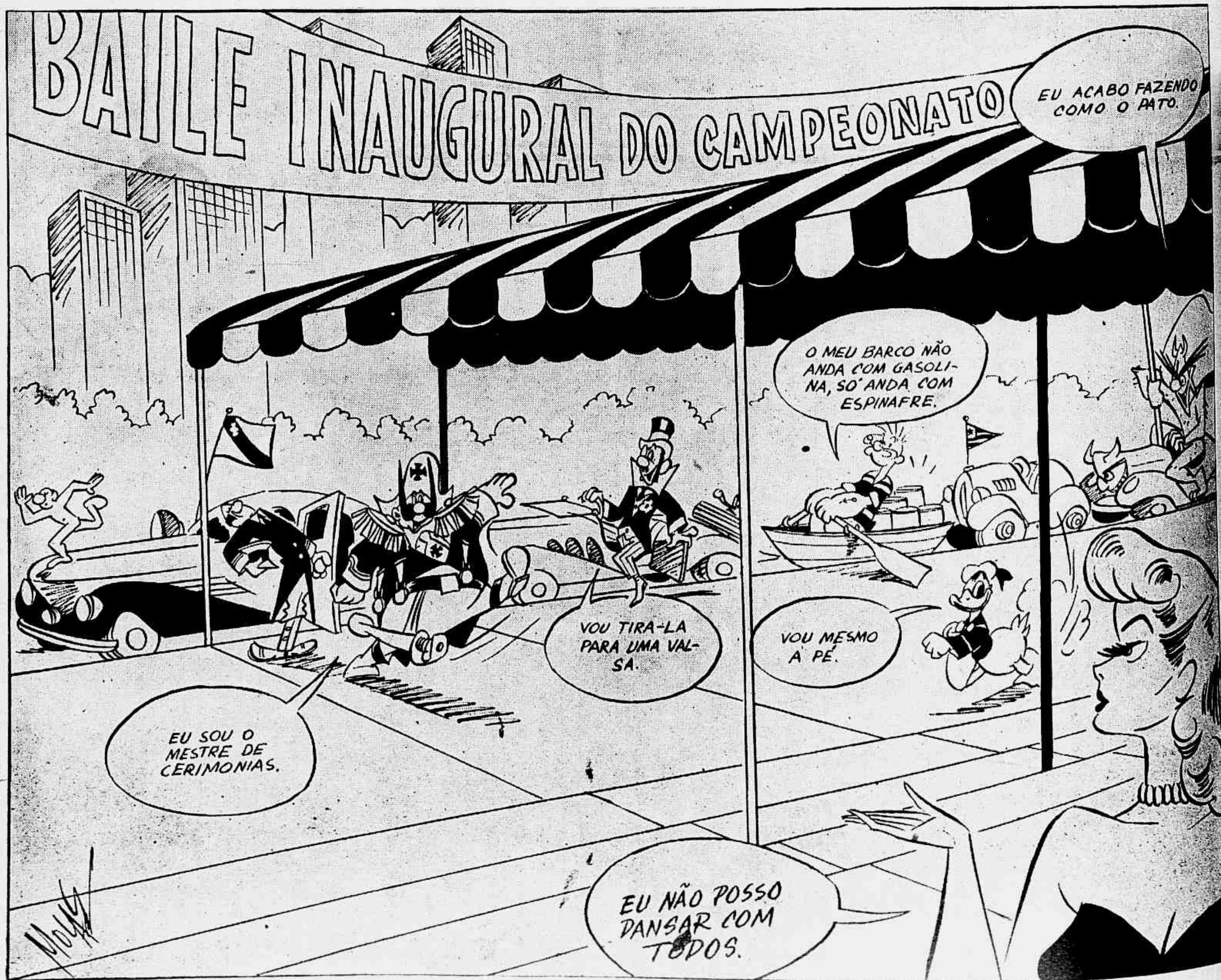
que choram ainda o amargor da derrota, olhando raivosos para o pessoal do "Almirante", que levanta a cabeça e canta o hino de glória.

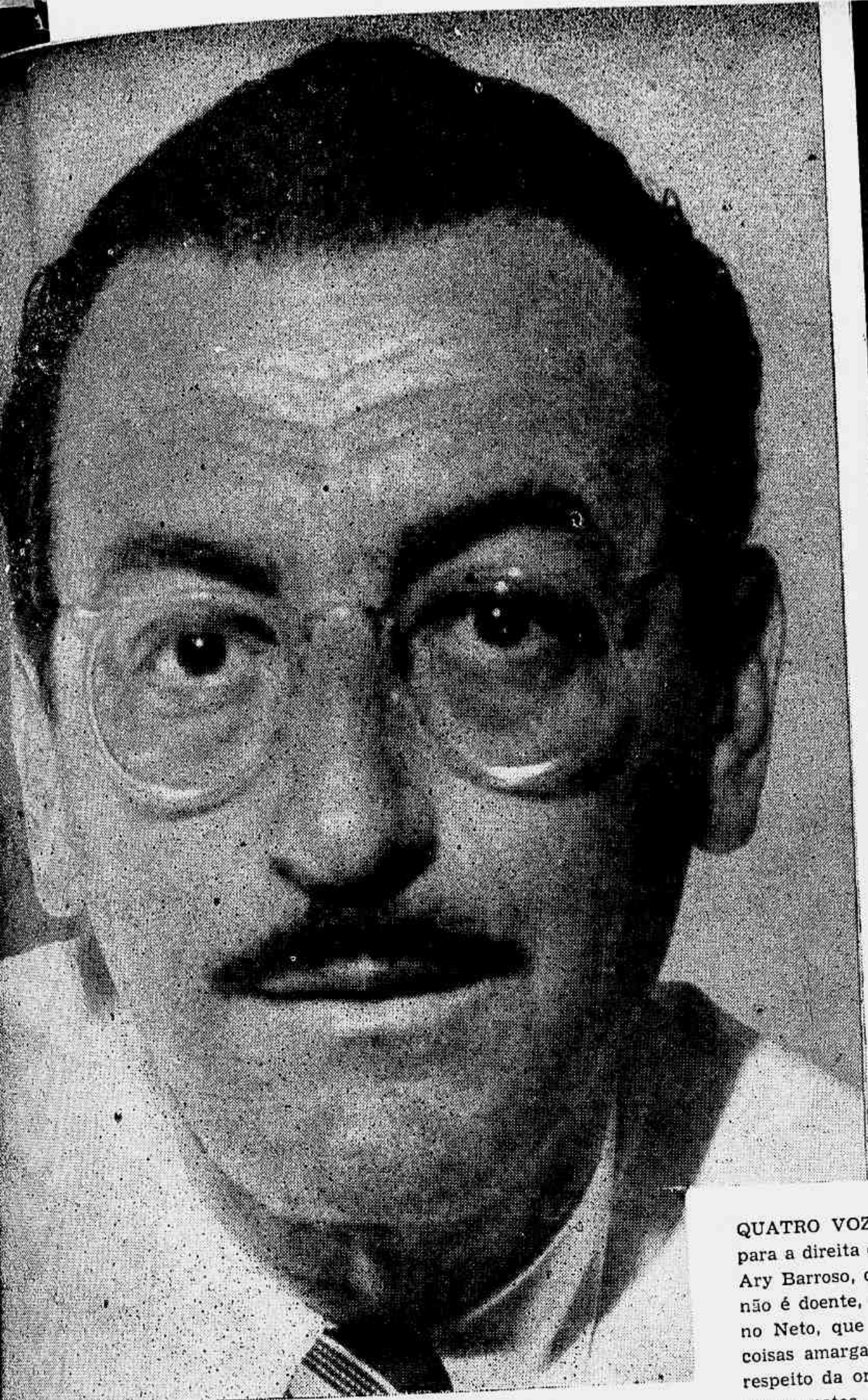
O EXEMPLO DE 1945

O que queremos pois, no espaço desta reportagem, através da palavra dos técnicos, cronistas e torcedores anônimos, é tão somente passar em revista, imparcial e friamente, o campeonato de 1945, dêle tirando os exemplos proveitosos que possam advir para o futebol brasileiro, e pondo em relêvo as falhas que até hoje prejudicam o esporte nacional.

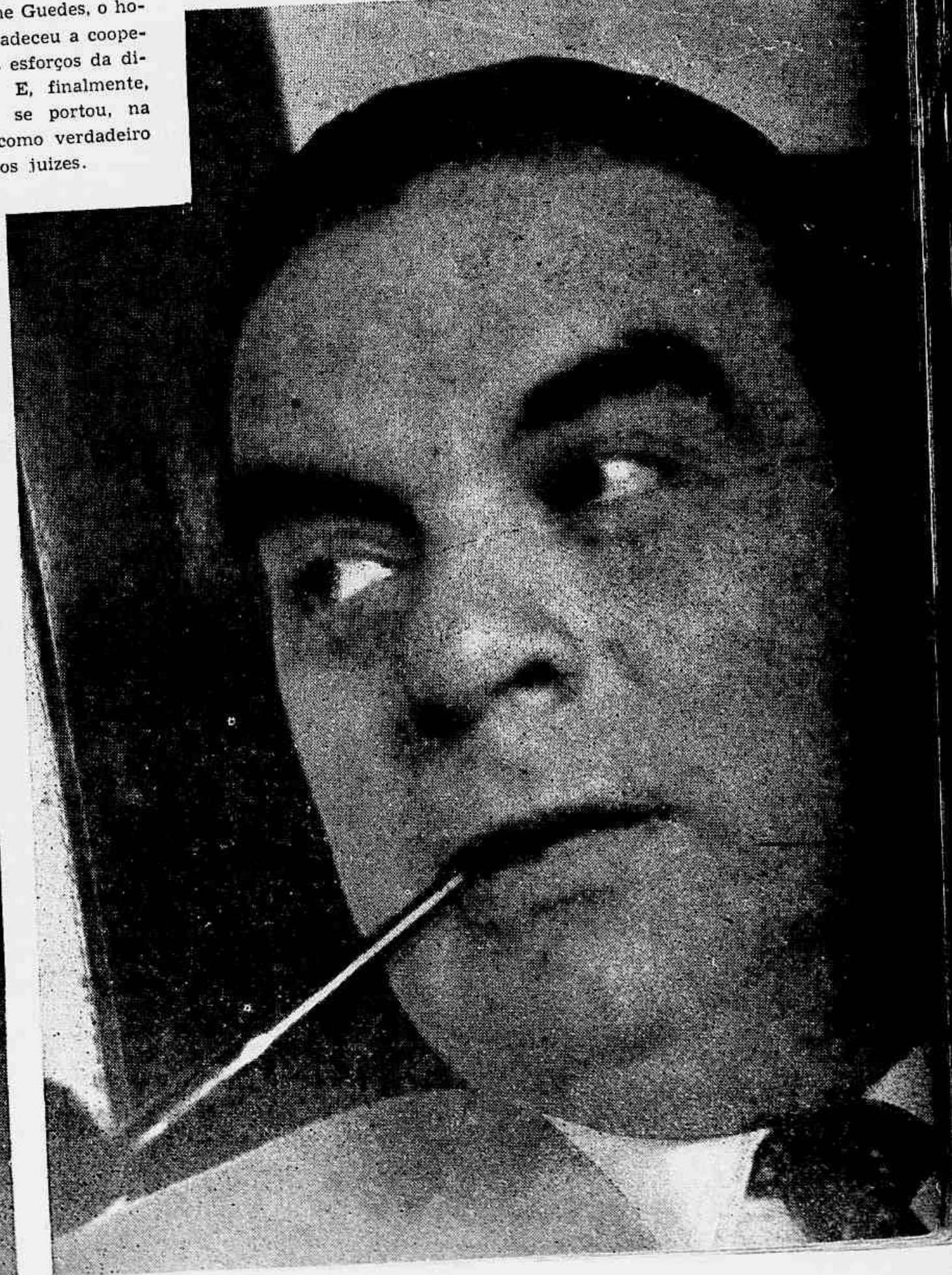
Muitos foram os que falaram à REVISTA DA SEMANA na presente "enquete". As opiniões são várias e divergentes. Por isto mesmo merecem todas serem estudadas e pesadas, para que, tirada uma resultante dos argumentos de nossos entrevistados, possa daí aparecer algo de proveitoso para o futebol e para o público.

O esporte bretão é hoje, sem dúvida, o divertimento popular por excelência, no Brasil em geral, e no Rio de Janeiro e em São Paulo, em particular. Assim, nada mais justo que se fazer do futebol um esporte realmente à altura de nosso progresso, amparando-o e estimulando-o, mas, sobretudo, moralizando-o sob todos os aspectos. A nossa intenção, elaborando a presente "enquete", outra não foi que propugnar pelo melhoramento do nosso futebol, aproveitando as sugestões que para isto nos apresentaram as mais autorizadas vozes. Tirando os exemplos do último campeonato, eliminando as faltas surgidas durante a





QUATRO VOZES — Da esquerda para a direita e do alto para baixo: Ary Barroso, que é Flamengo, mas não é doente, falou pouco. Gagliano Neto, que falou muito e disse coisas amargas, mas verdadeiras a respeito da organização dos nossos campeonatos. Jayme Guedes, o homem feliz, que agradeceu a cooperação de todos nos esforços da diretoria do Vasco. E, finalmente, Mario Filho, que se portou, na nossa "enquête", como verdadeiro advogado dos juizes.





O SONO DE SANSÃO — “E enquanto Sansão dormia vieram todos e, a mando de Dalila, cortaram-lhe os cabelos. E como a sua força estava nos cabelos”... Não sabemos se estão certíssimas as palavras, mas parecem que dizem mais ou menos isto mesmo. Molas reproduziu a seu modo o sono de Sansão (Vasco). Mas, embora fôsse grande a vontade de todos em cortar-lhe os cabelos, mais não conseguiram que aparar-lhe as pontinhas dos bigodões. E a Dalila (campeonato) acabou sendo mesmo dele.

LEVY KLEIMAN, O EXATO — Exato como a lei de Newton ou os axiomas de Pitágoras, Levy Kleiman limitou-se a falar a linguagem estatística dos números, fornecendo-nos dados matemáticos do campeonato. Ai está ele, fotografado durante a rápida entrevista.

sua disputa, muito se poderá fazer, com um pouco de boa vontade e trabalho. E para que todos possam tirar do campeonato êsses exemplos e estudar essas falhas, nada melhor que um retrospecto rápido passado aos jogos disputados na temporada que agora findou.

FALAM OS NÚMEROS

Que falem pois, em sua linguagem precisa e irrefutável, os números estatísticos. Quem no-los forneceu foi Levy Kleiman, conhecido comentador da Rádio Globo, a quem procuramos para que nos dissesse algo sobre o campeonato. Recebeu-nos em seu gabinete, cercado por uma multidão de telefones, máquinas de escrever, agendas, catálogos, tudo enfim que faz aparecer à primeira vista a meticulosidade de um colecionador de algarismos.

Levy não quis falar, não emitiu opinião. Respondeu-nos apenas:

— Se a “enquêta” tem o fim de mostrar como cada um encara os fatos, mostrarei como os encarei, sob o ponto de vista técnico, sem comentários. Ouvi todos os jogos dêste gabinete, controlando todos os lances através dos fios. Para mim, que particularmente sou América mas que como comentador sou imparcial, os jogos têm apenas a caracterizá-lo êste ou aquele ponto sensacional. Limitar-me-ei pois a fornecer-lhes os dados do campeonato, como foram vistos por mim. Ai tem você tudo o que passou por êstes telefones e microfones durante tôdas as rodadas do ano. E Levy Kleiman nos estende um papel cujos dizeres aqui oferecemos aos nossos leitores:

“O Vasco sagrou-se campeão, levando assim

a bom término uma campanha que, reduzida a números, nos mostra a seguinte táboa de vitórias e empates:

Canto do Rio: 1x1 e 5x0; Bangu: 5x1 e 6x2; S. Cristóvão: 1x0 e 5x1; Botafogo: 1x0 e 2x2; Bonsucesso: 4x1 e 9x0; América: 1x1 e 2x0; Fluminense: 3x1 e 1x1; Madureira: 4x1 e 4x0; Flamengo: 2x1 e 2x2.

O campeão somou o total elevado de cinquenta e oito goals, o que demonstra a alta eficiência da sua vanguarda.

Os seus autores foram os seguintes avantes: Lelé, 15; Ademir, 12; Chico, 10; Izaías e Berascochéa, 6; Jair, 4; Djalma, 2; Santo Cristo, Argemiro e Rafagnelli, 1.

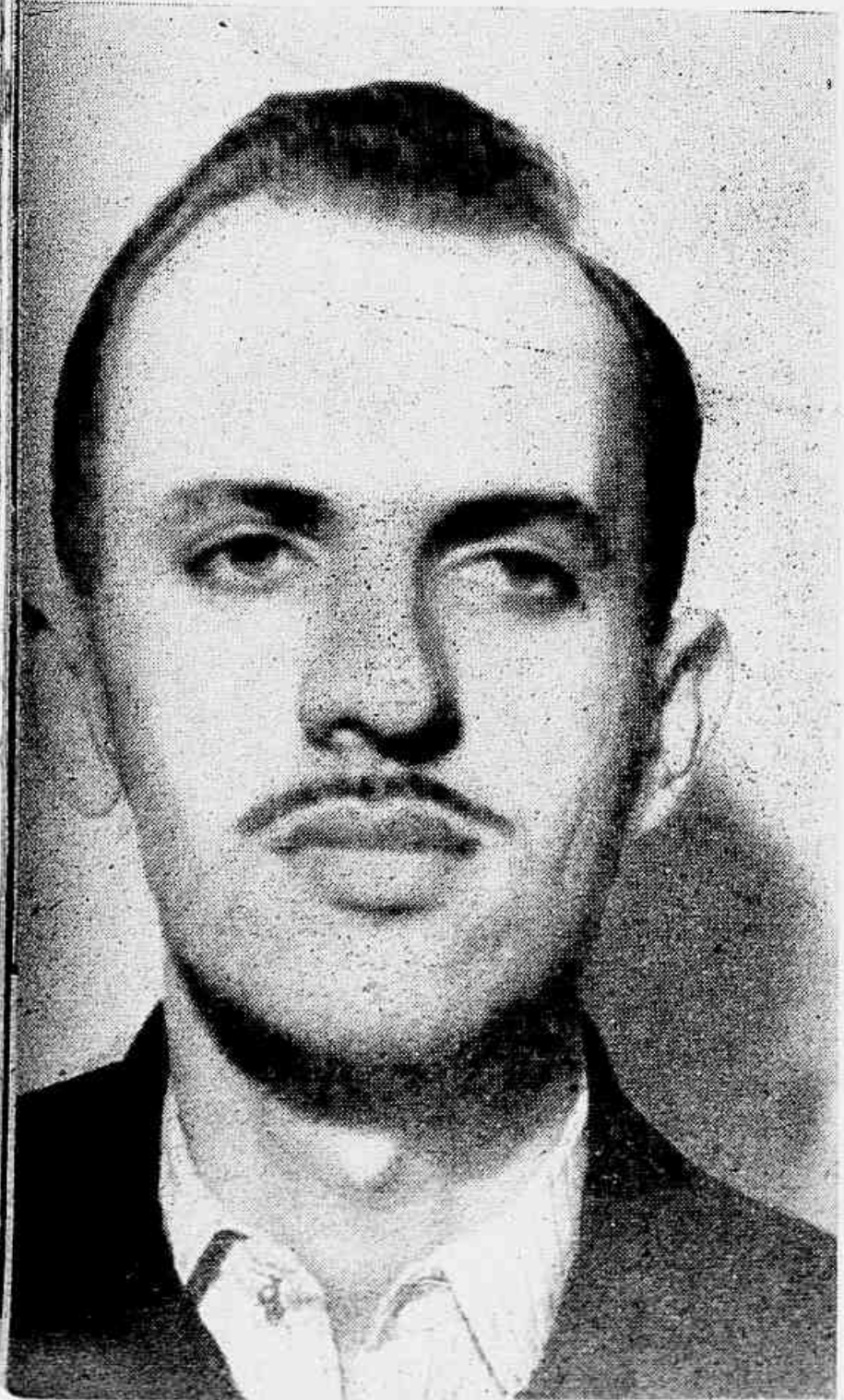
Como se vê, Lelé foi o artilheiro máximo do Vasco e também o foi do campeonato.

A meta vascaína foi vazada durante todo o certame da cidade quinze vezes. Os heróis de tal proeza foram os seguintes: Plácido (Bangu), Pascoal (Canto do Rio), Sobral (Bonsucesso), China (América), Carango (Fluminense), Bidon (Madureira), Zizinho (Flamengo), Orlando (Bangu), Menezes (Bangu), Magalhães (São Cristóvão), Tim (Botafogo), Lula (Botafogo), Rodrigues (Fluminense), Vevé (Flamengo), Adilson (Flamengo).

Nas dezoito partidas em que o Vasco tomou parte, atuaram os seguintes “players”:

Ademir, 18; Rafagnelli e Berascochéa, 17; Argemiro, 16; Lelé e Chico, 15; Ely, Izaías e Jair, 14; Rodrigues e Augusto, 12; Djalma, 9; Sampaio, 7; Santo Cristo, 5; Nilton, 4; Barqueta, 3; Barbosa, Castro, Martinho, Alfredo, João Pinto e Dino, 1.”

Ai estão os dados estatísticos fornecidos por Levy Kleiman, o comentador que prefere fa-



lar através da linguagem expressiva e eloquente dos números.

ASSIM FALOU GAGLIANO NETO

Saidos dêsse mar de números e de fios telefônicos que é o gabinete de Levy Kleiman, procurámos Gagliano Neto, o "speaker" que transmitiu os jogos da "Copa do Mundo". Ele é um pouco menos matemático que o primeiro, mas muito mais loquaz. Fomos encontrá-lo em outro departamento da mesma estação radiofônica, dirigindo os serviços por trás de um "bureau" pesado, coberto de vidro grosso. Girou na cadeira, pôs no bolso a caneta-tinteiro e respondeu à nossa primeira pergunta com precisão:

— Sim. A vitória do Vasco foi merecida. A que atribuo? Em primeiro lugar à organização imprimida à secção profissional. E quem diz organização diz honestidade na direção e competência técnica do treinador, jogadores à altura de um "team" que aspira campeonatos. Diz também emprêgo inteligente de meios financeiros indispensáveis à realização de suas aspirações. Foi em virtude de todos êsses fatores que o Vasco conseguiu levantar o campeonato. Houve ainda um fator de triunfo: a sorte, que aliás é fator preponderante em tudo na vida.

— E a respeito da organização do campeonato, qual a sua opinião?

— A organização dos campeonatos é a mais deficiente possível. Há problemas gravíssimos que são deixados sem solução de ano para ano. O maior de todos é a arbitragem. Esse problema aliás é muito complexo, para que se aponte solução para êle no curto es-

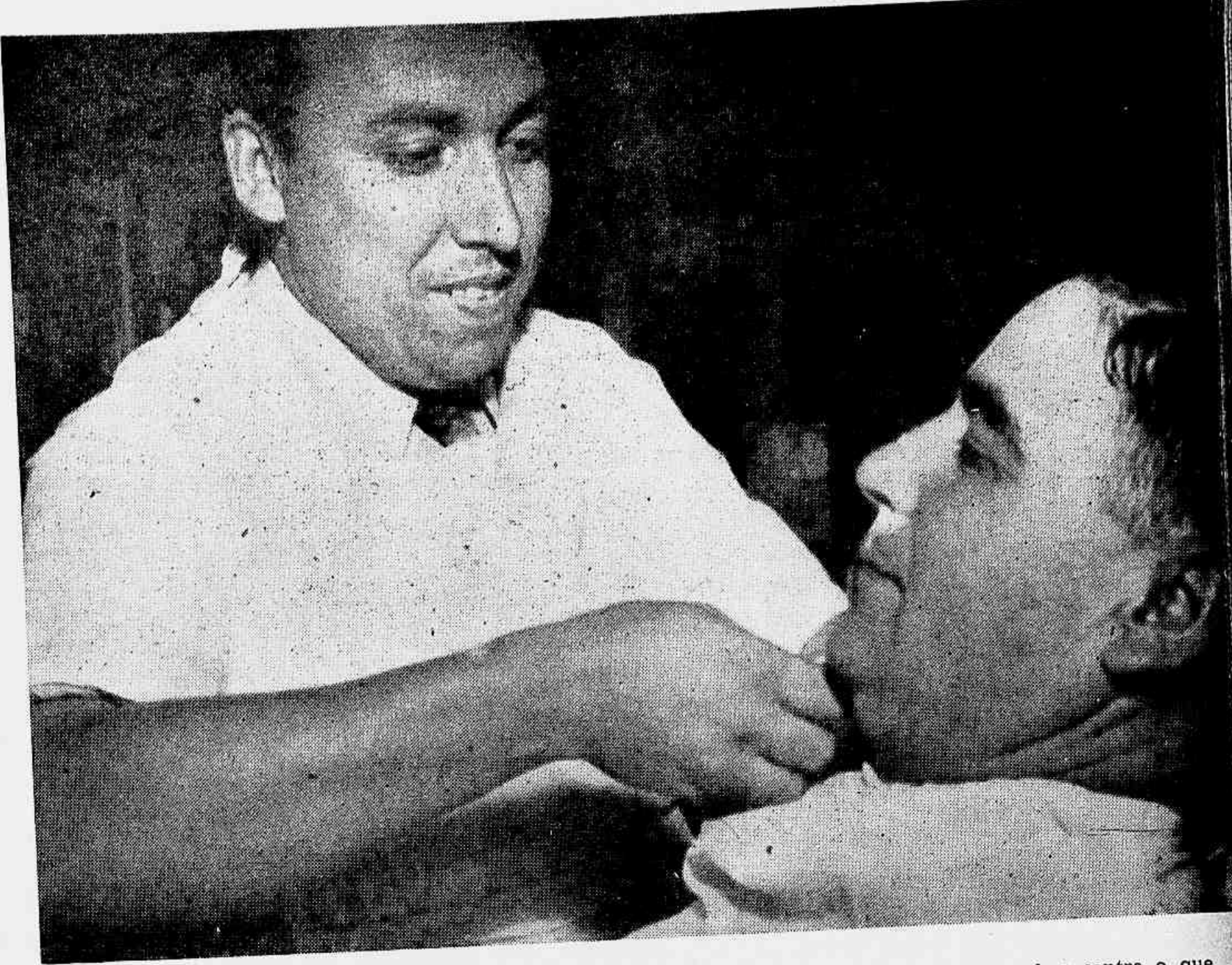
O FIGARO ERA FLAMENGO — O barbeiro, quando o abordámos, dirigiu contra os juizes, em geral, e contra o que atuou no último Flamengo x Vasco, em particular, as palavras mais desairosas. A navalha ia e vinha, silvando no ar, numa manifestação de ódio incontrolado contra o Vasco da Gama. Terminando, perguntou ao freguês: "O senhor é vascaíno?". E o outro, tremendo: "Não. Sou Bonsucesso. Bonsucesso até debaixo d'água."

paço de uma entrevista. Há entretanto solução, desde que se trabalhe para isto.

Estávamos satisfeitos com estas palavras. E já nos despedíamos de Gagliano, quando êle, estendendo-nos a mão, disse num arre-mate:

— Não se esqueça porém de frizar outros problemas importantíssimos do nosso futebol, quais sejam a organização das rodadas, o aproveitamento dos estádios, uniformização dos preços de ingresso, descentralização dos poderes na entidade e, sobretudo, um problema

FALAM DUAS PEQUENAS — Várias môças responderam à nossa "nequête". Uma não gostava de futebol. A outra gostava mas não ia aos jogos, com medo dos bombardeios da torcida. Assim acontece a muita gente. Admira o esporte bretão, mas não tem coragem de enfrentar a fúria dos torcedores dos clubes cariocas. Cumpre às entidades diretoras do nosso futebol defender o bom nome do mesmo, combatendo os excessos ocasionados pela exaltação de ânimos. O pugilismo nem sempre é apreciado pelos "fans" do futebol.



magno do profissionalismo: a extinção do suborno.

Saimos para a rua, a procurar novas opiniões. Tínhamos já ouvido Gagliano Neto, um dos nossos mais conhecidos "speakers" esportivos, que já acompanhou os "cracks" nacionais à Europa e que, ainda hoje, estuda profundamente os problemas do futebol nacional.

MARIO FILHO E OS JUIZES

Atravessámos a Avenida. Num prédio esguio, após um estágio demorado na fila do elevador, conseguimos encontrar a redação do "Jornal dos Esportes", metida no fundo do quarto andar. Em seu gabinete estava o diretor daquele órgão especializado: Mario Filho.

bes, não haveria "casos" e haveria mais largos horizontes para o nosso esporte.

— Então acha você que o caso da arbitragem constitua de fato um problema sério?

— Seríssimo. Aliás esse problema foi criado pelo partidarismo dos clubes, que levaram o público a ver sempre no juiz um inimigo pôsto em campo para prejudicar o quadro de sua predileção. Senão, vejamos: houve tempo em que cada clube poderia recusar três juizes sorteados para arbitrar os seus jogos. E todos os clubes aproveitavam ao máximo essa faculdade. E as listas negras cresceram e se multiplicaram. Depois, passaram a permitir apenas duas recusas. Os clubes racionaram os ódios. Se tinham certeza de que o seu adversário recusaria um juiz constante da própria lista negra, aceitavam-no, confiados nes-

ingresso nas "populares", para um clássico qualquer. Vai assistir ao jogo? Não. Vai tão somente lançar na cara do juiz todos os palavrões que desejava dizer ao patrão, que o havia arrazado durante a semana. Outro dirige ao árbitro os insultos recalçados de segunda a sábado contra a sogra renitente. O homem da oposição faz do juiz o alvo das palavras que queria dirigir aos maiores do governo. Assim, todos. E muito feliz se considere o juiz se os insultos não se degenerarem em tijolos.

— E você nada sugeriria que pudesse pôr fim a esse estado de coisas?

— Sugeriria o que já foi sugerido à própria Federação: a vinda de juizes ingleses que não soubessem falar o português e não tivessem amigos no "Nice". Isto para satisfazer os menos avisados. Porque os que conhecem o futebol e pensam como eu, não acreditam em suborno.

— Mas você não acredita mesmo? — perguntámos incrédulos.

— Não, e por motivos muito simples e facilmente compreensíveis: ninguém tem coragem de abordar um jogador ou técnico, simplesmente porque as paredes têm ouvido. E, mesmo que o suborno fôsse tentado, não surtiria efeito, pois que clubes e jogadores ganham hoje suficiente dinheiro para pairarem acima dessas coisas.

E, com estas palavras convincentes, Mario Filho pôs termo à entrevista, acendeu o cachimbo e recomeçou a escrever.

ARY BARROSO, O IMPARCIAL

Ary Barroso não poderia deixar de ser ouvido. Fomos procurá-lo, pois, em seu gabinete da Rádio Tupi. Ary, como ninguém ignora, é um homem ocupado. Não pára um minuto. Mas, numa das frações de minuto em que ele passou pelo escritório, conseguimos abordá-lo. O "flash" do fotógrafo explodiu. Pedimos a Ary algumas palavras sobre o campeonato:

— O que nos diz sobre a vitória do Vasco?

— Digo que ele venceu porque mereceu vencer. Não poderia falar entretanto, sobre o campeonato em si, assim em duas palavras. Ele foi algo de muito complexo, que requer uma análise mais pormenorizada e longa. Se você pudesse esperar, eu passaria em revista tudo o que vi e ouvi durante o decorrer do agitado e surpreendente campeonato de 1945.

Se pudéssemos esperar... Mas a REVISTA precisava sair à rua. O tempo corria. Ficou pois apenas nisto a nossa conversa com Ary Barroso. Mas as suas poucas palavras são preciosas. Quem o acreditava um flamengo doente, pode desfazer essa opinião. Flamengo, cremos que ele o seja: doente, não.

FALA POR TELEFONE O HOMEM FELIZ

O homem feliz deve ser simbolizado agora por Jayme Guedes. Eleito e empossado há pouco tempo no mais alto posto da diretoria do Clube de Regatas Vasco da Gama, chegou mesmo a tempo de conduzir o seu grêmio à conquista do título pelo qual vinha lutando anos sem conta.

Não podíamos, pois, deixar de ouvir o grande "leader" vascaíno. Ele é outro homem ocupado. Conseguimos conversar através dos fios telefônicos durante poucos minutos.

A nossa primeira pergunta, respondeu-nos com ênfase:

— Se estou satisfeito? Não poderia deixar de estar. Os nossos esforços receberam a justa recompensa. O quadro vascaíno mostrou-se sempre à altura dos nossos esforços. O campeonato foi o resultado dos esforços

UM LANCE SENSACIONAL — O futebol continua a ser o esporte das multidões. Este flagrante, de um jogo do São Cristóvão e Vasco, nos mostra uma arremetida sensacional, que põe a cidadela em perigo. Enquanto isto, ao fundo, as multidões deliram.



ONDINO VIERA — Todos são unânimes em afirmar, mesmo aqueles que choram o amargor da derrota, que a vitória do Clube de Regatas Vasco da Gama no campeonato carioca de 1945 se deve, em grande parte, à atuação firme e resoluta de Ondino Viera, o treinador do "onze" do "Almirante". Os recursos técnicos postos em evidência pelo quadro vascaíno puseram à mostra os merecimentos desse grande treinador, cujo cartaz subiu de rodala em rodala. Hoje, o Vasco está agradecido ao uruguaio, pois foi ele quem levou-o ao campeonato sem a mancha de uma derrota.

Logo que o informámos ao que íamos, o nosso entrevistado sentou-se e começou a falar:

— Sim. O campeonato agradou. Houve falhas a lamentar, não há dúvida. Sempre as há de haver. Mas muitas delas podem ser corrigidas.

— E a que atribui você a vitória do Vasco?

— Simplesmente à vontade de vencer e à eficiência técnica.

— O caso da expulsão de Biguá no último Flamengo x Vasco, como é encarado do seu ponto de vista?

— Como deve ser encarado por todos: o jogador comete uma falta, é justo que o juiz o expulse de campo. Infelizmente, nem todos pensam da mesma maneira. E esta é uma das poderosas razões que impedem o desenvolvimento rápido do nosso futebol. Se todos agissem com boa vontade, principalmente os clu-

sa mesma recusa. Acontece que, em geral, o outro sabia do caso e aceitava o árbitro. Esse estado de coisas fez recrudescer o ódio popular contra os juizes. Principalmente contra aqueles que se faziam de severos. Muitos deles, comprovadamente honestos e retos, figuram nas listas negras de mais de um clube. Ninguém duvida, por exemplo, da honestidade e da competência de Mario Viana. No entanto não são poucos os que têm prevenções contra ele. Tudo seria porém facilmente remediável, se o ódio semeado pelos clubes não se estendessem ao público. Este foi o aspecto mais perigoso do caso. Hoje, os juizes estão de tal maneira desmoralizados que funcionam como válvula de escape de todos os recalques humanos.

— Como assim?

— O homem da rua, cansado de uma semana de trabalho exaustivo, compra o seu





LELE — Um dos ídolos da torcida vascaína. Foi neste campeonato, como no do ano passado, um dos pontos altos da ofensiva cruzmaltina, sagrando-se o artilheiro máximo do certame. Hoje faz parte do "scratch" e se encontra na concentração de Caxambu. Os seus perigosos arremates foram uma das causas da invencibilidade do Vasco da Gama e de seu triunfo no Campeonato de 1945.



ADEMIR — O grande atacante vascaína, por força de circunstâncias técnicas, não alcançou, na tabela dos artilheiros, a colocação magnífica de Lele, que logrou pôr-se na ponta. Mas foi ele, sem dúvida, o elemento número um da linha atacante do Vasco. Ocupou sucessivamente as cinco posições do ataque, revelando-se perfeito em todas elas. Para os vascaínos ele hoje é o "tal"...

conjugados de todos os vascaínos, torcedores, diretores, jogadores. E' também o resultado do bom emprêgo dos conhecimentos técnicos de Ondino Viera.

— E quais os seus projetos para 1946?

— Ainda não tenho projetos. A diretoria do Vasco se reunirá brevemente, e os departamentos especializados tomarão as necessárias providências para que entremos no campeonato de 1946 como saímos do de 1945 — vitoriosos.

— Além disto, nada mais a declarar? — perguntámos.

— Nada, a não ser o meu agradecimento aos jogadores e à torcida vascaína e a minha saudação a todos eles.

FALA O PÚBLICO PAGANTE

Conversa de barbeiro. O fígaro é Flamengo e não admite o Vasco com a faixa de campeão. Quando o abordámos, uma catarata de

invectivas contra os juizes chove sobre a nossa cabeça. Os juizes são sujos, e outras coisas piores. O Flamengo não podia fazer nada, amarrado pelos apitos dos árbitros sem idoneidade.

— E o que você acha do último Flamengo x Vasco?

— O que eu acho? Uma sujeira. Com Biguá expulso do campo por causa de um "foul" inexistente, como é que poderíamos ir para a frente?

E o barbeiro, com a navalha em riste, olhava para o freguês assustado, como a lhe pedir que o revidasse, para ter pretêxo de cortar-lhe as guelias. E, agitando a perigosa lâmina, continuou a falar:

— Esses vascaínos são todos uns sujos. Não aguentam o Flamengo sem a ajuda do juiz. E virando-se para o pobre freguês:

— O senhor é vascaíno?

— Não, não. Deus me livre! Eu sou Bon-sucesso. Bon-sucesso até debaixo d'água.

Não precisávamos ouvir mais. Saimos para a rua. Numa drogaria, várias "vendeuses" respondem à nossa "enquête". Uma é vascaína e está satisfeita. Outra é Flamengo e não está. A terceira é São Cristóvão e se satisfaz com a colocação do seu clube, que não ficou na "lanterna". A última declara:

— Não tenho paixões. Gosto de futebol como gosto de tênis. Não posso porém assistir aos jogos, porque tenho medo. A última vez que estive num campo choveu tanta pedra que nunca mais pisei numa arquibancada.

E terminou com a expressão popular:

— Ir a jôgo para levar pedrada? Eu, hein?

Assim falaram todos a respeito do futebol carioca. Aqui ficam as opiniões divergentes de torcedores e comentaristas. De qualquer maneira, falem o que falarem, o Vasco conseguiu inapelavelmente o campeonato, matando com uma estocada certa o célebre "Sapo do Arubinha", que há tanto tempo o vinha perseguindo em pesadelos sinistros.

A PISTA DO FIO DE CABELO

Conto de STEPHEN LEACOCK

O grande detective estava sentado junto à lareira, pensando num caso intrincado, quando apareceu seu maior amigo, apressado e ofegante:

— Sherlock!

— Não me perturbe, meu caro Watson. Não vê que eu estou sob o efeito de uma poderosa droga? Não vê que acabei de tomar cocaína?

— Mas se você está sob os efeitos da cocaína, por que tem a lucidez necessária para protestar?

O grande detective deixou que a poderosa máquina de-
dutiva de seu cérebro funcionasse alguns instantes en-
quanto seu rosto mostrava o esforço do raciocínio. Final-
mente, anunciou, aliviado, o fruto de sua cogitação:

— Tenho a lucidez suficiente, porque minha excep-
cional capacidade mental pode, com um esforço de minha
vontade férrea, neutralizar os efeitos da droga.

Watson deixou transparecer na sua fisionomia de cão
fiel o espanto diante da demonstração perturbadora de
seu amigo.

— Você me impressiona com sua perspicácia.

Sherlock sorriu, vaidoso:

— Elementar, meu caro Watson. Elementar.

Watson positivamente não via como era fácil tirar
aquela dedução. Aliás estava, naquele momento, extrema-
mente preocupado com um caso que vinha intrigando todo
o reino unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, inclu-
sive domínios, colônias e possessões. Fora a misteriosa
Índia o cenário do pavoroso crime. Boastardes Trapézio,
rico comerciante inglês, fora a Lahore, tratar de negócios,
e desaparecera subitamente. Depois de muito procurá-lo,
resolveram dar o caso por insolúvel, quando um odor pe-
culiar de putrefação improvisara uma pista que a cegueira
dos detectives ainda não tinha descoberto.

— Ele está nessa sala! — disse o chefe de polícia.

— E está morto — completou seu ajudante.

Mas procuraram em vão. Finalmente, vendo que era
mesmo impossível descobrir onde estava o cadáver, resol-
veram apelar para Sherlock Holmes, por intermédio do
dr. Watson. O telegrama que chegara a Baker Street per-
turbara o bom doutor. Ele resolvera fazer com que o amigo
fôsse à Índia resolver o caso.

Depois de prolongada discussão, Sherlock acedeu, de
má vontade:

— Posso resolver o caso daqui.

— Onde está o cadáver, então?

— Dentro da armadura da Idade Média.

— Como?

— Dentro de uma armadura da Idade Média. Onde
pode haver esconderijo melhor?

— Mas haverá uma armadura de guerreiro da Idade
Média lá no hotel onde ele estava hospedado e de onde
desapareceu?

— Deve haver. Porque o criminoso precisa de uma
armadura para escondê-lo. Onde há uma armadura. Eis
a demonstração. Matou o homem. Colocou-o dentro da
armadura.

— Extraordinário.

— Elementar, meu caro Watson. Elementar.

Watson correu ao telégrafo e mandou uma mensagem
à polícia.

"Verificamos armadura", foi a resposta do chefe de
polícia. "Corpo homem dentro. Suspeitamos ser respectivo
dono morto Idade Média, tal estado adiantada putrefação."

Sherlock ouviu em silêncio o resultado da investigação.

— Imbecis!

Watson sobressaltou-se.

— Que houve?

— Não encontraram o homem ainda porque não
querem.

— Como assim?

— Mandé perguntar se o homem dentro da armadura
não é barbado.

Watson telegrafou. A resposta veio.

"Barbado."

— Então é o sr. Boastardes — afirmou Sherlock. —
Siga esse simples raciocínio. Se o homem era barbado
deveria ser um guerreiro da Idade Média, porque estes são
em geral hirsutos, barbudos. Por outro lado, o sr. Boas-
tardes, negociante moderno, deveria estar barbeado. Por-
tanto, nas circunstâncias naturais, o homem, sendo bar-
bado, seria o guerreiro e não o Boastardes. Porém você
esquece que o Boastardes está naquele lugar há muito
tempo. Peço que lembre que essa é uma prova circuns-
tancial de suprema importância. Logo a barba de Boas-
tardes foi crescendo, crescendo, e ele agora está tão bar-
bado como um guerreiro medieval. Donde elimina-se a
distinção. Ora, uma vez que a barba não é mais crité-
rio de distinção, só há um meio de distinguir: a probabi-
lidade. Diga-me, Watson, o que é mais provável que seja
o homem: Boastardes ou o guerreiro que desconhecemos?
Watson, pasmado, respondeu?

— Boastardes.

— Precisamente. Onde se conclui que, pela lei infa-
lível das probabilidades, o homem na armadura é Boas-
tardes.

Watson correu para telegrafar a decisão do grande
detective, porém antes não esqueceu a inevitável exclá-
mação.

— Extraordinário!

Sherlock, sorridente, retrucou, como sempre:

— Elementar, meu caro amigo. Elementar.

Porém, descoberto o *corpus delicti*, ainda faltava de-
terminar o causador da morte.

— Sherlock, vamos à Índia. Só você poderá descobrir
o assassino.

Diante desse apêlo, o detective tomou seu cachimbo,
sua cocaína, seu violino e partiu, acompanhado do dr.
Watson.

— Vamos a Lahore? — perguntou Watson.

— Não. Ficamos em Calcutá.

— Mas...

— Meu caro amigo, em Calcutá há um bom hotel que
eu conheço. Não conheço Lahore. Só gosto dos lugares
que conheço.

Depois desse encadeamento de raciocínio Sherlock
concluiu:

— Ficamos em Calcutá.

— E a investigação?

— Eu investigo qualquer crime, ocorrido em qualquer
lugar, seja de onde for.

Dito isso, Sherlock tomou um quarto no hotel e in-
stalou-se lá.

Watson foi comunicar à polícia de Lahore de onde seu
amigo solucionaria o mistério. Começaram a chegar os
relatórios.

— Sherlock, os relatórios sobre as pistas encontradas...

— Para que quero eu relatórios.

— Para descobrir o criminoso.

— Não preciso deles.

— Quando vai trabalhar?

— Agora mesmo.

Watson aproximou-se, na expectativa.

— Escute, Watson, você vai me dizer uma coisa: qual
é a coisa mais provável quando Sherlock toma conta de
um caso?

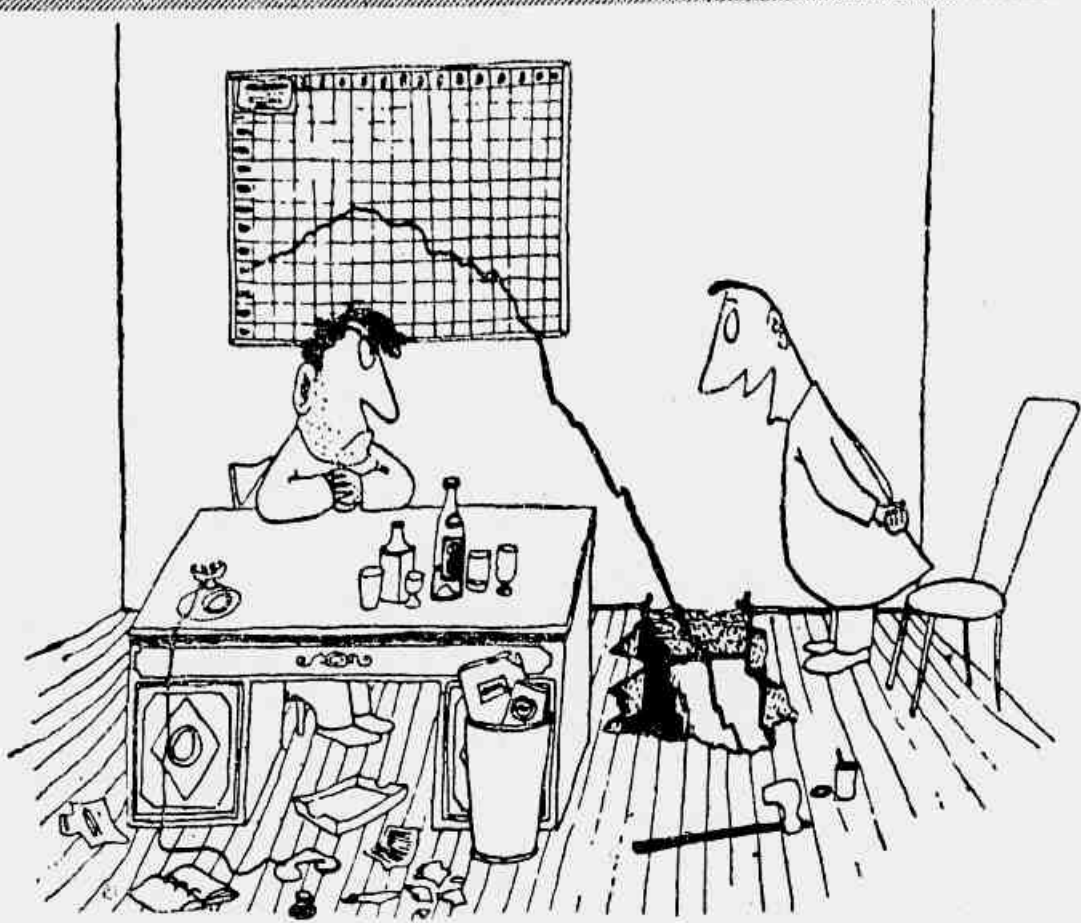
— O criminoso ser prêso.

— Muito bem. Dito isso, passemos ao capítulo de ca-
belos. O criminoso botou o corpo numa armadura. Para

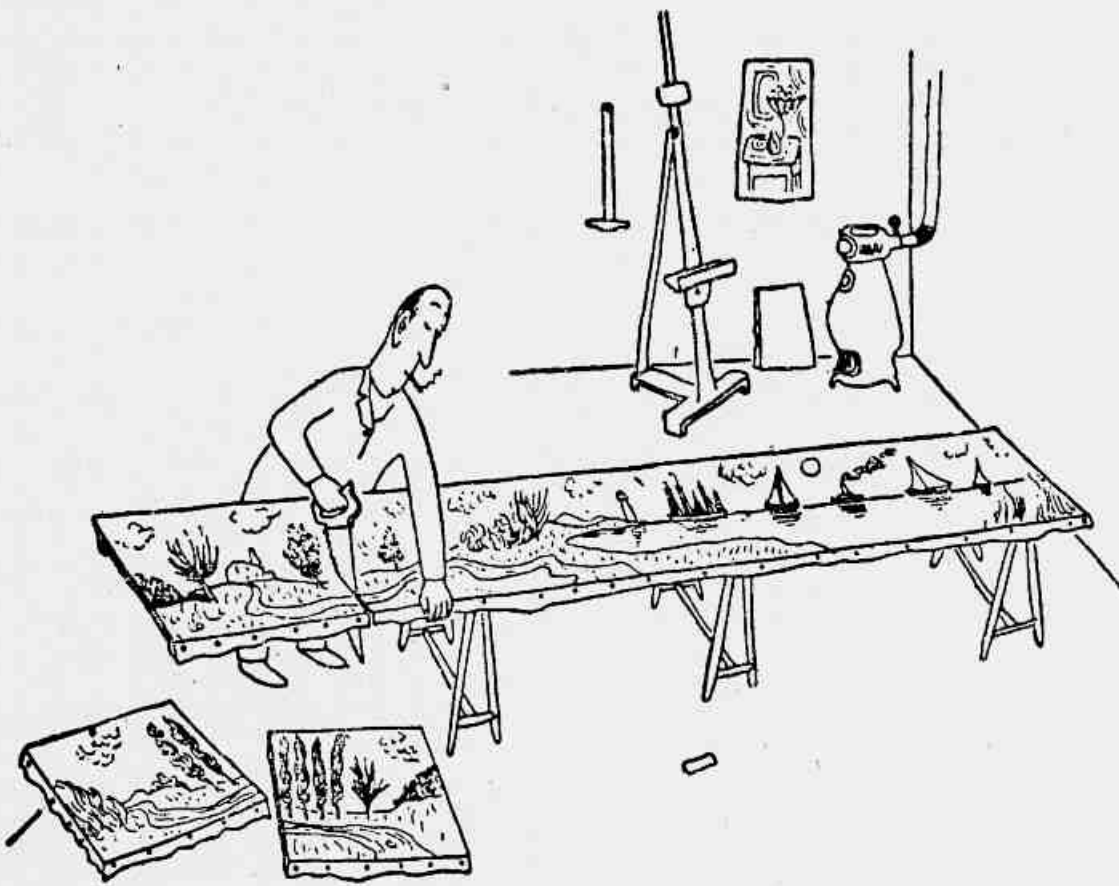
(Continua na pág. 48)



DE BOM HUMOR



— "Seu" Gaudêncio, os negócios estão caindo...



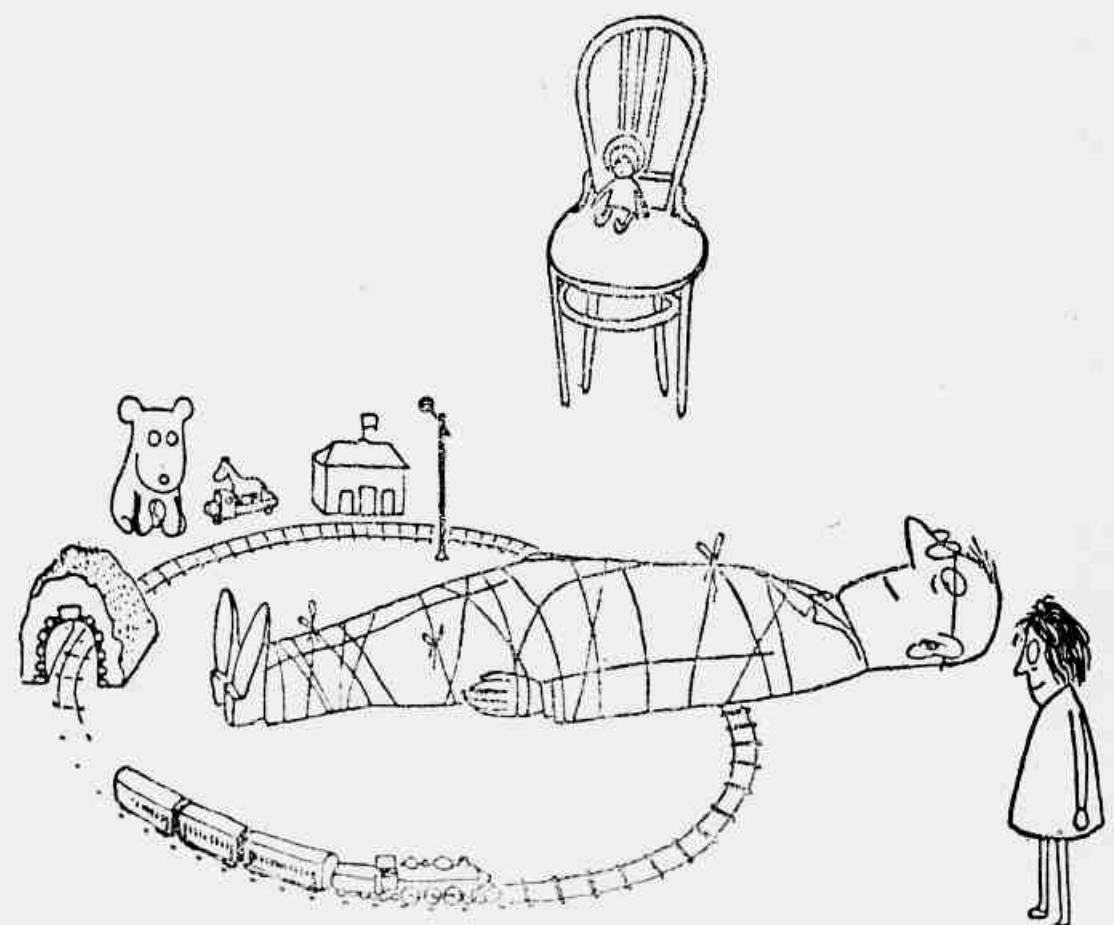
Desenhista por atacado



— Vai mais um?



— Que tal? Enxerga?





A POSSE DO IMORTAL VIANNA MOOG

Flagrantes da solenidade de recepção do novo acadêmico Vianna Moog na Academia Brasileira de Letras, ocorrida na noite de 17 de novembro último. Ao alto, o escritor gaúcho dando entrada no recinto, vendo-se, na primeira fila, sua esposa e sua filha Ana Maria, cuja fisionomia não esconde o grande contentamento pelas homenagens dispensadas ao pai. Em baixo, Vianna Moog proferindo seu discurso, e, finalmente, um grupo do casal com os dois filhinhos, Ana Maria e Gilberto. A recepção do autor de "Um rio imita o Reno" constituiu o grande acontecimento literário do ano.





DIAGNÓSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ PELO EXAME DE URINA
Exames de sangue, escarro e urina. Vacinas autógenas
Laboratório CURVELLO DE OLIVEIRA
Rua São José, 85, 4.º andar Sala 405-406
(Edifício Candelária) — Fone 22-2717

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!



O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.

C I N E M A

"DUAS VEZES LUA-DE-MEL"

Terá sido mera coincidência, mas a verdade é que atravessamos a semana dos filmes sobre as esposas de guerra. Dias antes o Palácio havia estreado "Pensando sempre em você", que vem a ser a mesma história, aliás servada em inúmeros outros filmes. E veio então "Duas vezes lua-de-mel", cuja ação se limita a repisar o conflito, se é que chega a ser conflito, conduzido para o terreno do bom humor. As moças que se casam subitamente, horas antes do noivo embarcar para o campo da luta, já nos têm feito assistir a alguns espetáculos cinematográficos superáveis uns, massantes outros. Daí a justificação do título, duas vezes lua-de-mel, isto é: a primeira, quando o rapaz embarca, depois de conhecer apenas um "test", uma pílula amostazinha da vida de casado. A outra, fica para o regresso, quando a guerra está resolvida.

A diferença existente entre "Duas vezes lua-de-mel" e "Pensando sempre em você" está que a primeira é mais alegre, enquanto a outra vem com pretensões, embora nem sempre realizadas. Assim mesmo, não possam encontrar neste celulóide uma boa comédia com Jean Arthur. Pelo contrário, ela está reclamando papel melhor. Não se embalsama impunemente uma atriz da sua categoria em um trabalho de rotina. Este é talvez dos filmes mais fracos em que Jean Arthur já apareceu, porque o assunto não ajuda.

Seria injustiça culpar o diretor Irving Cummings pela morosidade do filme. Ele tem de ser assim mesmo, em face do material escasso que teve ao seu dispor. Seria milagre conseguir mais e melhor. Lee Bowman, o galã, é o noivo que parte e que volta, para encontrar a esposa já mãe de seu filho, como sempre acontece no cinema das esposas de guerra. Charles Coburn, no segro, faz o que pode, mas também não pode fazer muito mais.

É uma comédia de linha, prejudicada pela monotonia da ação, essa da Warner. O que mais aborrece, para quem frequenta cinema com assiduidade, é a repetição, a coincidência forçada, o acúmulo de filmes do mesmo tema exibidos simultaneamente. Por vezes, parece que os programadores timbram em apresentar, de uma assentada, dois e mais filmes parecidos. Se vem um do Pacífico, reparem que logo após surgem dois ou três do mesmo aspecto da guerra. Se aparece ainda um anti-nazista, lá estão outros esperando vez, com os "maquis", o trabalho subterrâneo na Noruega, os comandos, tudo muito nobre, muito heróico, porém já muito explorado na tela.

Esta foi a semana das esposas de guerra. E olhem que ainda na semana anterior outros do mesmo ciclo haviam sido estreados. Com tudo isso, parece não ser preciso dizer mais: "Duas vezes lua-de-mel" não é melhor nem pior que os outros romances, já assistidos certamente pelos leitores, do mesmo estilo: o drama doméstico daqueles que não quiseram esperar pelo término da guerra para consumir o matrimônio. E mais nada. — C.

COTAÇÃO: 2 (Bom)

Jean Arthur e Lee Bowman em "Duas vezes lua-de-mel"



CIVILIZAÇÃO impõe PROGRESSO

Não é apenas "Malzbier" a cerveja da sua preferência. É "MALZBIER PROGRESSO" a deliciosa e nutritiva cerveja da Antárctica. Os povos civilizados aliam à necessidade de nutrição a exigência de um paladar apurado.



UM PRODUTO DA
ANTÁRTICA

M U S I C A

RECITAL DE PIANO

Nise Obino Boeckel

Nise Obino voltou... Voltou, não como uma promessa, mas como deliciosa realidade. Foi o que vimos no seu último concerto. O programa, bastante extenso — indo da música betoviana, onde o vendaval dos sentimentos parece enfiar o oceano da genialidade, até a sonoridade estranha e apeteçível de um Debussy — foi interpretado com inteligência. Técnica esmerada, grande flexibilidade, boa posição são característicos dessa concertista; no entanto ela possui algo mais raro: sonoridade, em que os sons são profundos, de uma profundidade que nos faz vibrar e nos vai mergulhando, aos poucos, no conteúdo da peça. Foi o que vimos, principalmente em "La neige danse", de Debussy.

Das peças apresentadas, sem dúvida, é a sonata op. 110 de Beethoven a de construção mais sublime. O primeiro tempo, "moderato cantabile molto espressivo", é um desprendimento das coisas do mundo para as regiões infinitas do espírito. O primeiro tema surge tranquilo; o segundo, baseado num tema de Haydn, é puramente lírico; mas ambos, assim como a passagem modulante, arrastam-nos para uma região etérea em que a divindade é tudo. O "allegro molto" é uma reação. Aí o humano obriga o espírito a descer ao mundo, a sair da contemplação do eterno para a realidade do transitório. O "adagio", que mereceu de Nise Obino uma interpretação especial, é o fundo dramático da peça. A voz humana, aí, é sentida numa sonoridade profunda, embora brumosa, que revela o sofrimento que tenta surgir e que, na frase "arioso dolente", atinge o máximo de intensidade. A "fuga" entra nesse momento, é novamente o tema delicado do primeiro trecho — e a luta se trava. Trava-se entre o sofrimento, que tende a revelar-se em todo seu pulsar, e a própria vontade do homem, que tende a fazê-lo calar, mostrando uma fisionomia serena. A luta é intensa. A vitória parece que vai caber à frase que, cruciantemente, procura plantar a dor, e que é toda uma dor cantada no tom de sol menor. Mas a vontade se levanta, domina a atmosfera merencórea, arranca do teclado acordes gloriosos e apresenta o tema vitorioso da "fuga" em movimento contrário, contrário na construção mas idêntico no ideal, que é o de deixar à solta as grandezas da imaginação, para que elas se elevem acima do mundo e caminhem para Deus. Dir-se-ia a vitória gigantesca do poder mental do homem contra as vicissitudes da vida, contra o seu próprio eu. Essa sonata é, toda, o sublime Beethoven dos últimos anos, o Beethoven singular que pairava, já, no cimo da sutilíssima escada que sobe da Terra às amplidões sidéreas.

Maria da Gloria



Desperte a Bilis do seu Fígado!

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



A mulher de Londres e de Paris

Paris (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento Okasa, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). Okasa, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento Okasa é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada,

oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta da turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente Okasa e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos Arna — Avenida Rio Branco, 109 — Rio — Telefone 43-3378.

ESCRAGNOLLE DORIA

APRESENTAÇÕES E PROGRAMAS

De 1826 a 1889 vigorou no Brasil a monarquia constitucional representativa, de governos saídos de parlamento a cujas casas, Senado e Câmara, iam os organizadores de ministerios mal os formavam. Cumpria aos chefes de gabinetes apresentar programa de administração aos representantes do país, tratados por Augustos e Dignissimos.

Os dias de apresentação de Ministerio, sobretudo na Câmara dos Deputados, eram dias especiais. No recinto todos ou quasi todos os mandatarios da nação, dependencias de recinto cheias de gente, galerias apinhadas, em ardor de curiosidade popular, pronta a dizer malicias.

Em cronica de *Gazeta*, Machado de Assis pintou apresentações de ministerios dizendo delas com saudade em 1895.

Tambem dias de muito auditorio nas Camaras os de interpeação a ministros marcantes por parlamentares numero um. Entre ouvintes das sessões de magnitude figuravam, em tribunas especiais, na Câmara dos Deputados, diplomatas e senhoras. Não iam estas às do Senado por falta de logares reservados a damas. Só duas tribunas tinha o Senado, uma privativa da Família Imperial, a outra destinada ao corpo diplomatico. De tal tribuna para a sala das sessões desceu ministro dos Estados Unidos ao ser votada a lei do Ventre Livre em discussão final. Veio o diplomata colher algumas das muitas flôres que juncavam o recinto, atiradas das galerias em olorosa chuva.

Ao apanhar as flôres disse o ministro norte-americano desejar conservar as flôres para lembrança e testemunho "do que o Brasil pagava por transformação que aos Estados Unidos custara rios de sangue".

Não será de todo inutil referir algumas apresentações de ministerios de outrora, obrigados os seus organizadores a exposição de programas de governo.

Em 1843, organisador do gabinete de 2 de Fevereiro deste ano, o senador pela Bahia, Almeida Torres, visconde de Macahé, apresentava-se à Câmara dizendo-lhe que, quando deputado, nunca a programas politicos dera muito ponderação. Tinha por méra formalidade o comparecimento de um ministro da corôa às Camaras para apresentar programa, tudo reduzido à enunciação de certos principios e a um certo numero de promessas para discussões mais ou menos calorosas, lado e outro da Câmara, sem nunca produzir resultado positivo.

Em 1843 ministro da corôa, via-se Almeida Torres na contingencia de satisfazer apresentação de programa.

Confessava Torres que, se em circumstancias ordinarias, os programas podiam ser tidos por méra formalidade, em momentos como os de 1843, mudadas as circumstancias, era de rigorosa necessidade a exposição de programa ministerial.



FRANCISCO DE SALLES TORRES HOMEM,
MINISTRO DA FAZENDA EM 1858.

Antes de tudo, proseguia Almeida Torres, cumpria aclarar o que se devia entender por politica de governo, a politica por si só sendo expressão vaga e absurda, a ponto de não assinalar idéa positiva.

No entender de Almeida Torres, organisador do gabinete 2 de Fevereiro, a politica de um governo era o complexo dos principios politicos e governamentais pelas quais o governo julgava conveniente dirigir a administração publica em proveito do país e ao mesmo tempo o modo e oportunidade de aplicar aqueles principios aos casos occorrentes, reduzido a politica à applicação dos principios aos fatos.

Colega de Almeida Torres no gabinete 2 de Fevereiro, nele ministro da Fazenda, Alves Branco apresentava-se à Câmara dos Deputados como organisador do gabinete de 22 de Maio de 1847, este em Julho creador do cargo de presidente do conselho de ministros.

Andava então no ar da politica a idéa da Conciliação dos partidos. Ao apresentar-se à Câmara, disse Alves Branco: Fomos os primeiros iniciadores da politica de Conciliação, não a de pactos e transações, sim a politica das garantias dos direitos de todos os cidadãos brasileiros, a politica a todos tratando com muita igualdade, não a politica de concessões de favores a adversarios facilitando-lhes meios de triumpho.

O que Alves Branco declarava em 1847, referindo-se ao gabinete 2 de Fevereiro de 1844, seria poderosamente posto em pratica por Paraná, de 1853 a 1856, epoca de iniciativas e realisações na qual se pensou até, na instrução superior, em fundar Faculdades de Teologia. A morte lamentada e prematura de Paraná impedio a Conciliação de produzir mais frutos que produziu.

Do ministerio Paraná participára Limpo de Abreu, então ministro pela sexta vez.

A 12 de Dezembro de 1858, Limpo de Abreu, visconde de Abaeté, estava de ministerio organizado, nele presidente do conselho e ministro da Marinha, unico dos titulares do primeiro cargo que formando governo escolheria aquela pasta.

Vio a Câmara sentar-se na bancada ministerial, fronteira à Mesa da assembleia, Salles Torres Homem, ministro da Fazenda.

Mais tarde, Abaeté explicava a Paulino de Souza a presença de Torres Homem no gabinete 12 de Dezembro.

Impressionado por artigos financeiros de Torres Homem, esquecendo ofensas graves de *Timandro* libelista, o imperador mostra a Abaeté o desejo de ser confiada a Torres Homem a pasta da Fazenda. Sabendo na memoria de Abaeté o *Libello do Povo*, o soberano disse que em todo o seu reinado aceitaria os serviços de quantos lhe parecessem apropriados a condições de momento. Declarou em 1858 e cumprio até 1889.

Torres Homem correspondeu ao monarca. Gerio pasta com inteligencia superior, combatendo a inflação e o dano das emissões successivas, só admitindo o papel moeda como meio circulante em circumstancias anormais.

Palavras do ministro da Fazenda de 1858: "Não é somente o comercio que sente as consequências do papel-moeda, todas as classes da população estão sujeitas à sua perniciosa influencia. O governo é o primeiro que sente a influencia da depreciação da moeda, quer como credor, quer como consumidor."

Torres Homem sabia a circular no Brasil papel-moeda no valor de quarenta e cinco mil contos, sabia o Brasil com uma circulação metalica de moedas de novo cunho, ouro e prata, de trinta e seis mil contos.

As idéias financeiras de Torres Homem foram o alvo dos principais ataques ao ministerio Abaeté. Contra ele mostravam-se exasperados os comerciantes empenhados no jogo das especulações. *Les affaires c'est l'argent des...* disse Madame de Girardin para que Dumas Filho o repetisse.

Exonerado a pedido o ministerio Abaeté, succedeu-lhe o ministerio de 10 de Agosto de 1859 presidido por Ferraz, ministro da Fazenda.

A questão financeira continuou campo de batalha para o 10 de Agosto como o fóra para o ministerio transato. O ministerio Ferraz adotou projecto apresentado por Salles, assim por muitos abreviadamente tratado Torres Homem, que, à atleta, continuou a defender as suas convicções financistas na opposição tenaz ao papel moeda.

Aos defensores deste disse de rosto o ex-ministro: "O papel inconvertivel produz necessariamente a depressão de cambio (em 1859 a 24½), a fuga dos metaes sem esperança de volta, a destruição do meio circulante, e, por consequencia a subida dos preços, a lesão dos contratos, os sofrimentos das classes mais numerosas da população."

Dez anos após o seu ministerio da Fazenda, propoz-se Torres Homem a senador. Dado como nascido no Rio de Janeiro de 1812, tempos do Principe Regente, em 1868 Torres Homem contava cinquenta e seis anos de idade, a de quarenta o minimo de idade senatorial.

A escolha de Torres Homem senador pelo Rio Grande do Norte pescou na crise politica que tirou do governo o partido liberal e naquele colocou os conservadores. Tiveram primeiro ministerio organizado por Itaboraí e ministerio recebido na Câmara a ponta de lança por José Bonifacio o Moço em nome de correligionarios do poder passados ao Ostracismo. A propria ostra é de concha dura...

Ao apresentar-se à Câmara o ministerio Itaboraí, o Brasil ainda com batia Solano Lopez. No momento difficil Itaboraí apresentava gabinete dizendo que a moderação, os principios de rigorosa justiça, o respeito aos direitos de todos os cidadãos, a esculpola economia dos dinheiros publicos deviam ser o programa comum a todos os ministerios, e portanto seria o do seu ministerio.

Tudo quanto Itaboraí reclamava da Câmara eram os meios dos quais carecia o governo para, salvando a honra e a dignidade do Brasil, cumprir as obrigações contrai-pelo Tesouro e por uma guerra. Esta, de qualquer especie, pésa terrivelmente oberando erário publico. Bem o prova universalmente o hoje de 1945.

A mais ruidosa apresentação de gabinete foi a do ministerio Ouro Preto em 11 de Junho de 1889. O programa do ministerio era o aprovado pelo Congresso Liberal havia pouco reunido no Rio de Janeiro.

Os pontos do programa do Congresso esposados pelo gabinete correligionario Ouro Preto vinham a ser: ampliação de voto, plena autonomia das provincias e dos municipios, eleição dos administradores municipais, nomeações dos presidentes de provincia por lista eleitoralmente organizada, previstes os casos de suspensão e demissão daqueles funcionarios e da intervenção do poder central na occurencia de perigo a interesses nacionais, efetividade do direito de reunião já garantido por lei e muitas outras medidas entre as quais a temporariedade do Senado e a reforma do Conselho de Estado, apenas órgão administrativo e não mais de carater politico.

A sessão de 11 de Junho de 1889, na Câmara dos Deputados, acabou tempestuosa. Mas, bem moço ministro da Marinha, soube Ouro Preto afrentar a procela parlamentar como em proximo Novembro do proprio enfrentou outra no Quartel General do Exército respondendo a objurgação de Deodoro.

Redobrou de violencia a tempestade parlamentar de 1889 quando o deputado padre João Manoel levantou um Viva a Republica, que bem cedo o desiludiria. Assim o reconheceu João Manoel ao religir o *Correio Amparense* logo após ter se retirado da politica. Passou para o jornalismo paulista, no qual impavido combatera Floriano e os erros de sua vice-presidencia da Republica, tão proxima de 1889 e pois do advento de regimen no alvorecer cheio de promessas. Quantas foram cumpridas, verifiquem os amigos da verdade ouvindo a voz de História.

O JULGAMENTO DE PÉTAIN

Substituindo o general Maurice Gamelin no comando dos Exércitos Franceses em ação na frente alemã, o marechal Pétain assumia o governo poucas horas depois, ocupando o lugar de Paul Reynaud, o premier da derrota.

As tropas motorizadas alemãs avançavam vertiginosamente pela Normandia, no rumo do centro. Eram impotentes as

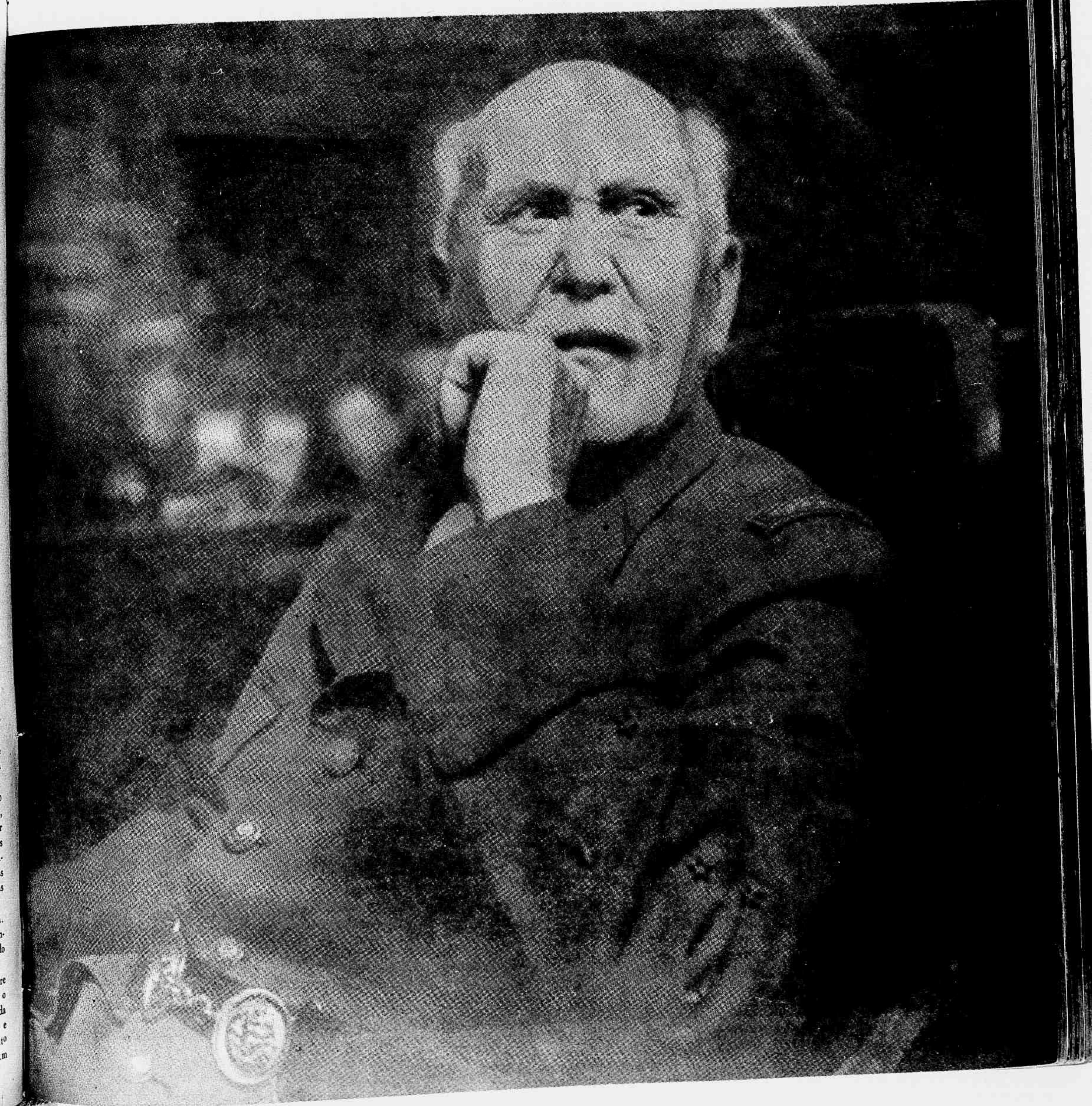
unidades francesas de terra, minadas pelo quintacolonismo e pela traição, para deter a marcha vitoriosa dos exércitos de Hitler, que a cada minuto mais se infiltravam no território metropolitano da República, pondo em xeque todo o sistema de defesa aliado no continente. Veio a retirada heróica de Dunkerque. Evacuadas para a Inglaterra as tropas do "front" ociden-

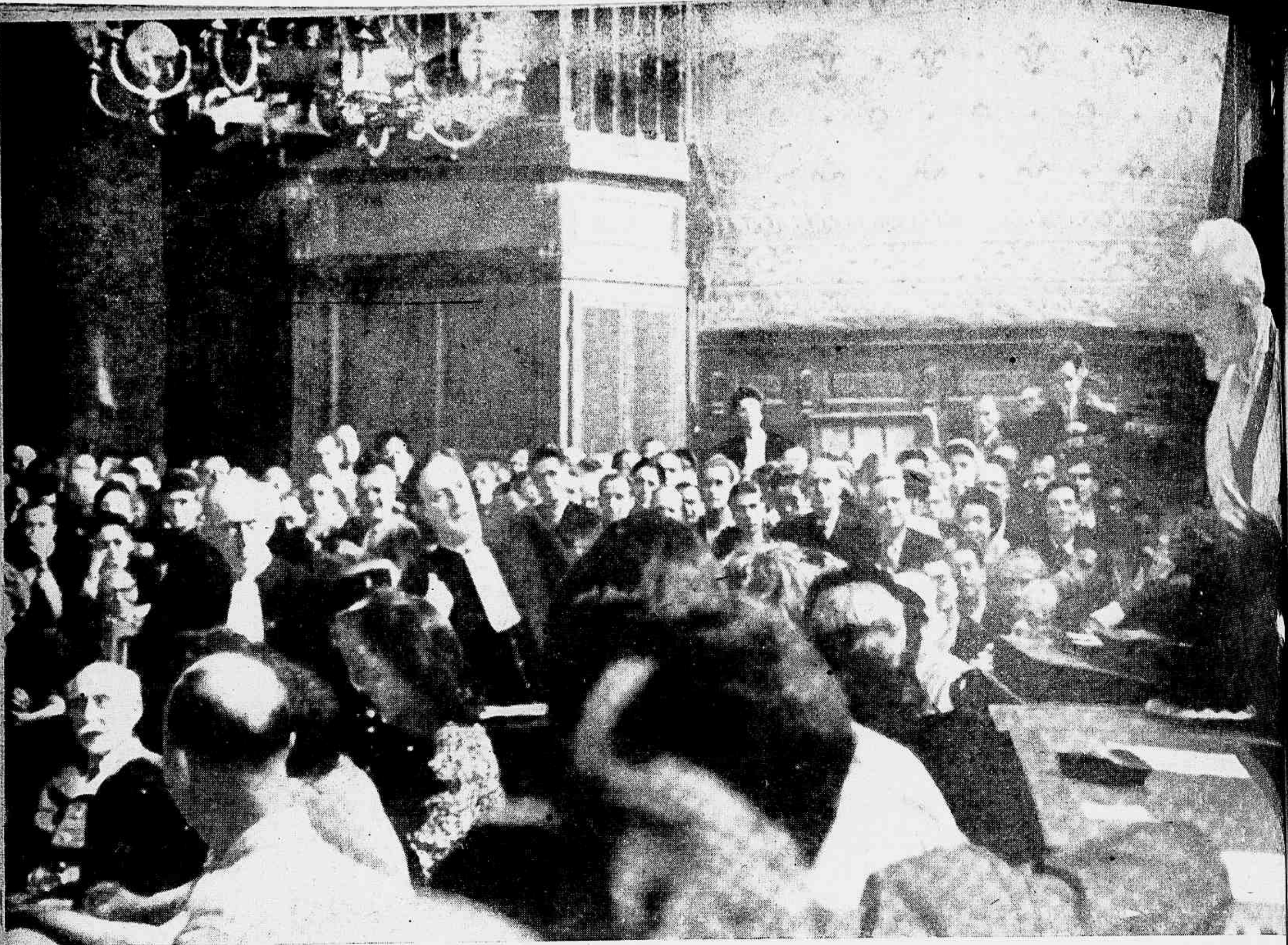
tal, os nazistas estenderam a sua ofensiva através do litoral da Mancha até encontrar a margem do Sena. Durante duas noites um pesadelo de ruína pesou sobre Paris. A derrocada era evidente. Soldados abatidos vagavam pelas estradas desertas, sem alimentos, semi-nús, tomados de medo pânico do invasor que se aproximava. A quinta coluna trabalhava ativamente

dentro da Cidade-Luz, abrindo caminho para as poderosas formações da Wermatch. As patrulhas de motociclistas do Exército da França batiam os arredores da Capital, esperando ver surgir, a cada momento, de uma curva da estrada, a cabeça da coluna blindada de uma panzerdivizion.

Estavam as coisas neste estado, quando Reynaud, lançando

HENRI PHILIPPE PÉTAIN, Marechal de França, sentado na cadeira dos réus, perante o tribunal popular da República, respondendo pelo crime de traição à Pátria. Este mesmo tribunal, que absolveu Zola e Dreyfus, condenou à morte o octogenário soldado como cúmplice do crime de capitulação. A pena foi comutada por De Gaulle para prisão perpétua. Assim, Pétain morrerá na cela dos traidores.





NO RECINTO DO "PALAIS DE JUSTICE" — Grande multidão se comprimia no recinto das sessões do júri do "Palais de Justice", enquanto, cercando o prédio, se aglomerava outra imensa massa popular que não conseguia lugar nas galerias. Jornalistas de todo o mundo viam-se no recinto da imprensa. Esta foto foi feita quando o promotor André Mornet, que atuou no processo de Mata-Hari e em outros não menos famosos, procedia à acusação do velho general.

FALA O ÚLTIMO GOVERNANTE — Paul Reynaud, elevado a primeiro ministro nos dias tenebrosos que precederam à queda da França, último governante da República, que precedeu imediatamente a Pétain no poder, depõe no célebre processo, fazendo terríveis acusações contra o Marechal de França. Vemo-lo gesticulando, entre os membros do júri e os representantes da imprensa mundial, tentando fazer ver a culpabilidade enorme de Pétain na desgraça da França.

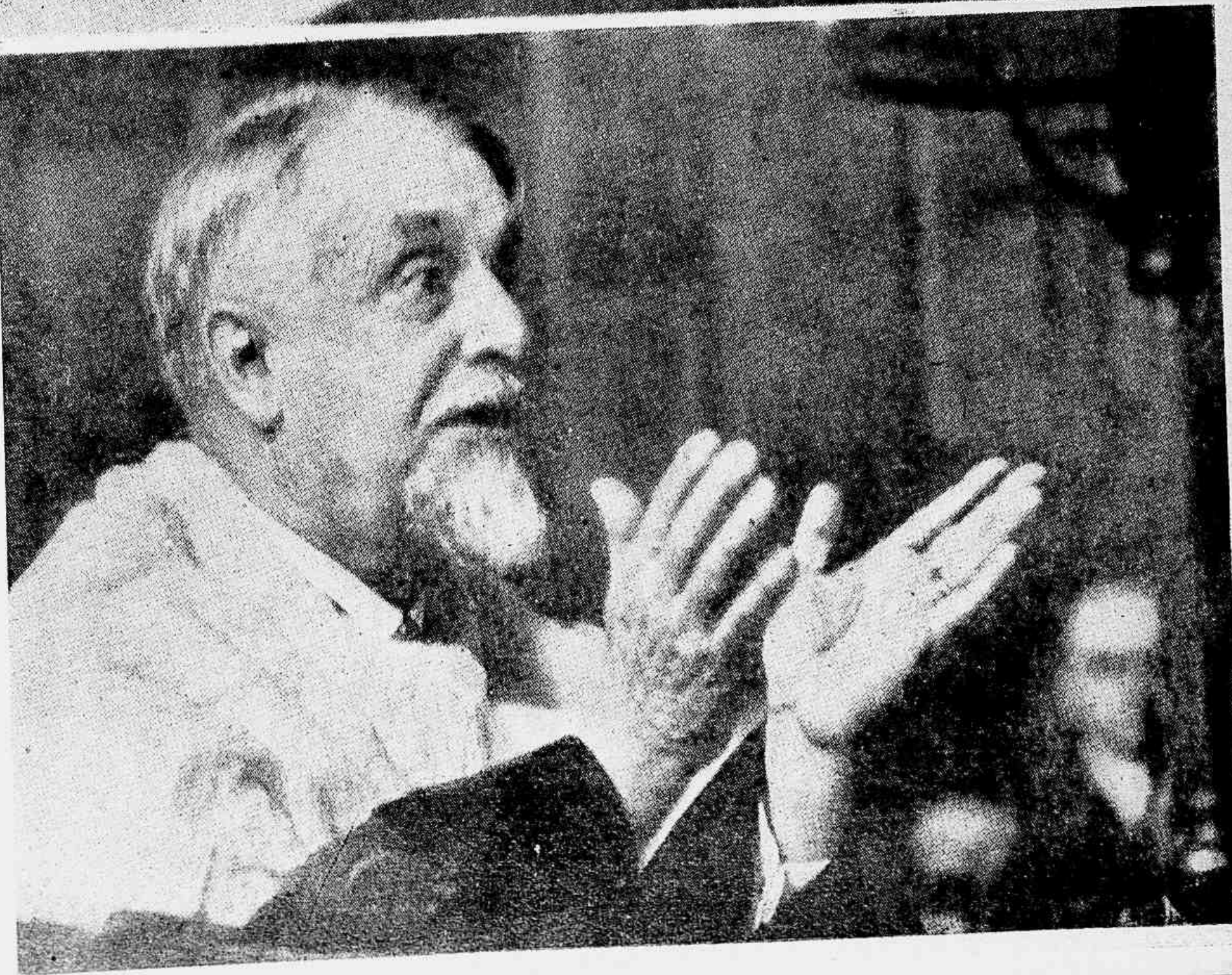
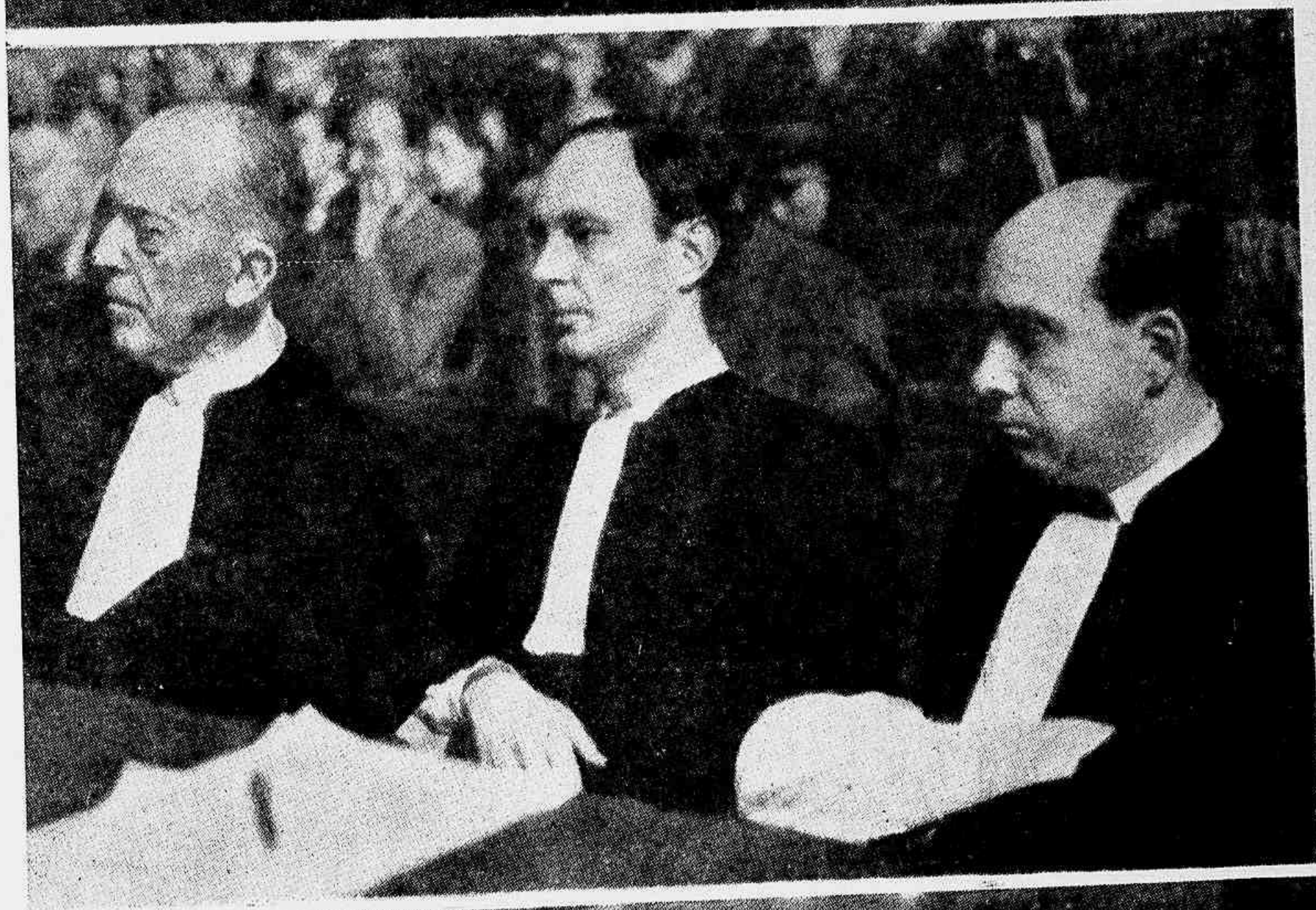
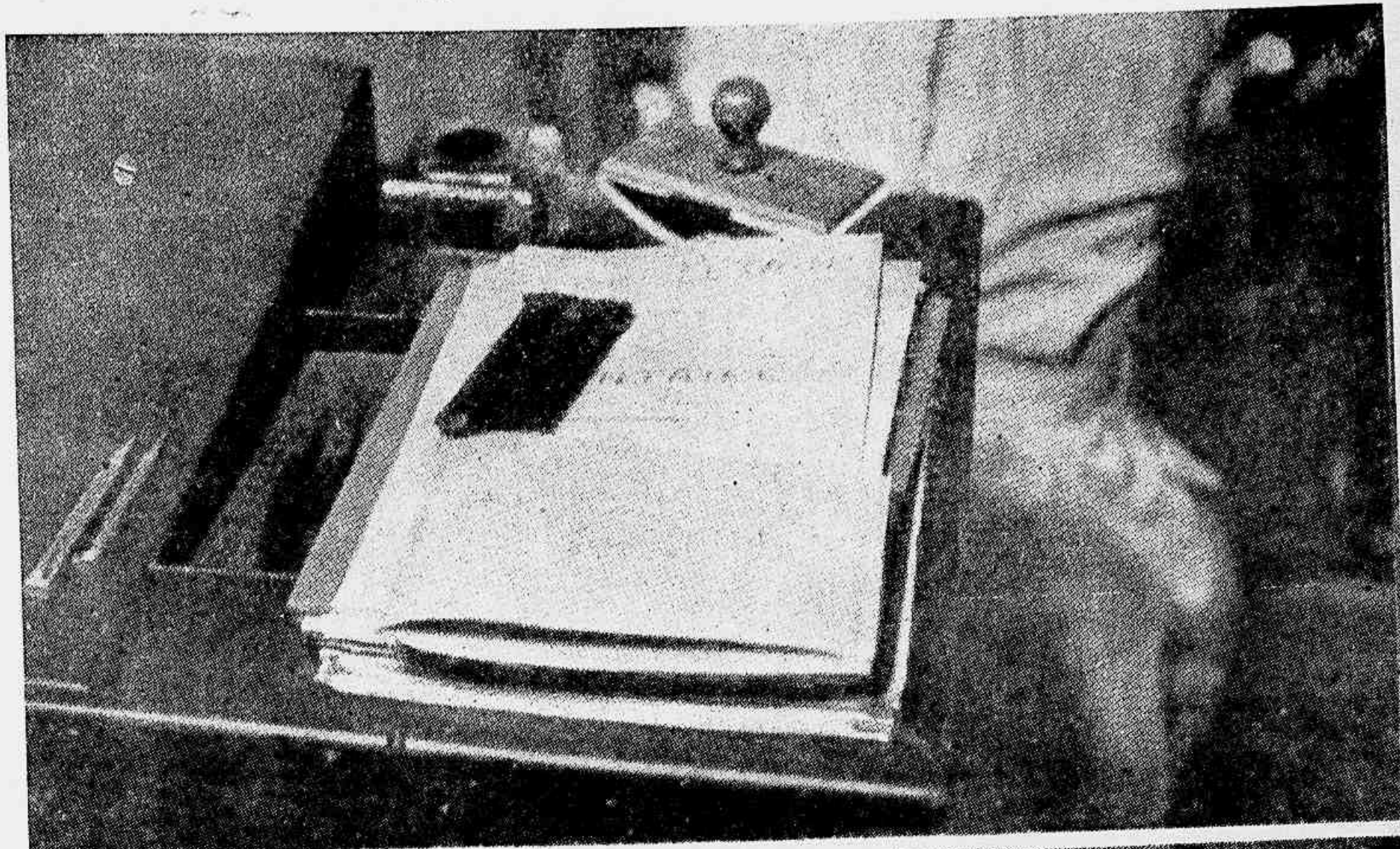


um desesperado apelo ao Presidente Roosevelt, entregou o governo a Pétain. Os franceses confiavam em seu Marechal.

Mas este governou durante cinco anos a fio, executando fielmente as ordens de seus patrões de Berlim e Roma. Durante toda a ocupação agiu como lacaio que era da máquina de guerra alemã. Os seus galões cobriram-se de lama, as suas medalhas foram roídas pela ferrugem da infâmia. Mas o povo francês reagiu à altura. Começaram a se agitar os patriotas em todos os pontos do território metropolitano. As notícias que chegavam do estrangeiro eram animadoras. As forças da França Livre, comandadas pelo general Charles De Gaulle, tomavam terreno progressivamente. Abriu-se a segunda frente. As tropas aliadas avançaram pela Normandia e Bretanha, investindo em todas as direções para o "hinterland". Paris foi libertada. Os "maquis" gloriosos conseguiram capturar todos os membros do governo nazista de Vichy. Pierre Laval, o judas, foi conduzido à prisão. E Pétain já o precedera.

Pouco depois da vitória das Nações Unidas, respondia Laval pelos seus crimes diante de um tribunal popular. Foram insistentes as suas afirmações de que estava absolutamente inocente. Mas nisto não acreditaram os membros do júri, que o condenaram à morte por unanimidade. E assim, numa madrugada fria, Pierre Laval, o judas, pagou pelos seus crimes frente ao pelotão de fuzilamento.

Cumprira aliás julgar os crimes do Marechal. E ele fora levado a presença dos representantes do povo francês, para responder pelo crime de traição à Pátria. Como Laval, protestou sua inocência. Os seus advogados de defesa tentaram provar, com documentações sofisticadas, que tudo o que ele fizera fora feito em benefício da França. E alegavam que, de pés e mãos amarrados, ele não se poderia insurgir contra os alemães, sem o risco de perder o que ainda restava da liberdade da França. Outra vez o júri agiu com a cabeça. O sentimentalismo não pôde impedir a marcha da justiça. O acusado Henri Philippe Pétain, velho de muitos anos, cansado de longos desgostos, ouviu com calma, sentado no banco dos réus, as frases dos advogados e as palavras da acusação. Ali estavam, funcionando como testemunhas de seu processo, muitos velhos conhecidos: Léon Blum, o radical-socialista que permitira o embargo de armamento para a Espanha Republicana; Daladier, o de Munich; Paul Reynaud, o premier da derrota. Todos tinham sua par-



TRÊS ASPECTOS DO JULGAMENTO — Ao alto: o processo Pétain na mesa da presidência do júri; ao centro: vista da bancada dos advogados de defesa do acusado Pétain: Fernand Payen, Jacques Isorni e Jean Lemaire; em baixo: finalmente, "monseigneur le président" Monjeau preside a sessão.



DALADIER — O célebre Edouard Daladier de Munich, último ministro da Guerra de França, depõe no processo Pétain, cheio de gestos, explicando em estatísticas retrospectivas com quantos "tanks" e canhões contava o exército da República em 1940. Muito pouco se apurou do palavreado dos políticos que depuseram no julgamento Pétain. As provas cabais foram dadas pela memória do povo francês.



LEBRUN, último presidente da França, parece ainda se encontrar no Palácio dos Campos Elíseos. Mãos nas cavas do colete, ele olha complacentemente para a sala de sessões onde se decide a sorte do traidor. E depõe em voz pausada e serena, como se ditasse a uma estenógrafa um discurso político. Velho, de cabelos brancos, também assistiu à queda da França. Vê agora sumirem-se os que a venderam.



LEON BLUM, o que se deixou levar sem grande revolta pelos acontecimentos, permitindo o embargo de armamentos na fronteira franco-catalã, quando era mais crítica a situação do Governo Democrático da Espanha. Agora ele depõe contra o homem que foi uma das causas de sua desgraça. Atrás de seus olhos brilham os olhos do político amolecido que não se portou à altura de seu cargo.

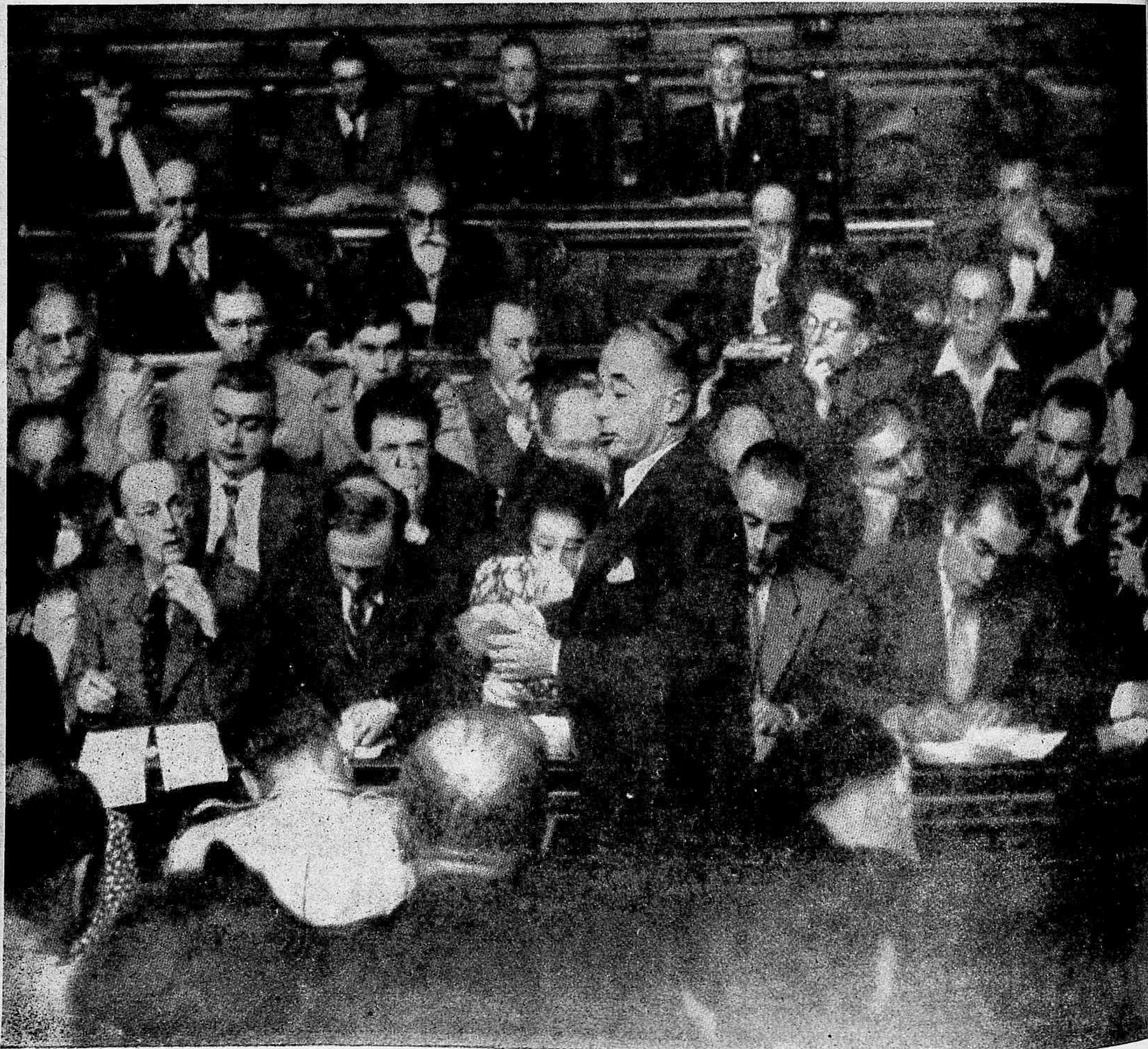
cela de culpa, mas nenhum a tinha tão grande quanto o Marechal. E todos o acusaram. A sen-

tença foi severa: morte por fuzilamento. Mas o general Charles De Gaulle comutou-a para

prisão perpétua. Assim, num cárcere militar está agora terminando os seus dias o ex-chefe

do governo títere de Vichy, Henri Philippe Pétain, Marechal de França.

PAUL REYNAUD — O mais violento depoimento do processo Pétain foi, sem dúvida, do ex-premier Paul Reynaud, autor do célebre apelo a Roosevelt, feito quando a França era esmagada pelas cremalheiras dos "tanks" de 15 toneladas do exército alemão. Reynaud acusa agora o homem que lhe sucedeu no poder de haver entregue a França, sem luta e covardemente, à tirania nazista. Ele entretanto, como todos os governantes, por excesso de boa fé, tem o seu quinhão de culpa nos acontecimentos sinistros que se desenrolaram em 1940.



MEU príncipe louro! Que falta me fazes, como do teu silêncio que fuz solidão!

★

Meu corpo magro que teus dedos todos dedilham como um violino de carne amortalhou-se no manto frio da saudade. Meu sangue, em que teu beijo pôs teu vício de vício, gelou-se nas veias. Minhas mãos amuchucadas e frias e murchas do teu abraço.

Que falta me faz, meu amor, quando de noite amais e quando de dia me deixas no silêncio que te faz

sabes acender, são esses olhos dois lagos sombrios de tristeza onde paira o sonho da tua nostalgia!

Volta, meu príncipe louro!... Vem ao novo cantar nos meus braços um cântico de fogo, um cântico exortação a que ninguém resiste, teu mandamento de amor!... Acende teu brado de guerra que repercute de clarão em clarão, em mil nuances de cintilções!

Deite-te na minha tenda, abra teu canto foliolar, e me quero anidar.

Vem de novo tenser nas curvas do teu corpo a tua sensibilidade, na sinfonia de teus olhos, fare curar-te de meu sangue!

crudel impetuosa que se agita ao teu calor. Minha face pálida, que desliza, anseia pelo teu beijo que enrubesce e revigora. Minhas mãos, em concho, guardam a tua esmola que me fará resurgir — meu taliz prodigioso e mágico, meu insubstituível senhal!

★

Assim conto eu a ti, Sol, nos dias sombrios em que te ausentas e mais profunda me trazes a solidão!

Isely Barbosa

MARTHA WICKERS (Warner)

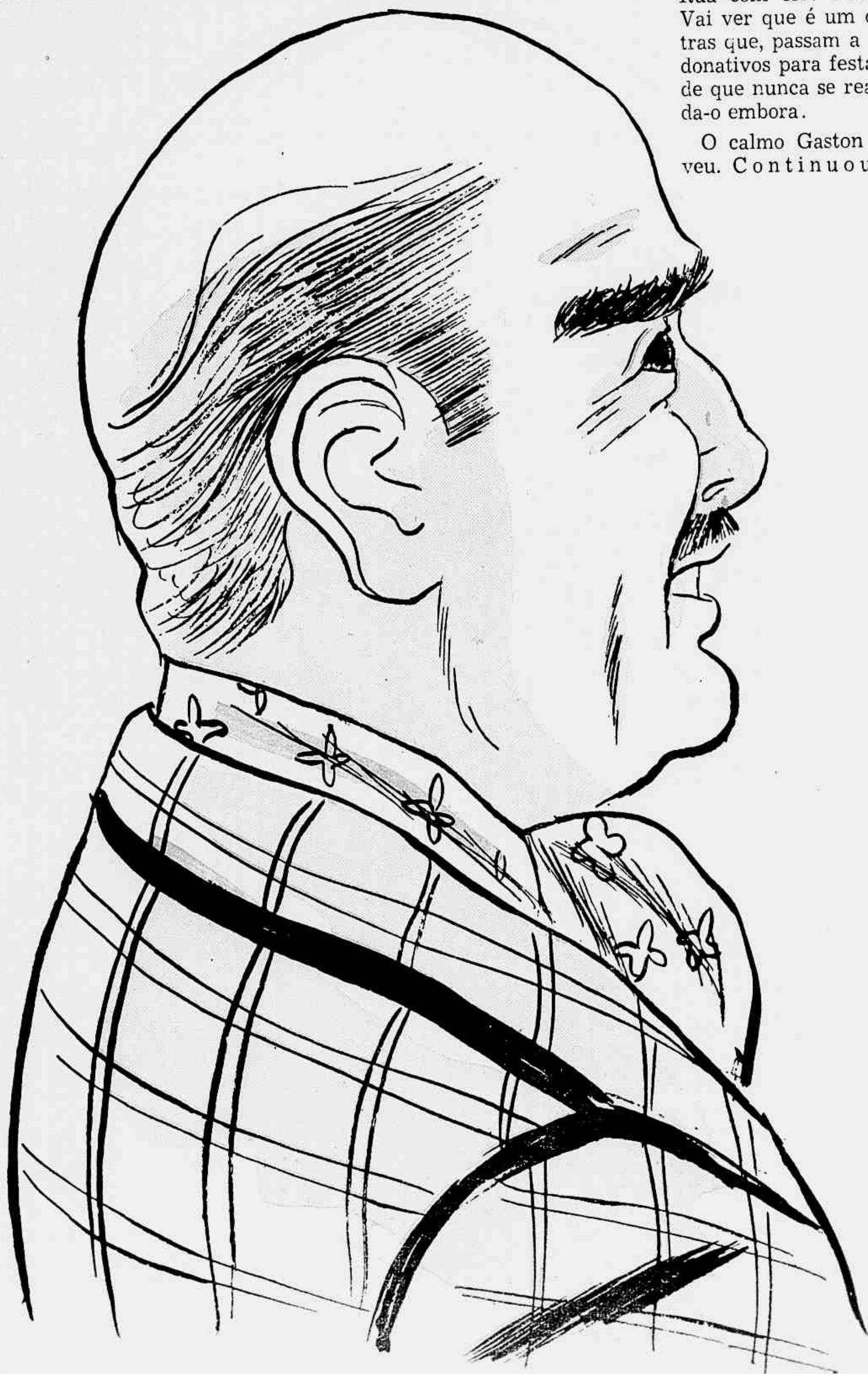
★
**NOS
BASTIDORES
FEMININOS**

O NOIVO DO MINISTÉRIO

★ Conto de ALDO FARDINI ★

Ilustração de ARMANDO MOURA

CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"



O criado aproximou-se e respeitosamente apresentou a salva de prata ao irritado sr. Janeau — industrial aposentado. O sr. Janeau, subitamente desperto de seu sono post-almôço, irritou-se:

— Outra vez, Gaston, outra vez? Quando aprenderás a não me aborrecer quando durmo? Quando?

Possivelmente o pobre Gaston não poderia aprender em 5 minutos o que não aprendera em 27 anos de leal e honesto serviço na mansão dos Janeau. O que aprendera, e não era pouco, era suportar estoicamente as rabujices do velho monsieur Janeau.

Vagarosamente o velho industrial aposentado abriu os empapuçados olhos e retirou da salva um pequeno retângulo de cartão, onde havia escrito apenas um nome: "Fernando Dubois".

— Manda-o embora, Gaston. Rua com êle. Não o conheço. Vai ver que é um desses pelintras que, passam a vida a pedir donativos para festas de caridade que nunca se realizam. Manda-o embora.

O calmo Gaston não se moveu. Continuou impassível,

olhando seraficamente para o amo.

— Que fazes aí parado, estafermo? Manda-o embora, já ordenei.

— Peço a vossa senhoria que me perdoe, mas insisto respeitosamente a vossa senhoria que receba o sr. Dubois.

Janeau explodiu:

— Essa agora! Inverteram-se os papéis! Os criados é que mandam! Você, naturalmente, já está imbuído com essas idéias estúpidas do não menos estúpido Cordonet, êsse mandrião de comunista. Velho imbecil, comunista!

O impassível Gaston ignorou superiormente as injúrias.

— Vossa senhoria deve recebê-lo. O sr. Dubois informou-me que teve o prazer de raptar, esta manhã, sua gentilíssima filha, senhorita Denise.

Janeau deu um formidável salto da poltrona. Ou melhor, deu um salto de acordo com suas pobres possibilidades físicas, fazendo um sobre-humano esforço para levantar o respeitável ventre.

— Como! Que dizes? Raptar minha filha? Polícia, depressa, polícia! Corra, estafermo, corra...

Janeau atirou-se correndo em direção à porta, e teria passado se um elemento moço não tivesse tido a mesma idéia, mas em sentido contrário.

— Oh, "pardon", senhor! Estou desolado. Permita que o auxilie a levantar-se.

Janeau, que fôra ao chão em consequência do choque, estalhou os pequeninos olhos curvado sobre êle, procurando auxiliá-lo a levantar o respeitável ventre budista, estava um moço, elegantemente trajado. Parecia um figurino de Gregoire & Gregoire, do Boulevard Haussmann. Sapatos de verniz, calças listradas, impecável casaca, "plastron", bengala e, na mão, o último modelo em chapéus de côco. Janeau examinou-o rapidamente e, recusando o gentil auxílio, pôs-se de pé, penosamente. A vermelhidão do rosto do velho industrial aposentado faria inveja ao mais cozido dos camarões. Levantou o curto e gordo indicador da mão direita, aproximou-o a uma conveniente distância do nariz do sr. Dubois e gritou:

— Exijo explicações, caralheiro! Exijo-as já e já. Devolva-me Denise, minha pobre filha, imediatamente! Chame a polícia. Fale, senão...

Dubois sorriu. Trinta e dois maravilhosos dentes foram apresentados ao exame do sr. Janeau.

— Peço-lhe respeitosamente que tenha calma, sr. Janeau. Sentemo-nos e discutamos o assunto como soem fazer os sogros e genros bem educados.

— Sogro? Genro? Não compreendo, sr... sr...

— Dubois.

— Dubois. Quem é sogro aqui? Quem é genro? Não estou entendendo nada, sr. Valois.

— Dubois, senhor.

— Dubois. Quero minha filha, já e já, senão mando prendê-lo.

— Perdão, sr. Janeau. Seria ridículo mandar prender seu genro...

— Meu genro? O senhor está louco! Não tenho genros e não os quero ter. Ainda mais o senhor! Naturalmente o senhor não passa de um caça-dotes! Tem todo o ar de um pelintra, de um gigolô de Montmartre... Vamos, devolva minha filha, vamos depressa, senão, senão...

O velho sr. Janeau estava furioso. Estendeu a mão para agarrar o impecável "plastron" do sr. Dubois; mas, como o ataque já era esperado, o elegante Ferdinando entrincheirou-se por trás de uma "bergère".

— Mas, sr. Janeau, eu sou seu genro! Rapsei sua filha e casámo-nos hoje, na igreja de Santa Madalena. Amo-a e ela me ama, sr. Janeau...

Janeau ficou sucumbido. Deixou-se cair pesadamente numa poltrona e pôs a cabeça entre as mãos.

— "Mon Dieu"! Eu, que desejava ver minha filha casada com um diplomata! Com um "gentleman" do Ministério do Exterior... Levantou-se furibundo.

— Não, mil vezes não. Anularei esse casamento! O senhor, "seu" Dubois, será bastante cavalheiro para sumir. Não o quero para meu genro. Nunca! O senhor, "seu" Dubois, não passa de um, de um...

Empertigou-se todo, diminuiu o mais que pôde a circunferência de seu vetusto ventre e terminou:

— Canalha! Rua, "seu" caça-dotes, rua...

E, num gesto dramático, apontou a porta.

Felizmente esta patética cena foi interrompida com a entrada do seráfico Gaston. Dirigiu-se ao sr. Dubois:

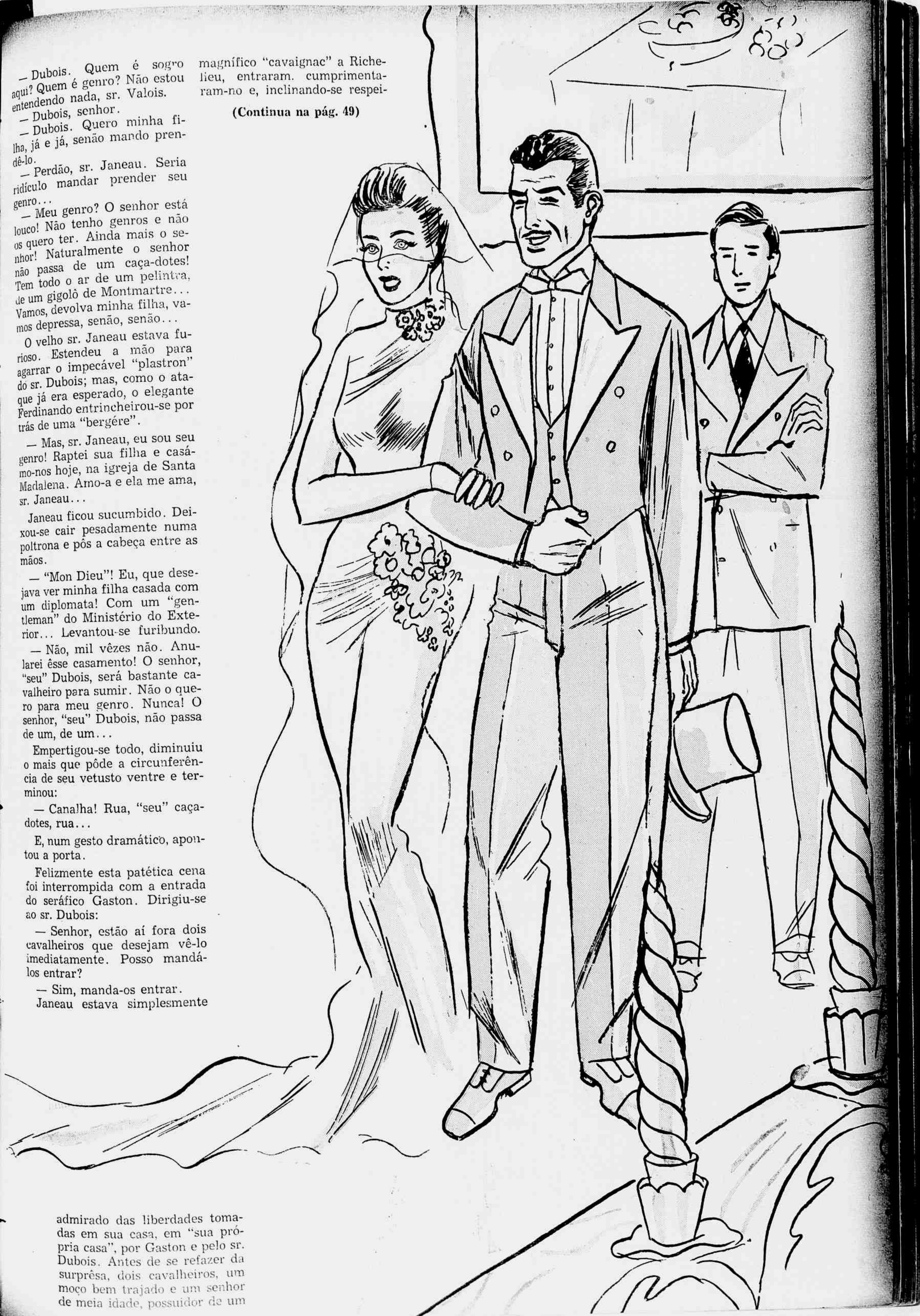
— Senhor, estão aí fora dois cavalheiros que desejam vê-lo imediatamente. Posso mandá-los entrar?

— Sim, manda-os entrar.

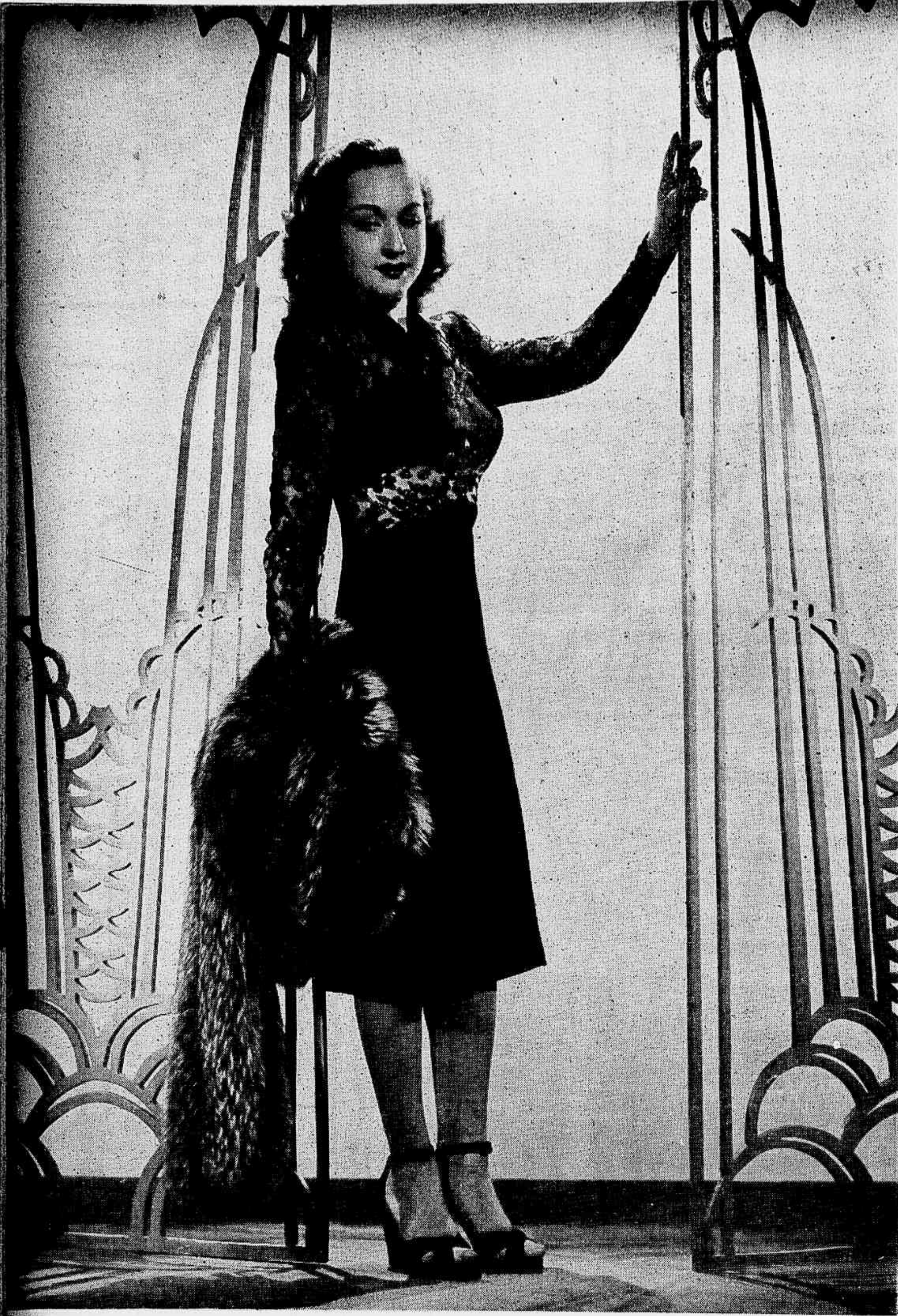
Janeau estava simplesmente

magnífico "cavaignac" a Richelieu, entraram. cumprimentaram-no e, inclinando-se respei-

(Continua na pág. 49)



admirado das liberdades tomadas em sua casa, em "sua própria casa", por Gaston e pelo sr. Dubois. Antes de se refazer da surpresa, dois cavalheiros, um moço bem trajado e um senhor de meia idade, possuidor de um



Ao alto, à esquerda: Bonita Granville, da RKO, está realmente **bonita**, com êste suntuoso vestido em renda e seda negras, cujo feitio é o que pode haver de mais encantador. Observem a originalidade da blusa, cuja confecção deve ser executada com uma renda espessa e de ótima qualidade, para um realce maior do modelo, que é de uma beleza excepcional. **À direita:** Observem as nossas leitoras o encanto dêste conjunto apresentado pela graça tãda feminina de Janet Blair, da Columbia. O vestido, em linho claro, se compõe de uma blusa, atada na cintura de maneira nova e interessante, e da saia ligeiramente talhada em forma. O pequenino chapéu, simulando uma pequena coroa de rosas, completa o traje com uma graça especial.

...aixo, à e
...na cole
... E ai
...apre
...riando em
...ficará n
...sempêrola
...para in
...da Warner,
...moder
...esta un
...a ut
...artificia
...o ci

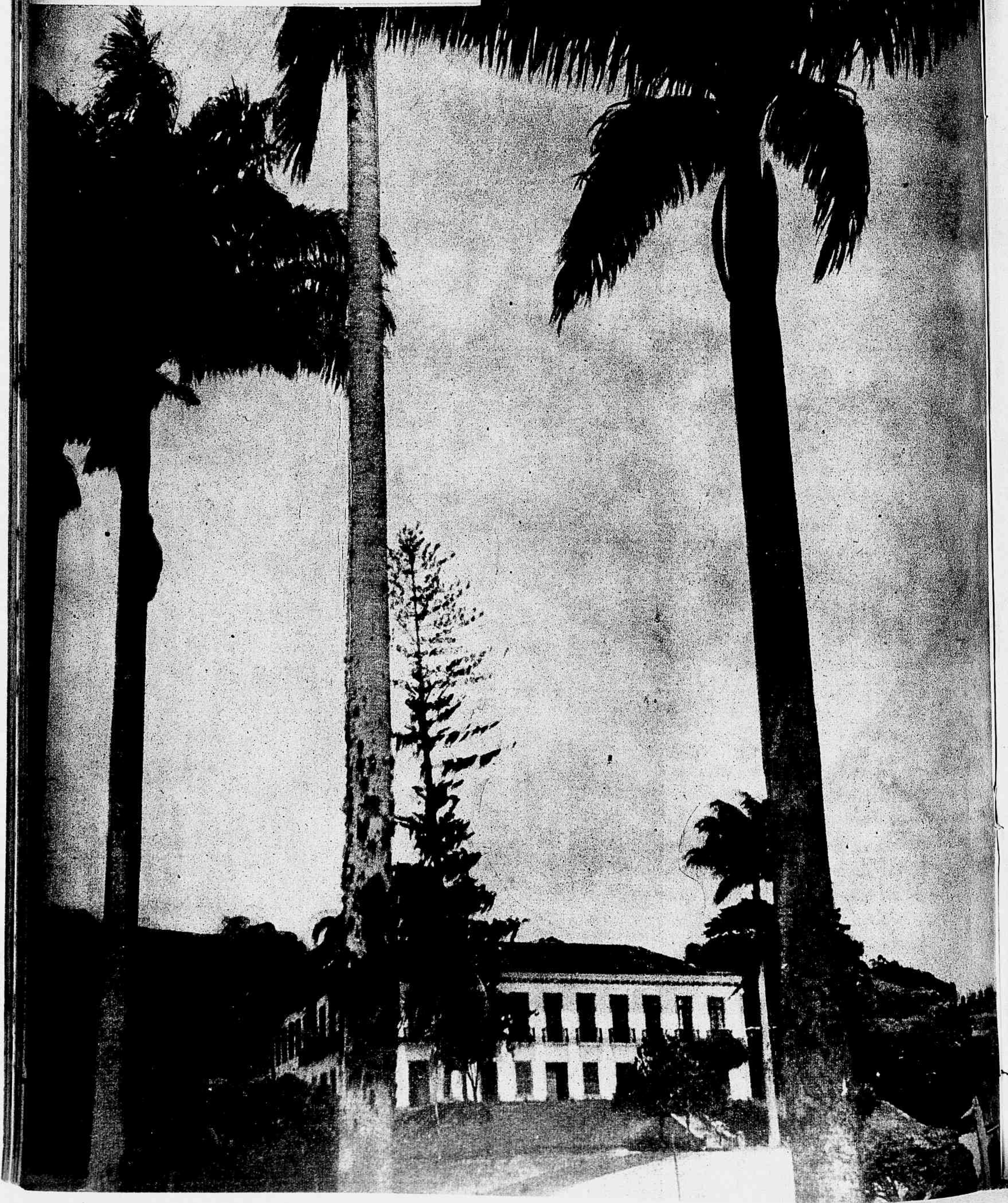
OS MODELOS DA SEMANA

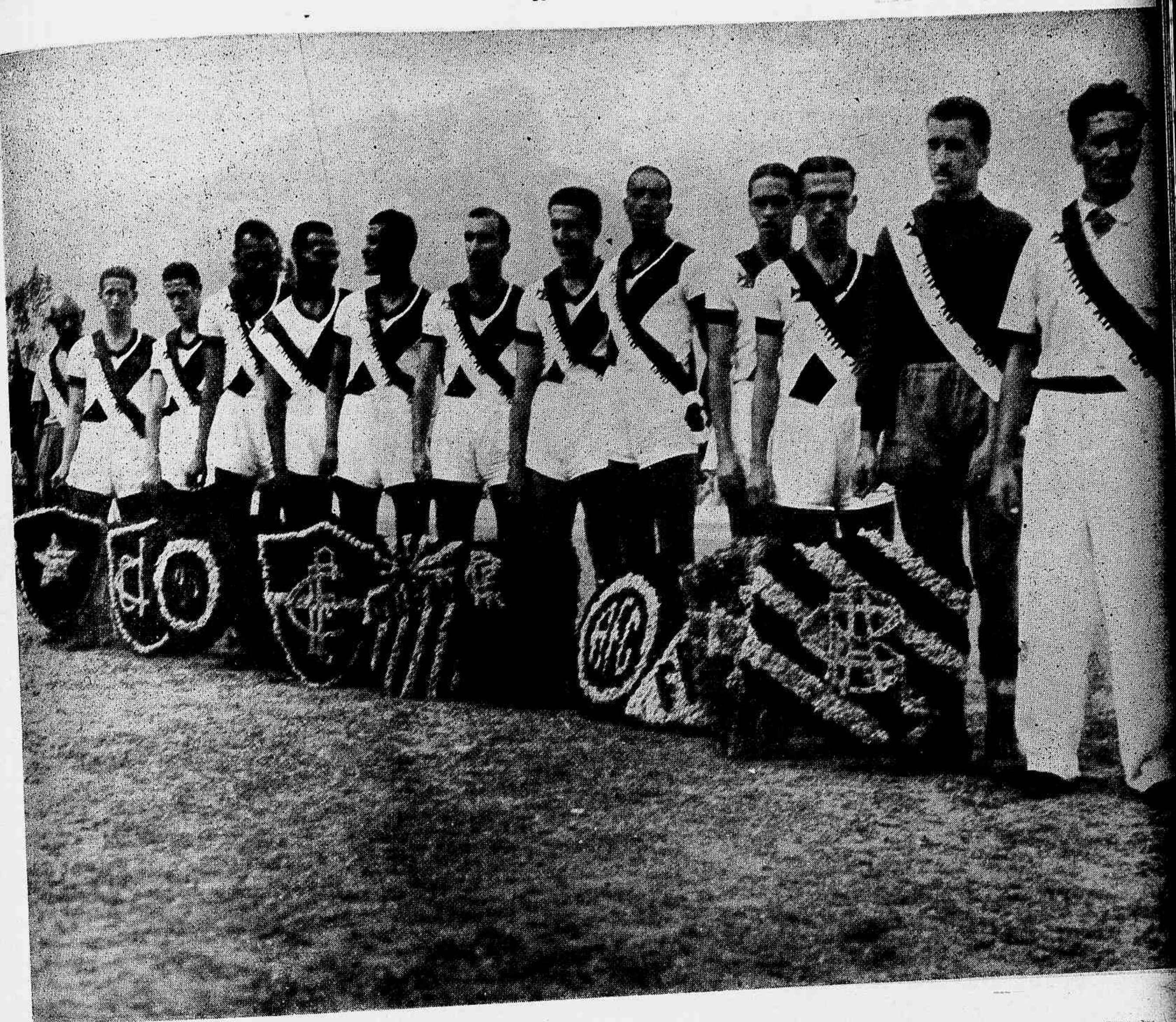


KO, **À esquerda:** A blusa tem sempre o seu
na coleção de "toilettes" de uma mulher ele-
ga. E aí está uma belíssima blusa húngara,
apresenta Signe Hasso, da RKO. Confec-
tada em côres que se harmonizam, êste bor-
dado ficará magnífico se for trabalhado sôbre uma
seda pérola ou creme. **À direita:** Um bonito mo-
delo para interior, apresentado por Joan Lorring,
da Warner, prevalecendo pelas linhas simples e o
corte moderno. Em tom suave, verde-claro ou azul,
destaca um realce maior às elegantes que ve-
nham a utilizar êsse sugestivo figurino. Uma
fita artificial na cintura serve também para en-
focar o cinto, que fica assim mal disfarçado.

COISAS DO BRASIL

Entre as novas edificações que aparecem aqui e ali, pondo uma nota de modernismo no verde bucólico da paisagem, sobressai, altaneira e majestosa, a casa grande da fazenda dos barões de Monte Alegre, a velha residência senhorial dos senhores daqueles latifúndios. A entrada, que se abre numa varanda ampla de escadaria palaciana, revive tôda a grandeza próspera da aristocracia rural dos príncipes do segundo império. Esta casa, que ainda se conserva intacta e em plena exuberância de sua beleza colonial, é dos marcos mais pitorescos das montanhas de Monte Alegre, o maravilhoso rincão carioca para onde se voltam agora as vistas ávidas dos turistas.





ESPORTES

O CAMPEÃO DE 1945

Ei-los. Durante oito anos lutaram contra tôdas as adversidades, sem conseguir levar avante o seu projeto de vitória no Campeonato Carioca. Agora, quebrando a ambição do Flamengo, que por todos os métodos dignos se botia pela consecução do tetra-campeonato, êles se colocaram na ponta do cartaz, logrando o título sem a mancha de uma derrota. Vemo-lo acima, o onze vascaíno, envergando já as faixas simbólicas do campeonato da cidade. Numa atitude simpática, cada um dos "players" traz consigo o escudo de um clube adversário, artisticamente trabalhado em fiôres nobres. Êste é um gesto de consumada camaradagem esportiva, que bem caracteriza o cavalheirismo que preside ao nosso futebol atual.

A vitória do Vasco da Gama, campeão invicto de 1945, foi justa e magnífica. Justa porque êle empregou todos os esforços de seus "cracks" para alcançar o título. Magnífica porque foi levada avante sem um retrocesso sequer. Durante o decorrer dos dois turnos a equipe do Almirante empatou com o América, Flamengo, Fluminense, Canto do Rio e Botafogo, perdendo assim os únicos pontos que lhe foram subtraídos na tabela.

Estampando essa nota sôbre o campeão de terra e mar, não poderíamos deixar de reproduzir, como o fazemos, o retrato de Ademir, o "crack" que se portou magnificamente em todos os jogos, atuando da extrema direita à ponta esquerda, sem nunca desmerecer em uma posição a sua "performance" anterior.





Uma incrível timidez o perturbava...

RENÉ era um rapaz mais do que tímido: encaramujado, ensimesmado, ele não tinha a coragem de sair de dentro de seu embaraço o suficiente para mostrar a estranha sensibilidade e doçura de seu temperamento. Os amigos fiéis iam-no descobrindo aos poucos, achando todos os dias aspectos não revelados da sua personalidade. Durante muito tempo fui um dos amigos mais íntimos de René. Depois a vida nos separou, e as cartas que eu recebia dele eram mais do que reticentes: deixavam-me na mesma ignorância a seu respeito do que as primeiras conversas que mantivéramos ainda nos bancos escolares. Ele temia sempre importunar e por isso eliminava os detalhes pessoais, e quando insistíamos para que contasse mais alguma coisa a respeito dele nas cartas, ele pensava que se tratava de polidez.

Achei estranho, portanto, que depois de tantos anos ele me fizesse aquela confidência. Mas, refletindo bem, pensei que talvez

eu tivesse tido a oportunidade de presenciar o momento mais importante da vida dele quando aquele represamento das emoções transbordara numa confissão entrecortada, profundamente amarga.

— Eu morava na rua Barbier, perto dos Campos Eliseos, quando você partiu, lembra-se?

Sentados lado a lado, depois da longa separação, jantávamos num restaurante à beira do Sena.

— Nunca me esqueci — retruquei logo.

Ele voltou-se para mim de repente, com ar surpresa:

— Você é meu amigo, não é verdade?

Aquela frase me teria ofendido se viesse de outra pessoa: mas eu sabia a que dúvidas a modéstia de René o levava. Era positivamente doentio.

— Sim, René, sou seu amigo.

— Creio que posso confiar em você. Pois vou contar-lhe a história mais absurda do mundo: a história de meu casamento.

— Muito me surpreendeu a notícia de que você ia casar-se. Nunca pensei que você tivesse coragem de pedir uma moça em casamento.

Pensei logo que ele ia ficar zangado com minha observação, mas ele disse com um sorriso triste:

— Não a pedi.

— Mas então como se casou?

— E' o que eu vou lhe contar:



Fui visitá-la naquele dia. Ah, é verdade, você não a conhece, não sabe nada sobre ela. E' uma mulher dinâmica. Com energia, arrumara os restos de um lar que a prodigalidade do pai reduzira à penúria. Mas ela economizou, trabalhou, tratou de ganhar mais dinheiro, cada vez mais. E tornou-se rica. Em compensação governava a casa como uma ditadora que fornecesse ao seu povo todo o conforto material. Um dia, ainda antes de tornar-se rica, ela pensou em alugar quartos. Mulher alta, magra, ossuda e feia. Foi como a vi na primeira visita, quando combinei ocupar um dos aposentos por preço módico. Mas ela entrou pela minha vida a dentro, forçou a sua intimidade, tomou conta dos meus negócios, tratou-me como os outros, e seu temperamento dominador dentro em breve me dominava tanto quanto aos pais e aos irmãos. Eu não tinha forças para opor-lhe resistência. Aceitava tudo, e de certo modo ficava grato, porque ela, vendo meu temperamento, poupava-me as decisões enérgicas, tomando-as por mim. Estimava-a como uma irmã e ela começou a amar-me. Nunca suspeitei disso antes de ouvi-lo da sua própria boca. Mas não quero antecipar. Morei lá dois anos, e quando ela melhorou de situação achei forças para separar-me daquela família, pretextando que não havia mais motivo para alugarem-me o quarto. Prometi visitá-la mas nunca mais voltei lá.

Mas o meu destino era outro. Eu deveria não somente voltar lá como aceitar dela um grande favor. Minha mãe adoeceu subitamente na cidadezinha em que morava. Eu não tinha dinheiro para fazê-la vir para a cidade, tratá-la pelos melhores médicos. Procurei fazer um empréstimo e não consegui. Decidi, finalmente, fazer das tripas coração e procurar Anna, pedir a ela aquele dinheiro emprestado.

Recebeu-me com demonstrações de alegria. Chamou-me ingrato...

— Anna, eu não tive coragem de vir aqui antes... Eu...”, foi assim que eu comeci.

— E ela?

— Ela me olhou com surpresa; depois, como se compreendesse tudo...

— Sabia da sua necessidade?

— Não. Amava-me. Julgava que eu também a amava. Pensou que eu a queria pedir em casamento e que não me aventurava a isso porque era demasiado tímido e tinha escrúpulos, em virtude da sua riqueza. Chamou-me tolo, com carinho; depois disse-me que ia mostrar a confiança que tinha em mim. Depositou toda a sua fortuna em um banco em meu nome. E disse-me que viesse, de posse do dinheiro, pedi-la novamente, porque já não haveria motivo para uma má interpretação.

— Mas... Que fez você?

— Fui forçado a pedi-la. Porque seria uma indignidade não fazê-lo depois do que ela disse.

— E você casou com ela...?

René abaixou a cabeça e respondeu:

O PEDIDO

Conto de
MARCEL JOBERT



Flagrante do enlace nupcial da sta. Eny Joppert, filha do industrial sr. Waldemar Joppert, com o tenente-aviador Arlindo Carlos Pinto, filho da viúva d. Dulce Braga Pinto, realizado no dia 18 de outubro, na igreja do Outeiro da Glória.



A jovem pianista Silvinha Fang. Tem onze anos de idade e realizou seu primeiro concerto no Instituto Nacional de Música, executando os grandes compositores. É aluna da professora Elena B. de Macedo Costa e recebeu as melhores referências da crítica.



O ROTARY E O GOVERNO — Inúmeros são os rotarianos que, em todo o Brasil, estão sendo aproveitados pelo novo governo, tanto no âmbito federal como nos poderes estaduais. A reunião de sexta-feira 16 de novembro p. findo, do Rotary do Rio foi dedicada a esses rotarianos e ex-rotarianos, entre os quais destacamos: ministro Antonio Carlos Laffayette de Andrade, ministro Jorge Dodsworth Martins, ministro Armando Trompowsky, inter-ventor J. C. Macedo Soares, dr. Guilherme Guinle, dr. J. Nascimento Brito, dr. Og de Almeida e Silva, dr. Plínio Catanhedo, ministro Filadelfo Azevedo, ministro Pires do Rio, ministro Maurício Joppert da Silva e dr. Inácio de Azevedo Amaral.

A sessão foi presidida pelo dr. Carlos Brandão de Oliveira.



Senhorita Vera Thaumaturgo Mendes de Moraes, distinto elemento da sociedade carioca.

FIGURAS E FATOS



O sr. ministro Paulo G. Hasslocher, chefe da Missão Diplomática do Brasil em Panamá, na companhia do vice-almirante F. C. Sherman, comandante da esquadra de combate, que se compôs de 48 navios de guerra, tendo como capitânia o famoso porta-aviões "Enterprise".

Hidrex

O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

ELEGANTE, PRÁTICO E ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO GARANTIDO POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO "HIDREX" É O COMPLEMENTO DO BANHEIRO MODERNO



PAN-LUX

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA "SERVE" Ltda.
LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ FORNECER TODOS OS APARELHOS ELÉTRICOS INDISPENSÁVEIS NUMA RESIDÊNCIA MODERNA

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Livros

A VIDA DE JOANA D'ARC, contada por Erico Veríssimo e com ilustrações de João Fabrion — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



A Vida de
Joana D'Arc

Na composição desta narrativa fez de conta o Sr. Erico Veríssimo que se dirigia a um auditório de crianças. Quando muito, de adultos para os quais devia empregar a extrema simplicidade de forma, sob pena de não ser compreendido. E daí resulta, para a outra gente, gente de mais curiosidade, que é uma vitória para o autor: ao fim de algumas páginas, e porque o estilo engenhosamente se mantém o mesmo, é o leitor culto que se vai simplificando, adaptando àqueles moldes de história contada por um artista para encantar — não positivamente para fazer de

"Aquele criaturinha que ali vai cantando é a menina Joana. Olhem só como caminha resoluta, como tem os passos largos... Seus pés descalços parecem duas pombas brancas que vão pulando por cima das pedras do caminho..."

Esta comparação dos pés descalços a duas pombas brancas poderia determinar nos ouvintes certa estranheza ou incredulidade, se eles não estivessem já possuídos pelo encantamento dos heroísmos e milagres que não há de vir

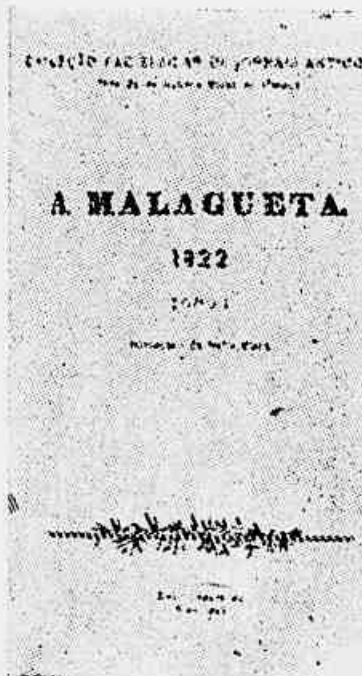
Mas estão absolutamente; e até certo ponto, nós mesmos, pessoas grandes, não deixamos de estar. Outras imagens requintadamente poéticas irão surgindo no correr dos capítulos que o escritor quis fazer curtos, para dar aos sucessos históricos e aos episódios que lhes empresta mais movimento e animação. O Sr. Erico Veríssimo não obedece por completo ao plano que destinou àquele público especial. De vez em quando dá largas ao seu próprio gosto literário. Esquece-se da assistência porque mais intensa ou impetuosamente se lembra de si mesmo. E eis porque, de onde em onde, e até nas mais leves passagens ou por entre as conversas mais singelas, alguma coisa do gênero daquelas pombas branqueja, perpassa, adeja ou arrulla.

O livro é, na sua maior parte, dialogado. A figura de Joana vai-se desenhando e cada vez mais se aformoseando através dos seus dizeres e das falas dos outros personagens. Logo à terceira página, quase criança ainda, conversando com a sua amiga Hauviette, Joana lhe declara que não tem medo de coisa alguma, nem dos velhos castelos nem dos fantasmas que, segundo a crença aldeã, os habitam — porque acredita em Deus e sempre um Anjo da Guarda a acompanha, para a garantir ou salvar. No campo, quando apascenta as suas ovelhinhas, por que não se arreceia dos lobos da floresta sempre esfomeados e ferozes? Porque o mesmo Anjo estende sem cessar as asas protetoras sobre ela e o seu rebanho. Assim Joana ensina, catequiza a companheira mais mocinha ainda e sem aquela inspiração prodigiosa. E, como agora esclarece o espírito ou, antes, leva a crença ao coração de Hauviette, assim a pastorinha de Domremy, crescendo na idade e na fé, doutrinará o povo, aconselhará o rei e guiará o exército para salvar a França.

Através da História e sem perder de vista a Poesia, realizou o Sr. Erico Veríssimo uma obra que o famoso historiador Thomas, professor da Sorbonne, repudiaria ponto por ponto, mas que todos os poetas acharão, além de linda, superior a quaisquer provadas ou eruditas verdades. E as ilustrações do Sr. João Fabrion, algumas das quais *hors texte* e de página inteira, ainda mais embelezam o livro.



A MALAGUETA, da Coleção Fac-similar de Jornais Antigos, sob a direção de Rubens Borba de Moraes. Introdução de Hélio Viana — Zélio Valverde, editor — Rio de Janeiro, 1945.



Depois que Laudelino Freire teve a idéia bem principessa, bem de bibliófilo e de artista de recortar em fac-símile o Dicionário de Moraes, não teem faltado, por felicidade dos amadores das letras, empreendimentos daquele gênero. Não é preciso explicar longamente, com pormenores, o que eles representam de belo e precioso. Qualquer pessoa compreenderá, imaginará a ditosa sensação de quem contempla, entre as próprias mãos e como coisa sua, uma obra de pensamento e de gosto, reconstituída no seu primitivo aspecto, com a sua vera, autêntica fisionomia. E esse fino prazer nos é proporcionado agora pela reprodução, englobadamente em livro, do periódico *A Malagueta*, cujo primeiro número apareceu a 18 de dezembro de 1821 e de que foi redator o funcionário português Luís Augusto May.

A *Malagueta* veio ocupar, cronologicamente, o décimo oitavo lugar na imprensa brasileira. Constitui, antes de mais nada, o manifesto de adesão de Augusto May à causa do Brasil e ao seu esforço de emancipação. Assim ele se apresentava "no campo raso da liberdade de imprensa"

liberdade que, pelos tempos fora, havia de passar por tantos altos e baixos, à mercê das lutas políticas e dos governos que as enfrentariam. No cabeçalho do panfleto — pois era este o caráter da publicação — vinha uma epígrafe erudita: "Quando se diz acerca dos Negócios do Estado = que me importa? = deve se conar que o Estado está perdido — J. J. Rousseau". Do grande Jean-Jacques pretendia Augusto May seguir a independência de espírito e a sinceridade combativa. Recebera a lição do filósofo e agora a transmitiria, tanto quanto possível, aos contemporâneos. Viria o polemista da *Malagueta* a exercer no Brasil, um século depois, influência comparável à do autor de *Emile* na França, na Europa inteira? Foi sabido como os livros de Rousseau se reflectiram, politicamente, na própria Revolução Francesa, literariamente na germinação e eclosão do Romantismo. De certo Augusto May não ousava esperar semelhante expansão do seu triunfo. No entanto e com maior ou menor confiança em si próprio, a verdade é que se lançou ao combate das idéias e da letra de fôrma com toda a energia e todo o desassombro permitidos pela época. E também a verdade manda reconhecer que a época não era das menos favoráveis relativamente a várias fazes posteriores da imprensa brasileira.

Técnica e administrativamente, a *Malagueta* aparecia bem modestamente. No primeiro número, declarava o redator "ao Público" que, não lhe permitindo as suas ocupações assim como as suas circunstâncias domésticas assumir cargo algum além daquele, aos Srs. Moreira e Garcez deviam dirigir-se as pessoas interessadas, procurando-os na respectiva oficina à rua da Candelária n.º 9, esquina da dos Pescadores. E outro aviso esclarecia que a *Malagueta* era vendida na botica de Antônio Joaquim da Silva Garcez, à rua dos Pescadores n.º 6, esquina da rua da Candelária.

Compreendi o presente como o primeiro duma série de três sobre o mesmo objecto, trinta números da *Malagueta* e sete da *Malagueta Extraordinária*, entre os quais figuram duas cartas dirigidas pelo redator a Sua Magestade Imperial. E traz sapiente e bem organizada Introdução do Sr. Hélio Viana.

Novos

O BRIGADEIRO DA LIBERTAÇÃO. De Paulo Pinheiro Chagas. Livraria Editora Zélio Valverde S. A. Rio. 1945.



O sr. Paulo Pinheiro Chagas, figura das mais brilhantes entre a nova geração mineira, o aplaudido biógrafo do Teófilo Otoni, vem de desincumbir-se com êxito de uma tarefa realmente difícil: escrever a biografia de um homem vivo.

É certo que a vida do sr. Eduardo Gomes, pontilhada de gestos nobres e atitudes significativas, tornou menos árduo o encargo do escritor; mas, ainda assim, há que admirar, no livro em causa, não somente o estilo agradável do sr. Paulo Pinheiro Chagas, porém, sobretudo, a discreção, a serenidade, a sobriedade com que se refere ao biografado.

Diz-se-lhe que o autor, ao traçar seu trabalho, não esqueceu que este não se destina à emergência de um embate político, mas constitui um depoimento para a história.

Prefaciado pelo sr. Helio Lobo, o ensaio biográfico, ilustrado com fotografias referentes à vida do sr. Eduardo

Gomes, desde a infância até os nossos dias, ocupa cerca de duzentas e cinquenta páginas que prendem o leitor, de vez que o livro, narrativa singela, tem substância, até porque há o que ver e o que sentir na existência do homem que motivou a obra, existência que, praticamente, transcorreu, a contar de 1922, numa das fases mais discutidas da evolução nacional.

O livro contém revelações da maior transcendência, tais como a seguinte:

"Por essa solidariedade política, por essa aproximação com os Estados Unidos, Eduardo Gomes batera-se, longamente, nos conselhos de guerra. Ninguém o fizera, com mais fervor, com mais entusiasmo. Quando se tratou da cessão aos americanos de faixas do litoral, afim de se estabelecerem bases aeronavais, sua opinião foi decididamente favorável, já que as democracias necessitavam de um ponto de apoio para o assalto à Europa, infelicitada pelo nazismo. Fez, então, mais do que advogar a medida: foi para o Norte do país construir e organizar essas praças de guerra.

Depois, porém, vieram os termos do respectivo convênio, que feria o melindre nacional. E Eduardo se opôs com uma veemência inaudita. E historiou, e discutiu, argumentou. A cessão das bases, durante a guerra, sim; sua administração, por uma comissão mista, acima da soberania nacional, nunca. Foi de tal ordem a força de sua resistência que se deixou o assunto adormecer, ainda hoje não havendo o acordo entrado em vigor.

O almirante Ingram — a quem o ligam laços de estima recíproca — perguntou-lhe, um dia, cordalmente:

— Então, senhor Brigadeiro! Quando assinaremos o acordo das bases?

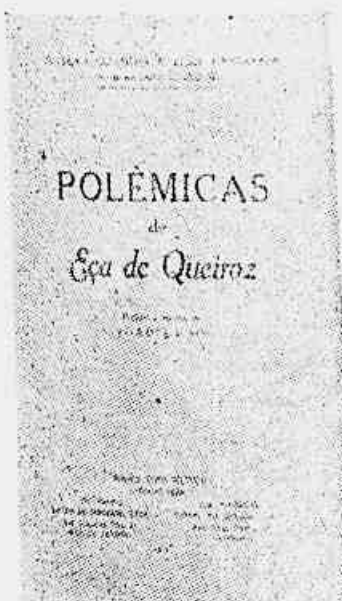
E a resposta sibilou no ar, rápida, incisiva:

— Never!"

G. B.



POLEMICAS DE EÇA DE QUEIROZ — (Prefácio e recolha de João Luso) — Edições Dois Mundos — Rio de Janeiro — 1945.



João Luso perlustrou a obra exuberante de Eça de Queiroz para fazer emergir da mesma um Eça sutil e quase desconhecido, que se perdia na vastidão dos seus livros. Os leitores do iluminado filho da Póvoa de Varzim vieram, através de decênios, atentando no sabor novo que porajava das páginas imortais do criador do realismo na literatura portuguesa, nos apanhos, nos costumes, no humorismo pletórico, nas paisagens e ambientes, em tudo afinal de contas — porque tudo empolga a atenção — mesmo na acidental faceta de polemista que o escritor ostentou por meses com magnificência e decore. Talvez tenha sido o decore o véu imponderável que ocultou de um certo modo a polémica, já que esta se exerceu com fidalguia e respeito e, em via de regra, é de hábito imaginar-se que o polemista só pode ser considerado como tal quando investe em mangas de camisa, a despejar sobre o adversário toda uma opulenta sarabanda de vocábulos menos delicados e mais contententes.

João Luso, porém, encontrou o Eça polemista que os outros não perceberam e trouxe-o em grande estilo para o nosso deleite espiritual. Alinhou as páginas de polémica, pôs em confronto o verbo sereno do polemista ocasional e as provocações inflamadas de Pinheiro Chagas e Camilo, de Fialho de Almeida e Buarque, e realizou um trabalho notável, cuja valia está na revelação com que nos surpreendeu. O livro não é apenas o descobrimento de Eça de Queiroz sob um aspecto que se deixara ficar imperceptível, mas um pretexto esplêndido para um prefácio erudito e crítico, em que a prosa soberba do garimpeiro da obra imensa de Eça se desata em conceitos notáveis sobre o que se deve entender, à justa, por polémica; sobre as consequências trágicas e cómicas da polémica, tanta vez epilógica em duelos. João Luso, de passagem, registra os encontros pelas armas na França, em Portugal e no Brasil, entre polemistas. Revive épocas e figuras, emoldurando-as com a sua prosa encantadora num estudo eminentemente sugestivo da polémica, póstico suntuoso, digno das páginas que sua recolha extraiu de *Uma Campanha Alegre*, *A correspondência de Fradique Mendes*, *Últimas páginas* e *Notas Contempâneas*.

Parece, realmente, um milagre a possibilidade de arrancar alguém o inédito de alguma coisa amplamente editada como a obra de Eça. Esse milagre, no entanto, realizou-o João Luso, apresentando-nos Eça de Queiroz com uma feição quase incrível, qual a de polemista. Se a sobrevivência do espírito é, acaso, um fato, Eça de Queiroz, esarará a estas horas ufano, mantendo a João Luso, com o seu infaível agradecimento, as calorosas felicitações que merece o Prefácio do respigador soberbo da sua obra.

O. T.



O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS. — Aguardem, para o Natal, a nova edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO, o livro maravilhoso que a todos interessa.

Preço: Cr\$ 10,00 em todo o Brasil.

Pedidos à Cia. Editora Americana, rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio.

Atende-se pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio.



RECEITAS. — Oferecida pela "Refinaria de Milho, Brasil S. A.", recebemos um exemplar do livro *Ilustrado Receitas com "Maizena Duryea"*. Muitas ilustrações completam o texto.

Moças e senhoras "chics"



embolso Postal. A venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.

A "Depilina Sarah" destrói os cabelos supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2398 — Rio de Janeiro. Cr\$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Reembolso Postal.



VINHO DA MADEIRA

Mais Doce

H. M. BORGES, SUCCS. LTDA

Estabelecidos desde 1873 — Rua da Madeira

BONS LIVROS
BONS BRINQUEDOS

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

A venda em todas as boas livrarias, papelerias e bazares

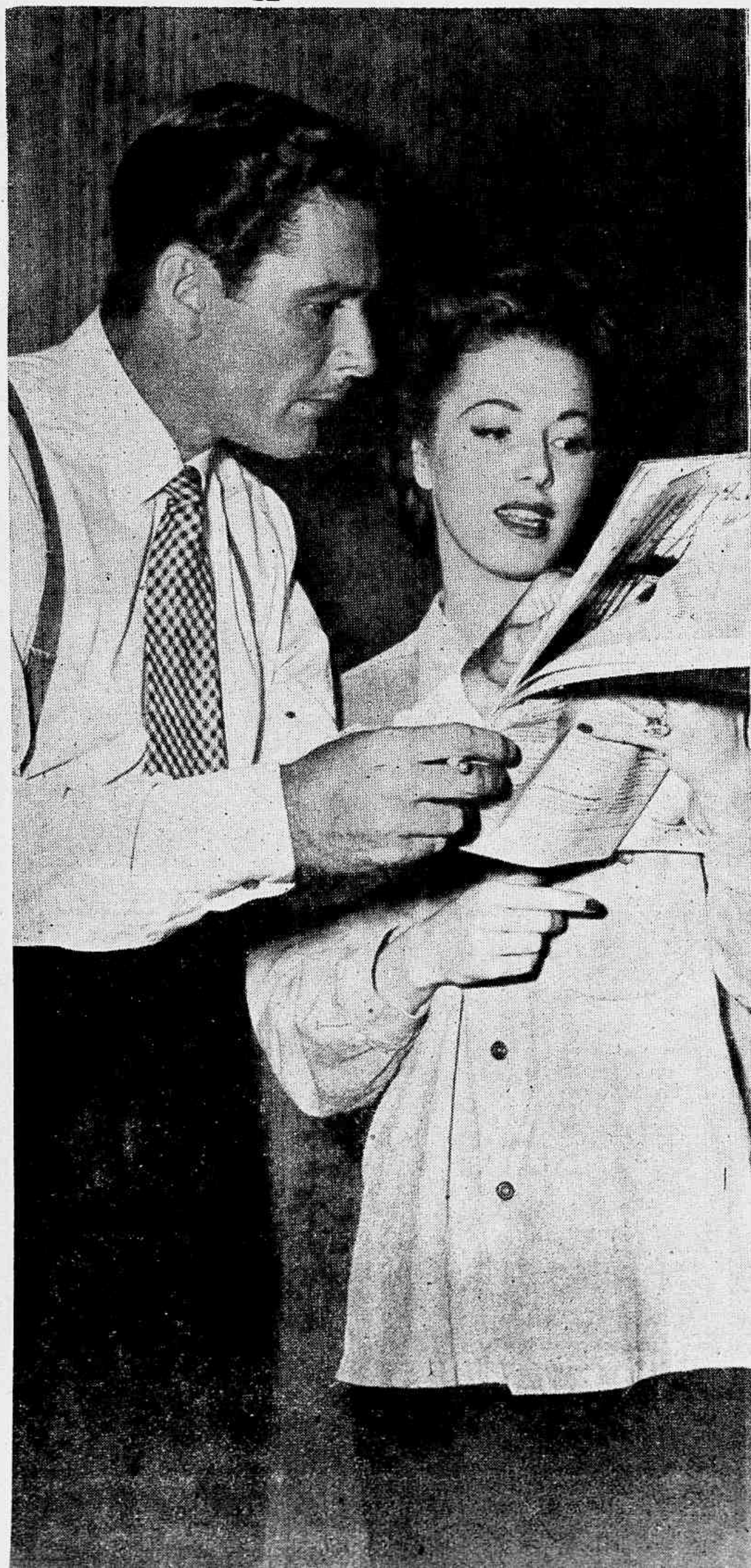
ESTE É O CHARUTO VITORIOSO





Hollywood, novembro. (Por Luiz Serrano) Errol Flynn continua sendo um dos "astros" de maior projeção. Sua carreira é antiga não houve propriamente interrupção em seus trabalhos cinematográficos devido à guerra, como sucedeu com Clark Gable, Tyrone Power, Lew Ayres e outros, mas nem por isso as "fãs" o esqueceram. Pelo contrário, Errol Flynn mantém-se em grande forma, e agora mesmo vamos encontrá-lo, nos estúdios da Warner às voltas com as primeiras leituras do papel que vai desempenhar com Eleanor Parker, no filme "Never say goodbye". Aqui estão dois instantâneos do galã ainda considerado "o homem perfeito de Hollywood" e dois flagrantes batidos em companhia da "estrela", no dia exato em que as primeiras "tomadas" do referido filme iam ser feitas. Terminada a greve dos estúdios, que assumiu maior vulto na Warner, os trabalhos voltam à normalidade. Reparem a preocupação dos artistas na leitura do diálogo e simultaneamente o ar de camaradagem e naturalidade com que eles se encontram. Antes do Ano Bom o filme estará concluído, para estreiar-se logo em princípios de 1946, "o ano da Paz para o mundo e, particularmente, para Hollywood".

O HOMEM PERFEITO DE HOLLYWOOD

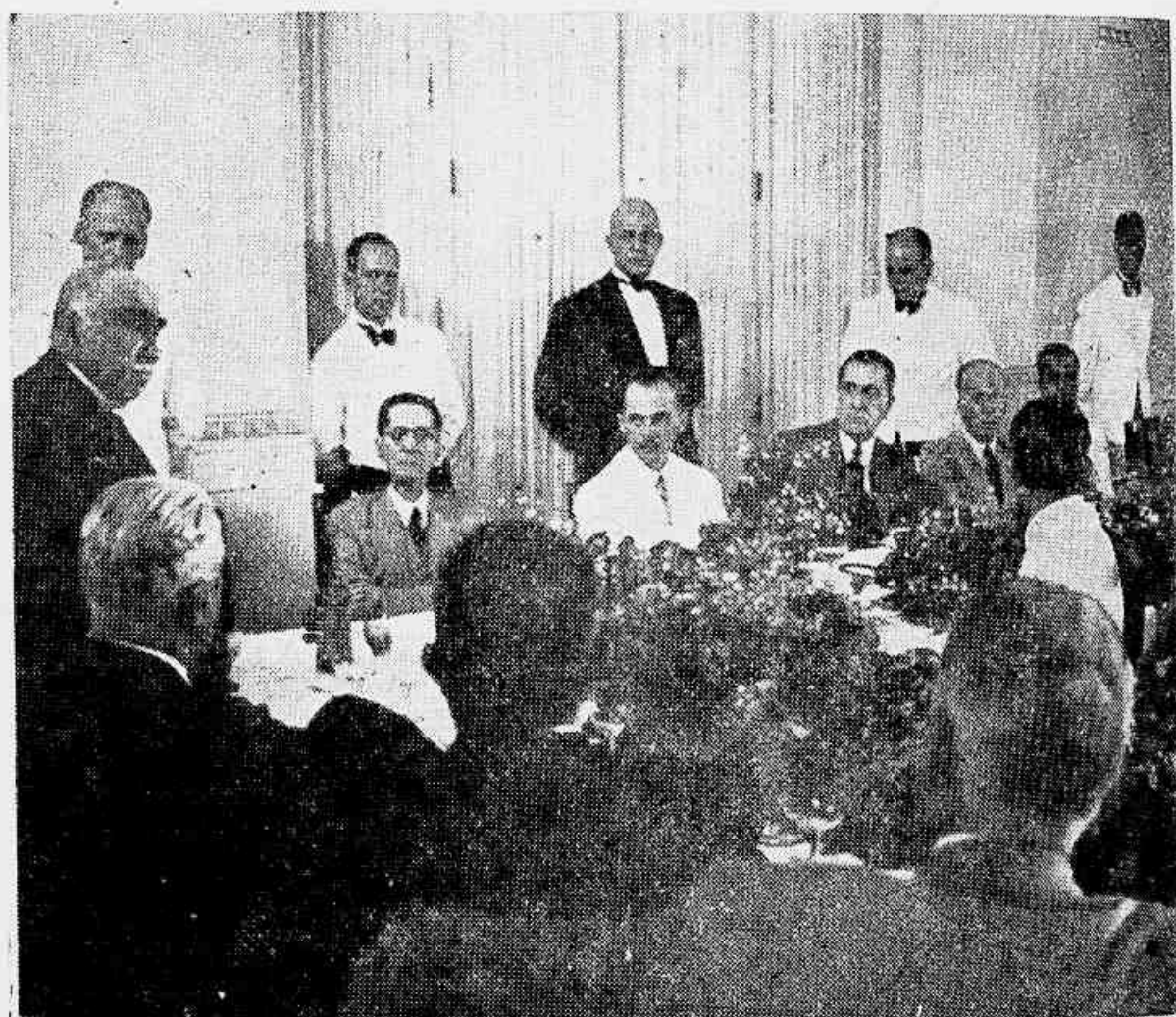




Realizou-se domingo último, no Hipódromo da Gávea, a festa anual com que o Jockey Club Brasileiro homenageia periodicamente a imprensa da Capital. A homenagem consistiu de um almoço oferecido pela diretoria da entidade máxima do turf brasileiro aos cronistas especializados, tendo tido por essa ocasião o sr. João Borges Filho, presidente em exercício do Jockey Club, que aparece na foto do centro à esquerda pronunciando o seu discurso, ao lado do sr. Herbert Moses, presidente da A. B. I. Fixamos nesta página mais quatro aspectos do almoço.



JOCKEY CLUB MUNDANO



Fomos encontrar o grande bilhete, do qual havíamos telefonado pedindo esta entrevista, em sua casa da Tijuca, entre outros, tratando assuntos relativos à eleição próxima.

Recebe-nos com a maior cordialidade, mostrando casos da campanha política contra a ditadura getulista, que combata sempre, com firmeza varonil, desde início, sem desalento, tendo entrado em todas as revoluções contra a tirania, e escrevendo quase diariamente artigos de publicidade clandestina da oposição contra o ditador.

Aliás, toda a vida de Nicanor Nascimento foi uma luta ininterrupta contra a opressão e pela liberdade.

Tinha-se apenas formado em direito, tendo sido empregado comercial, quando tentou a reação de Custódio e Saldaña contra o marechal Floriano, o Conselheiro da República. Ingressou, logo nos primeiros dias, nas hostes do marechal contra a reação monárquica, fazendo parte do Batalhão Acadêmicos. Tomou parte, ainda muito jovem, na batalha de 9 de fevereiro, em que a sociedade republicana, quase toda civil, comandada por Fonseca Ramos, desbaratou a marulada de Saldaña.

Vitioso o marechal, Nicanor nada quis: não teve emprego público, continuando a ser simples advogado.

Deputado pelo Distrito Federal em 1911, sua vida partidária foi de grande atividade parlamentar, tomando parte em todos os grandes debates, tendo sido membro da Comissão de Reforma Constitucional, que discutiu minuciosamente, tendo obtido vitória na questão religiosa e resistido à mutilação do "habeas-corpus".

Logo depois veio a Ditadura e Nicanor Nascimento entrou a combatê-la como marajá, estando em todos os campos de batalha contra Getúlio. Foi encarcerado 11 vezes pela Ditadura; assaltaram-lhe a biblioteca. Mas isso, longe de o dissuadir, mais lhe afeverava o ânimo e combatia pelo jornal, pela palavra, pelos fatos, sendo parte de todos os movimentos revolucionários contra o Ditador.

Quando os fenômenos internacionais forçaram o ditador a semi-abrir as portas da liberdade de palavra e reunião, Nicanor Nascimento esteve em todas as vanguardas da luta pela libertação. Na campanha pela anistia, o velho batalhador compete com a juventude na luta heróica até a vitória, que Getúlio burlou dando anistia mutilada e inversa.

Na luta contra o ditador foi incansável, ocupando todas as tribunas públicas, organizando comícios, conduzindo as massas populares, animando os elementos neófitos, organizando-os para a luta final, em que o ditador foi deposto, vergonhosamente para ele e gloriosamente para as forças armadas, que cumpriram a vontade da Pátria envilecida pela trapaça do "câmbio negro" e das "Quitandinhas", e amarelada pela incrível voracidade da Ditadura insaciável.

Quando Prestes apoiou o ditador, o antigo socialista discordou imediatamente desta ignominiosa atitude e, desde início, entrou para a União Democrática Nacional, em torno de Eduardo Gomes, o libertador do Brasil.

Tem estado na batalha sem tréguas pela democratização da nossa Pátria.

Interrogamos o grande democrata sobre seus planos; respondeu-nos com firmeza e simplicidade: trabalhar.

"Há tudo a fazer no Brasil. A legislação é caótica, intrincada, indecifrável, tal a complexidade da vastíssima decretação da Ditadura.

Os próprios advogados e juizes, na massa imensa dos decretos-leis, já nada entendem do Direito. Declararam-no de público.

Há toda a legislação a refazer, em matéria civil como comercial.

O Direito Operário é um caos horrível. O Ministério do Trabalho chegou a se chamar o atropalho, porque os direitos se esmiçam na maralha das chicanas, e quando uma questão chega ao fim o desgraçado aposentado recebe uma mesada ridícula, que nem lhe permite pagar a casa de moradia. As viúvas esperam até morrer pela pensão dos maridos sacrificados...

Em matéria de finanças a inflação está tumefata, é um imenso tumor quase arrebatando nos extremos da carestia, que só se compara à chinesa.

Os produtores de café estão paralisados, entregando a mercaderia aos americanos abaixo do preço do custo, caminhando para a ruína, a correr...

monopólio vergonhoso; o açúcar é outra vergonha.

O atual governo encontrou tudo no "câmbio negro", e vai libertando o que pede.

O Brigadeiro ganhará certamente a eleição, mas precisa do Parlamento para remodelar tudo isto.

Temos que manter as garantias obreiras e alargá-las, tornando-as efetivas e não fictícias, meramente aparentes como estão.

Para tudo isto precisamos planos e leis... temos que trabalhar muito.

Os estudos publicados pelo candidato nacional são metódicos e profundos. Temos de os realizar numa legislação adequada, sistemática, real.

O povo me mandou ao Parlamento, candidato que sou da U. D. N., darei todo o meu esforço para esta obra ciclópica de reconstrução da Economia, das Finanças, do Direito, dos transportes, da produção mecanizada agrícola, da habitação, da saúde.

Temos de cuidar de um povo abandonado durante 15 anos, enganado, mistificado, corrompido até a medula, pela mentiraihada da Ditadura, pelos discursos imundos do Marcondes e dos demais elementos do DIP.

Tudo a fazer, meu amigo. Trabalho para gigantes.

Tentaremos fazê-lo de ânimo resoluto, com destemor e energia, com grande confiança no timoneiro, cujo grande espírito desinteressado nos conduz através deste pelágio tempestuoso.

Levarei para a Câmara projetos já estudados sobre produção mecanizada, educação das massas, não só para cultura mas, principalmente, para a vida, para a saúde, para o bem-estar dos pobres roubados durante o curto espaço de 15 anos de desonestidade e de incompetência dos governantes, que só assaltavam a fortuna pública e particular...

Sobretudo, entendo que os criminosos devem ser punidos e restituir o que roubaram deslavadamente. Recuso qualquer forma de perdão, de acomodação com essa gente. Devem ser punidos exemplarmente; e para isto me esforcarei quanto em mim couber, sem esmorecimento. Qualquer condescendência seria um crime hedendo contra a Nação. Seria uma traição repulsiva.

— Mas acha possível executar tudo isto?

— Certamente. Cinquenta milhões de brasileiros dispostos a trabalhar, dirigidos por homem competente e honesto, podem tudo.

Se a confiança inspirada pelo dirigente máximo bastará para a recuperação rápida da saúde do Brasil. A inflação será

NICANOR NASCIMENTO

CANDIDATO A DEPUTADO FEDERAL PELA U. D. N.

dução de mercadorias multiplicadas pela ciência, evitados o desperdício e o roubo. Gera a carestia a relação entre a massa de papel-moeda e a massa da produção diminuída. Desde que esta aumente, a relação se multiplica.

Com o elemento confiança interna e externa, imediatamente as atividades multiplicam-se. O que produz o desfalecimento é a insegurança, a incerteza da lei, a oscilação do direito, o descrédito público.

Nos últimos tempos forma-se uma mentalidade de golpe: como tudo era incerto, cada qual queria dar um golpe mais rápido, roubar depressa. Ninguém queria trabalhar. Só se pensava no golpe: avançar no alheio...

A confiança no poder vai alterar esta mentalidade. Cada qual confiará na lei, esperará tudo do trabalho. Isto multiplicará as energias nacionais, fará o equilíbrio.

A inflação e a desordem financeira são

graves, mas a confiança fará milagres. A força da lei criará nova mentalidade criadora de riqueza e de bem-estar...

— Mas não será muito lento?

— Não, meu colega. Este fenômeno de fé pública e alteração da psicologia coletiva, que os primeiros atos logo estabelecerão no espírito público. A inflexibilidade de Eduardo Gomes já inspira confiança à Nação; suas palavras sinceras têm criado uma fascinação, que aumentará com a sua ação segura no governo, sem tibiézas nem politicagem.

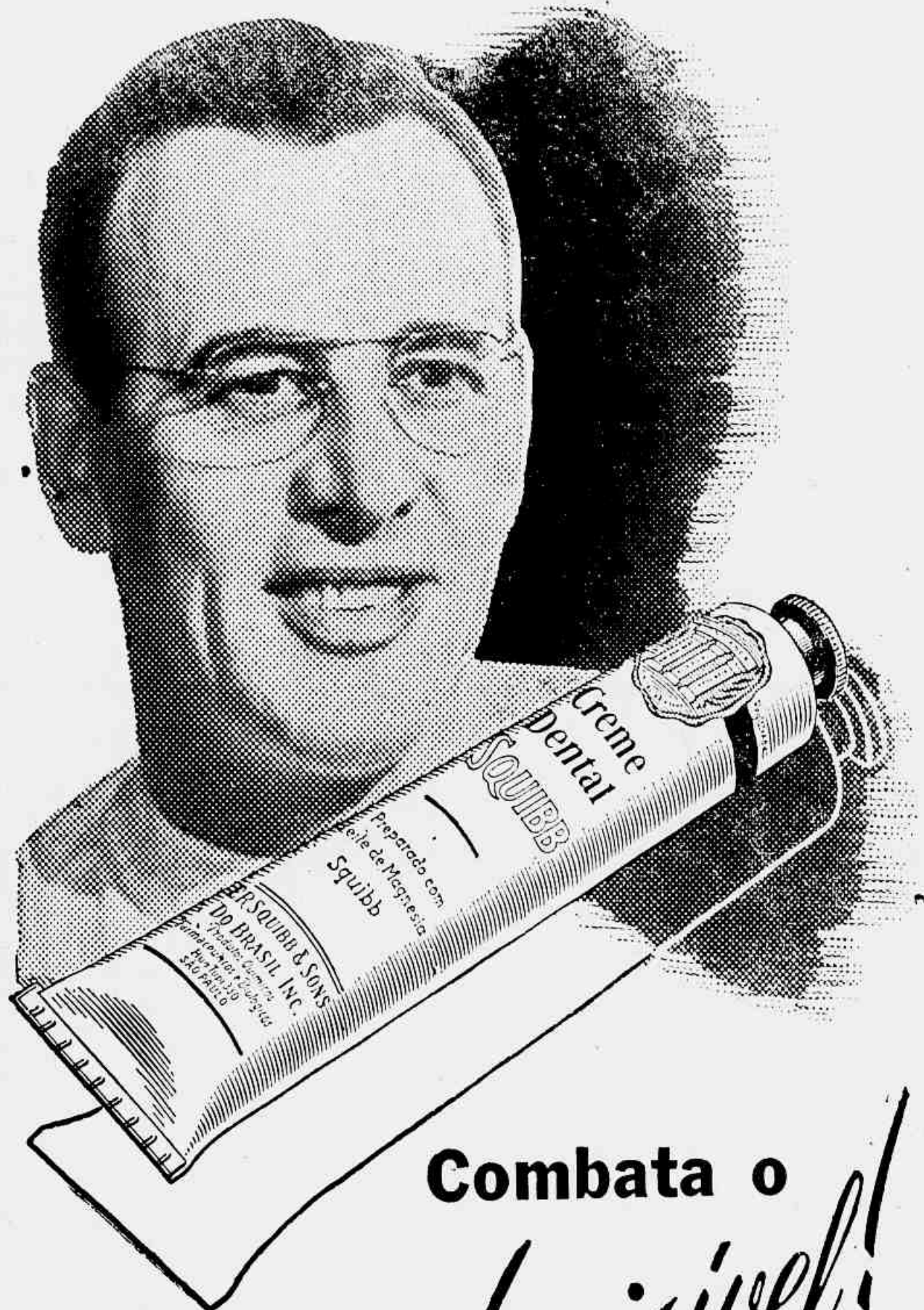
Toda a gente logo entrará a confiar no homem honesto; a confiança há de logo restabelecer-se, quer no interior, quer no exterior, criando fé e riqueza. Venceremos a miséria à custa de renúncia e de trabalho pelo povo."

Era quanto cabia na entrevista rápida de Nicanor Nascimento.

Falava com tal fé que nos creava a esperança num futuro melhor.

Na foto acima o dr. Nicanor Nascimento mostra ao nosso representante o seu fichário eleitoral. Em baixo: o velho político carioca conversa com o reporter.





Combata o

Inimigo Invisível!

O mais traiçoeiro dos inimigos dos seus dentes não é visível. É a acidez bucal de origem bacteriana. Esse "Inimigo Invisível", que age noite e dia, secretamente, pode atacar o esmalte dos seus dentes e causar cáries. Para auxiliar no combate à acidez de origem bacteriana, você deve limpar os dentes pelo menos duas vezes por dia. Mas faça questão de usar o dentifrício certo — o Creme Dental

Squibb! Squibb não é um dentifrício comum. Contém Leite de Magnésia — ingrediente cujo contato concorre para a neutralização dos ácidos.

E o Creme Dental Squibb é delicioso, estimulante. Uma agradável sensação de frescor invade a boca, o paladar se renova. É um prazer combater o "Inimigo Invisível" com o Creme Dental Squibb. Adquira hoje esse hábito saudável.



CREME DENTAL

SQUIBB



BETTY HUTTON é hoje um nome feito. Canta, e de que maneira! Os colecionadores de capas de revista gostam de Betty Hutton — e nós também. Combinando a beleza de sua cabeleira loura e sua intensa juventude, ela aqui está, em uma pose suave e pensativa, "bancando" a môca compenetrada e sôzuda. Mas especializou-se também em papéis humorísticos. E sabe piscar de um modo irresistível...



VERONICA LAKE iniciou sua carreira à custa de um penteado excêntrico e realmente escandaloso. Depois melhorou suas condições de intérprete e mostrou a cara inteira. A testa alta, os olhos mortos mas perscrutadores fizeram época. As garotas imitavam o penteado "tapa-olho" de miss Lake. Hoje é mais alguma coisa além de uma sugestiva "cover-gal". É uma artista bem interessante.

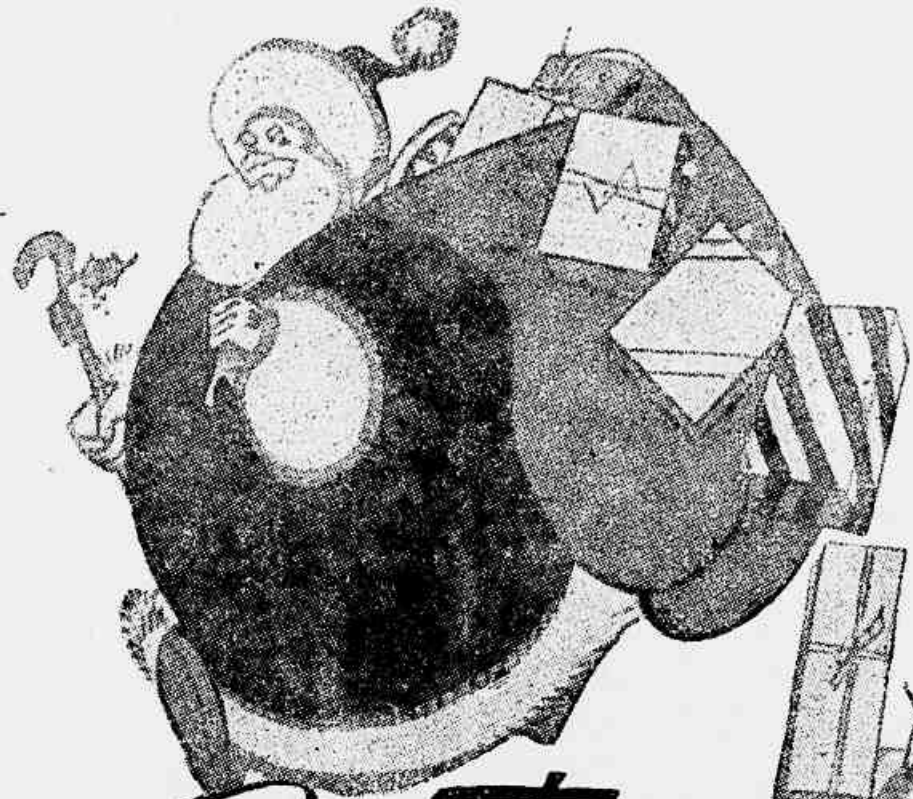
G I R L S



CLAUDETTE COLBERT, a veterana, um figurino ambulante, mostrando vestidos novos, atitudes novas que as mulheres elegantes do mundo inteiro passam a copiar. Miss Colbert tanto faz o drama como a peça ligeira. Ela não é mocinha, não, mas por isso mesmo — Balzac para uma! — tem "fans" em todas as idades. "Fans" que penduram o retrato de Claudette na cabeceira...



DOROTHY LAMOUR muito antes de usar "sarong" começou a popularizar-se. As más línguas afirmavam que ela não dava mais nada sem se vestir — ou despir — à maneira do Hawaii... Ela tem provado o contrário. Em companhia de Bing Crosby e Bob Hope apareceu por mais de uma vez, e fez rir. Mas de "sarong" então, é que as coisas se complicam. Dorothy Lamour e seus olhos... (Fotos Paramount)



Bóas Festas

PAPAI NOEL recomenda o momento como o mais oportuno para uma visita a **NOTRE DAME DE PARIS**. Os seus sortimentos excedem, no mês de Natal, a quanto se possa idealizar em beleza, elegancia, originalidade e modernismo.



Secções de:

SEDAS E ORGANDIS
ROUPAS PARA CRIANÇAS
ROUPAS DE CAMA E MESA
CINTAS E MODELADORES
LINGERIE

NOTRE DAME de Paris

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO OUVIDOR, 182

NO TEMPO DE FLORIANO

No seu livro de "Memórias", cuja edição "póstuma e definitiva" foi publicada sob o sugestivo título "Quando eu era vivo...", Medeiros e Albuquerque faz revelações interessantes sobre a revolta da armada ao tempo de Floriano Peixoto. De resto, todo o livro de memórias do grande jornalista, que foi também um dos fundadores desta publicação, é pontilhado de comentários preciosos, muitos deles ligados às ocorrências políticas, sociais e literárias do seu tempo.

Aqui estão alguns fragmentos do capítulo sobre a revolta de 93:

"O grande acontecimento do tempo de Floriano foi a revolta da armada, que começou em setembro de 1893 e terminou em abril de 1894. Foi um tempo agitado e pitoresco. Nessa época o Palácio do Governo não era ainda o das "e dos" águias, no Catete. Era o Palácio Itamarati. Esse palácio foi, durante todo o tempo da revolta, um ponto mais curioso. Pode-se dizer que ele funcionava ao mesmo tempo como repartição pública e como clube político.

Nas salas da frente havia sempre uma multidão de oficiais e outras pessoas, conversando. Aliás, nesse tempo, com a abundância de batalhões patrióticos que se tinham formado, quase todos eram oficiais ou soldados. Eu mesmo fui então feito tenente-coronel da guarda-nacional, honraria que só me foi deliciosamente útil, muitos anos depois, em Paris. Sabia-se que lá nos fundos, em lugar pouco acessível, estava o marechal trabalhando. Mas a grande maioria ficava na parte fronteira do edifício, conversando. O pior é

que, na meia desorganização que então havia, havia quem conseguisse coisas espantosas.

Um dia, por exemplo, soube-se de uma proeza atribuída a um ex-cônsul do Brasil no Japão, que se chamava, se bem me lembro, Francisco de Almeida. Todos, entretanto, o conheciam como Chico Japão. Era de uma fecúndia quixotesca e inesgotável...

Várias vezes os navios dos revoltosos tinham saído a barra sem que as fortalezas os tivessem podido deter.

Chico Japão, dizendo-se autorizado por Floriano, obteve que se carregasse uma embarcação descoberta, com algumas toneladas de pólvora e que a pusessem amarrada no canal perto da fortaleza de Santa Cruz. Como, nesse dia, se esperava a saída de um dos navios da esquadra revoltosa, ficou assentado que quando ele estivesse passando, a fortaleza devia atirar, não para o navio, mas para a embarcação. Era um tiro seguro, porque a embarcação estava parada, em lugar conhecido e bem pertinho. Dada a pequena largura do canal, a explosão não podia deixar de danificar o navio — garantia o Chico Japão. Deuse a ordem e a formidável carga de explosivos estava no seu lugar, quando felizmente Floriano soube do caso e mandou retirá-la. De fato, o navio que passasse sofreria muito provavelmente um abalo violento, que talvez o fizesse ir ao fundo. Mas, ao mesmo tempo, era quase certo que a Fortaleza, junto da qual estava a carga, sofreria muito mais!

Uma das pessoas que frequentemente apareciam na parte "palestrativa" do Itamarati era o então coronel, e que depois chegou a marechal, Pires Ferreira. Era um conversador muito engraçado, sobretudo quando se lembrava de contar episódios da Guerra do Paraguai, mostrando como eles tinham realmente ocorrido, sem os falsos heroísmos com que os enfeitam os graves livros da história.

Pires Ferreira foi sempre um tipo muito curioso. Certo dia, quando ele comandava os alunos da Escola Militar, estes lhes deram uma formidável vaia, chamando-o pelo seu habitual apelido de "Vaca Brava"... O Vaca Brava resolveu castigá-los. Não quis, porém, deixar por escrito a confissão de que levava uma vaia. E como todas as ocorrências da escola deviam constar de uma "parte", que todos os dias se arquivava, ele consignou que os alunos tinham sido punidos por terem dado uma vaia... na música!

Melhor, porém, fez ele em Santa Cruz, quando comandava a fortaleza. Vieram dizer-lhe que os presos se tinham revoltado. Um grupo subjugara o carcereiro e lhe tirara as chaves com as quais abria as prisões dos demais. Tinham saqueado a arrecadação de armas. Todos estavam, portanto, armados. Além disso a superioridade deles era tão grande que não podia haver dúvida sobre o desfecho da luta — se luta houvesse. O comandante armou-se, pôs o revólver na cinta e partiu sozinho a enfrentar os revoltosos.

Medeiros e Albuquerque proferindo um discurso na Academia Brasileira de Letras. A propósito: foi ele o primeiro secretário da REVISTA DA SEMANA, quando esta publicação apareceu, em maio de 1900.

Trinta anos após a fundação da REVISTA, justamente comemorando essa efeméride, Medeiros e Albuquerque assinava uma crônica no frontispício da nossa edição especial, recordando episódios daquele tempo.





Uma fotografia histórica, "do tempo de Floriano", ou melhor, do tempo da revolução, em 1893. Ruínas da fortaleza de Villegaignon, vendo-se, à direita, um canhão montado para funcionamento. Outras interessantes documentações fotográficas desse acontecimento serão divulgadas na edição de Natal da REVISTA. Esse instantâneo foi batido pelo "retratista J. Gutierrez", que tinha, então, seu estúdio instalado na rua Gonçalves Dias.

Quando êstes o viram, reuniram-se em atitude hostil, esperando o que êle ia fazer.

O comandante parou diante dêles, calado, tirou o revólver da cintura e tirou-o ao chão. Desembainhou a espada e lançou-a também longe de si. Apalpou-se teatralmente para mostrar que estava inteiramente desarmado. Durante êsse tempo os presos revoltados olhavam-no, atônitos, sem compreender. Esperavam uma agressão e viam o comandante atirar para longe as armas. Quando êle acabou de fazer tôda aquela encenação, adiantou-se para o grupo e gritou-lhe:

— Já! Ponham as armas no chão!

Os presos, fascinados por aquela audácia, sem discutir, instintivamente, obedeceram. O comandante passou-lhes uma reprimenda severa, mas prometeu tomar as providências que êles queriam, e mandou-os entrar para as prisões. Não houve nenhum que desobedecesse.

Foi profundamente hábil, porque um revólver e uma espada — tudo o que êle tinha — não valiam nada diante do armamento dos soldados, que estavam todos bem municiados.

Pires Ferreira fez, graças à imprensa, fama de pouco inteligente. Fama injusta. Êle era pouco instruído, céptico, procurando apenas orientar-se para os que iam tomar o comando. Mas era bom, leal, amigo de seus amigos e inteligente. Mesmo de sua pouca instrução

haverá quem possa duvidar, se percorrer nos Anais da Câmara alguns dos discursos que aí estão com o seu nome.

Mas êsses discursos são uma pilhéria. Quando êle acabava de os fazer, dizia a Fausto Cardoso, que era então redator de debates:

— Menino, põe aí umas coisas bonitas.

E Fausto Cardoso escrevia tudo o que lhe passava pela cabeça. Creio que há alguns dêsses discursos em que se fala da teoria da evolução e de várias outras coisas de que jamais Pires Ferreira teve o menor conhecimento. Aliás, de um modo geral, os Anais do nosso Congresso são uma das publicações menos fidedignas de que há notícia. Mas não havia no Itamarati apenas conversas. Havia um trabalho enorme. Tôda a vida nacional estava concentrada nessa casa, de onde Floriano pouco se arredava.

A primeira lembrança nítida que eu tenho de Floriano data do dia em que o vi, perante a Constituinte, tomar posse do cargo de Vice-Presidente da República. Para o cargo de Presidente tinha havido dois candidatos: Deodoro e Prudente de Moraes. Mas tanto os partidários de um como os do outro votaram para Vice-Presidente em Floriano Peixoto.

A eleição presidencial foi renhida. Deodoro, graças ao barão de Lucena, estava já profundamente impopular. Para fazê-lo eleger foi necessária uma pressão extraordinária. Parece mesmo que houve até corrupção em di-

nheiro. Em muitos foi, sobretudo, o medo de um levante militar que decidiu do voto.

No dia da tomada de posse, a grande sala da Constituinte, que funcionava então na Quinta da Boa Vista, estava apinhada de povo. Literalmente apinhada. Nas tribunas como nas galerias não faltavam senhoras. Era realmente um espetáculo imponente.

O Presidente da Constituinte, Prudente de Moraes, nomeou a comissão que devia introduzir no recinto o marechal Deodoro. Fez-se silêncio. A comissão voltou com o marechal. Na sala estalaram algumas palmas. Poucas. Poucas porque logo, de vários pontos, vozes imperiosas gritaram: "Psiu! Psiu!"

Os amigos de Deodoro, embora em minoria, eram, decerto, numerosos. Ouvindo, porém, aquelas interjeições enérgicas para que se calassem, tiveram naturalmente a impressão de que era impróprio do lugar qualquer aplauso. O resultado foi o que se nota quando em uma assistência numerosa apenas meia dúzia de pessoas aplaudem. Essas palminhas chôchas dão uma impressão ridícula. Deodoro ficou de pé ao lado de Prudente. A comissão saiu para buscar Floriano Peixoto. Durante êsse tempo o silêncio do recinto se fez absoluto. Um cego julgaria que estava deserto. Ninguém se movia. Nisto, a comissão voltou com Floriano, que subiu, firme, até onde estava Deodoro.

Uma ovação formidável reboou, estrugiu pelo salão.



Uma joia no toucador

Faça de sua beleza um desafio ao tempo! Conserve a formosura e o esplendor dos seus cabelos! Ondulados ou lisos, louros, castanhos ou pretos, proteja-os sempre com o famoso Tônico Oriental. Revigora, amacia, evita a queda e prolonga a vida dos cabelos. É delicadamente perfumado.

Tônico ORIENTAL

PARA DEFENDER SUA SAÚDE
exija um refrigerador.



Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda
Rua Rosa e Silva, 74
(esq. Praça Marechal Deodoro;
Fones: 5-1311 e 5-1322

SÃO PAULO
À VENDA NAS MELHORES
LOJAS EM TODO O BRASIL

a marcha do tempo...



Nas praias, em 1881.

Nas praias, em 1902.



Nas praias, em 1945. Será inveja ou concorrência às coristas?

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Que acham as nossas leitoras deste modelo apresentado por Janet Blair? Não é uma ótima sugestão para um traje de interior? (Foto Columbia)

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Presentes úteis e de adorno

Magníficas exposições de serviços de jantar, de chá e de café, de finíssima porcelana inglesa e portuguesa. O mais completo e encantador sortimento de cristais, porcelanas, faianças e de originalíssimas

NOVIDADES, PRÓPRIAS PARA
PRESENTES DE NATAL!



Riquíssimas baixelas de prata portuguesa, e faqueiros prata de lei e prata 90.

90 — ASSEMBLÉIA — 90

(A 10 metros da Avenida)

O PINCE-NEZ DE OURO

ORÇINA DE 1.º ORDEM
AVANÇAM-SE RECEITAS ME-
DICAS COM EXATIDÃO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

Carnet do "fan" de música

MUSICA PARA MILHÕES

ORQUESTRA SINFÔNICA, COROS e SOLISTAS
ARRANJOS ESPECIAIS e REGÊNCIA de
FRANCISCO MIGNONE
SEGUNDAS-FEIRAS, DAS 21 ÀS 21.30



*Visões
Musicais*

TERÇAS-FEIRAS
DAS
21 ÀS 21.30

GRANDE ORQUESTRA
sob a direção de
NICOLINO MILANO e
LEONIDAS AUTUORI



ORQUESTRA
SINFONICA
Brasileira

QUARTAS-FEIRAS
DAS
20 ÀS 21 hs.

REGÊNCIA
de
**EUGEN
SZENKAR
ELEAZAR DE
CARVALHO
JOSÉ
SIQUEIRA**

*Turbilhão
DE
Ritmos*

ARRANJOS
MODERNOS e
REGÊNCIA de
BOB MILLER

QUINTAS-FEIRAS
DAS
21 ÀS 21.30



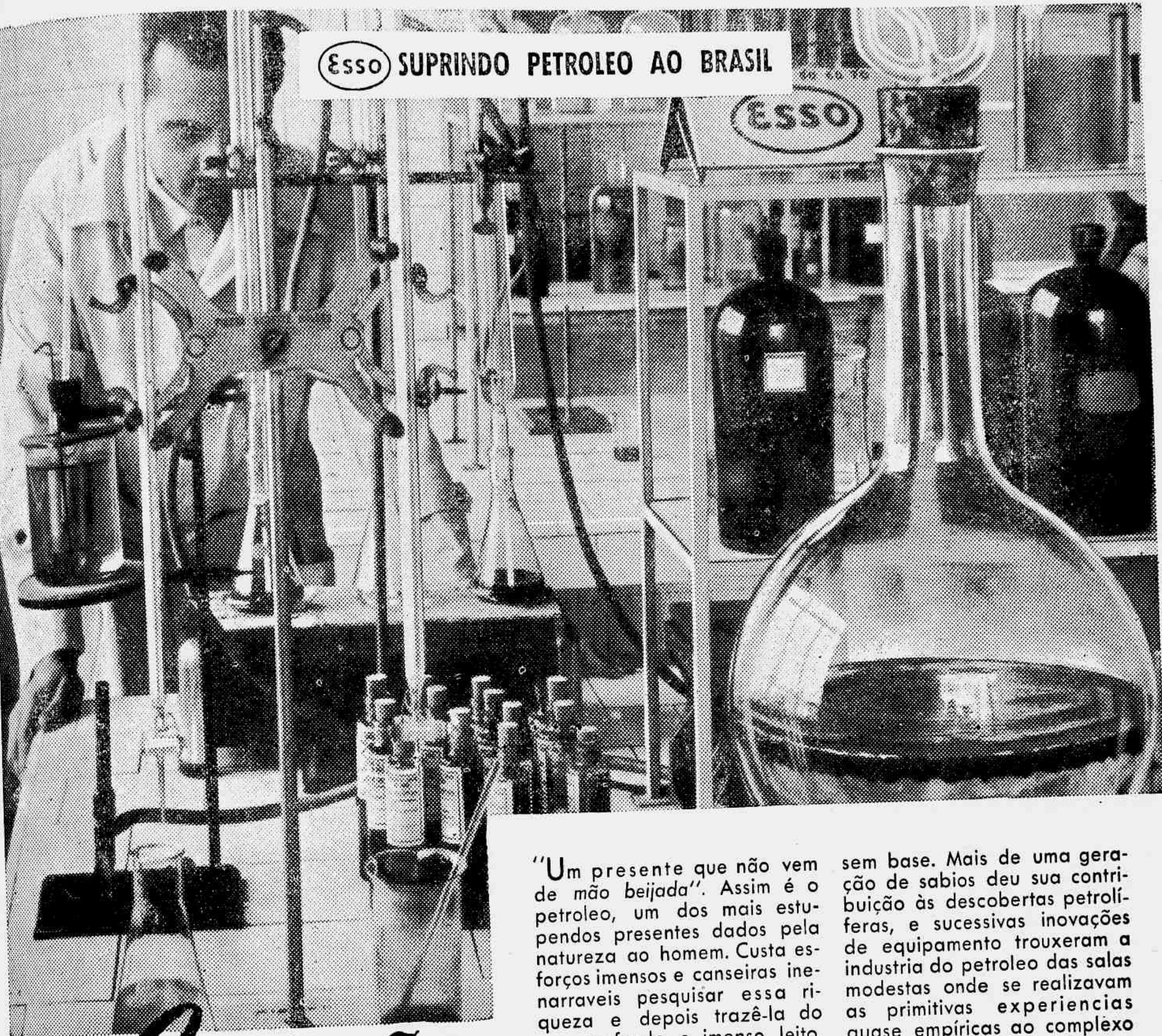
SELEÇÕES MUSICAIS

MELODIAS INESQUECÍVEIS

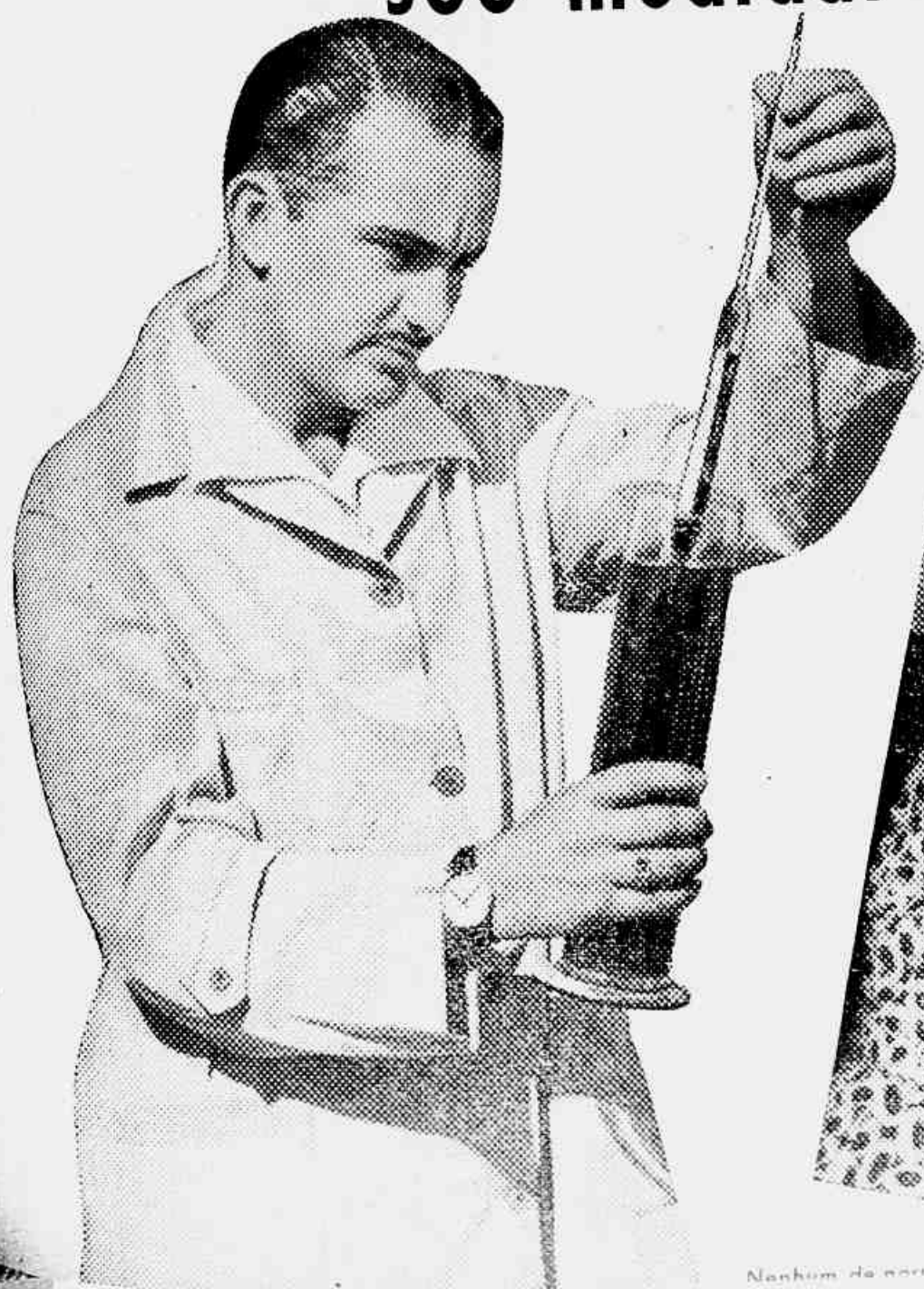
ORQUESTRA FILARMÔNICA
DIRIGIDA POR **FRANCISCO MIGNONE**
SEXTAS-FEIRAS, DAS 21 ÀS 21.30

Radio GLOBO
PRE 3 1.180 quilôciclos

Esso SUPRINDO PETROLEO AO BRASIL



Solução sob medida!



"Um presente que não vem de mão beijada". Assim é o petróleo, um dos mais estupendos presentes dados pela natureza ao homem. Custa esforços imensos e canseiras inenarráveis pesquisar essa riqueza e depois trazê-la do seu profundo e imenso leito, às vezes a quilômetros de profundidade, para transformá-la em produtos utilizáveis. E criar estes produtos, aperfeiçoá-los, enriquecer suas qualidades, constitui a parte mais prodigiosa da epopéia da indústria petrolífera.

A eficiência atingida em nossos dias por essa indústria - com a criação de centenas de produtos e sub-produtos do petróleo - não é um improviso mágico, nem uma criação

sem base. Mais de uma geração de sábios deu sua contribuição às descobertas petrolíferas, e sucessivas inovações de equipamento trouxeram a indústria do petróleo das salas modestas onde se realizavam as primitivas experiências quase empíricas ao complexo aparelhamento dos laboratórios modernos.

Graças a isto - a uma valorosa equipe humana e a um imenso e multiforme equipamento material - a Organização Esso vem realizando, no terreno das pesquisas petrolíferas, o que parecia difícil e até mesmo o que era considerado impossível.

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional do Rio (ondas longas e curtas); Record de São Paulo; Inconfidência de M. Gerais, Belo Horizonte; de P. Alegre e Rádio Clube de Pernambuco, de Recife (ondas longas e curtas).



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Às vezes, mesmo esta imensa variedade de lubrificantes não serve para determinada máquina. Então cria-se um novo.



TINTURA FLEURY
DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

*Pega ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - Sub. Rio

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado..... R.S.

MESBLA aconselha:



Vendas pelo Credi-MESBLA sem fiador
RUA DO PASSEIO, 48-56 — 1.º andar

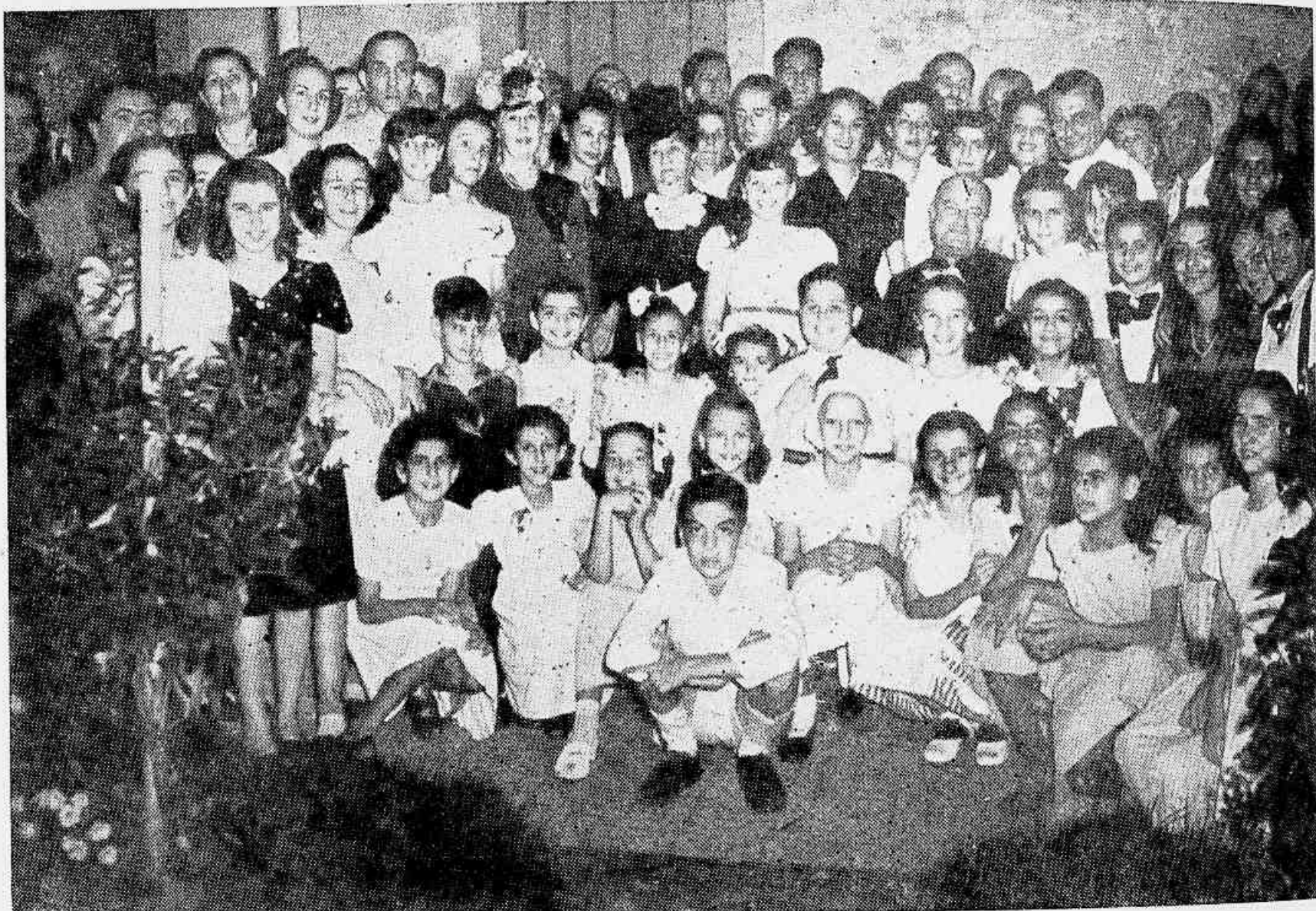
— Menti-lhe...
— Mentiu-me? Então não é verdade que o senhor...

— Sim, é verdade. Amo sua filha. Menti-lhe apenas em par-

te. Ainda não nos casamos, mas já providenciei tudo... Sua filha está na ante-sala com o sr.



Igreja de Santa Bárbara, situada no município de São João Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, construída sob a orientação do coronel Geraldo Filgueiras de Rezende, acatado fazendeiro e político nessa próspera região. Esta foto nos foi ofertada pelo dr. Campos de Rezende, que também contribuiu moral e materialmente para que se erigisse tão suntuoso templo.



O NOIVO DO MINISTERIO

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 49

— Sim, não há dúvidas. Dotarei minha filha generosamente. Ela soube escolher.

O sr. Dubois olhou para o "sogra" com ar suplicante.

— Sr. Janeau...

— Diga, prezado genro. Fale, não tenha receio.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas, e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso de Creme de Alface "Brilhante".

Transcorreu no dia 9 de novembro p.f. o aniversário natalício da sra. Elvira de Carvalho Mesquita, digníssima esposa do sr. comendador Laurindo de Azevedo Mesquita e mãe dos srs. Anibal de Carvalho Mesquita, conceituado industrial ortopedista, e Nelson de Carvalho Mesquita, médico nesta Capital. Para comemorar tão grata efeméride, o distinto casal ofereceu em sua residência, na Estrada Velha da Tijuca, uma recepção às pessoas de suas relações, tendo a aniversariante, senhora de nobres virtudes, recebido muitas demonstrações de afetuoso carinho. Estampamos nesta página dois flagrantes colhidos pela objetiva da REVISTA DA SEMANA durante a reunião, vendo-se num deles o casal Laurindo Azevedo Mesquita rodeado pelos seus inúmeros parentes e amigos.



CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBÚ**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA CÔR NATURAL E LIMINA A CASPA. EXITO GARANTIDO



Senhoras!
Se a Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!




**PARA QUE SUA EPIDERME MANTENHA
TODO O ENCANTO DOS 20 ANOS...**

CRISTAIS PARA BANHO E TALCO

ALLÂNIA

PRODUTOS DE ALTA CLASSE

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

A renda é sempre um dos tecidos mais belos para a confecção de grandes "toilettes". Aqui temos um lindíssimo modelo em renda, que nos apresenta Laraine Day, da Metro. É um vestido para os chás elegantes, ou para os "cocktails" grandiosos. Reparem nas luvas de tafetá, e no movimento gracioso da saia.

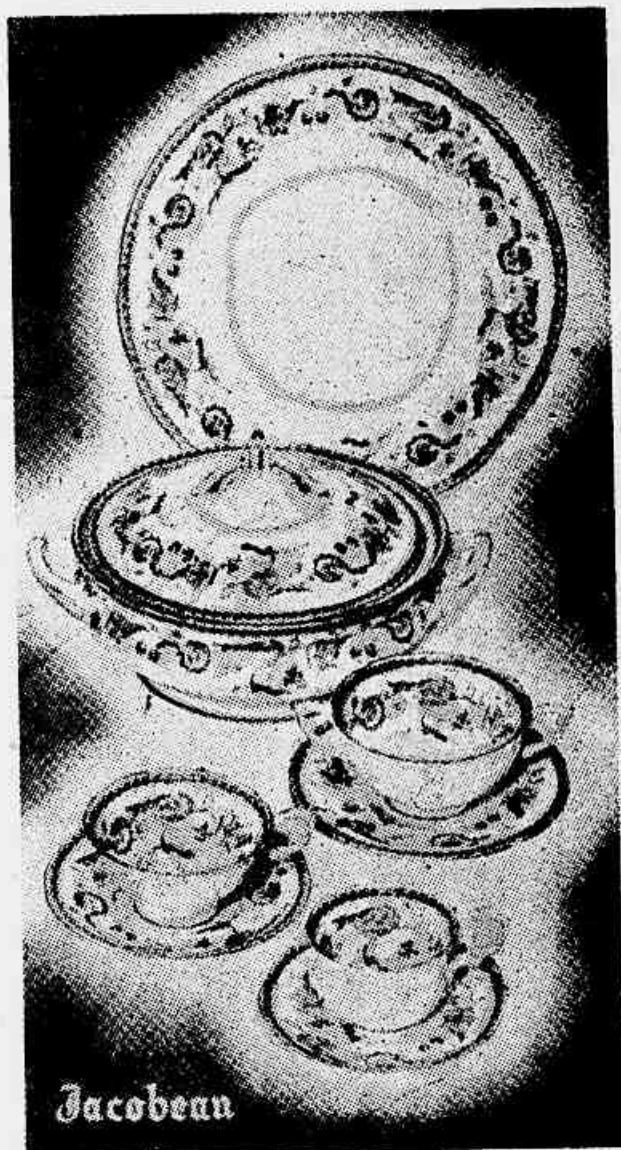


A CASA CRISTALINO

apresenta a mais atraente exposição de finíssimos cristais, faianças e porcelanas para adorno e presentes. Linda variedade de faqueiros prata de lei e prata 90. Serviços de jantar, chá e café, de porcelana inglesa e portuguesa. Artigos de arte e ARTÍSTICAS NOVIDADES

para

PRESENTES DE FESTAS



Faça uma visita à
CASA CRISTALINO
— A rainha dos Presentes —
Rua URUGUAIANA, 35 e 37

Para
O
«Cock-tail»

RUGOL

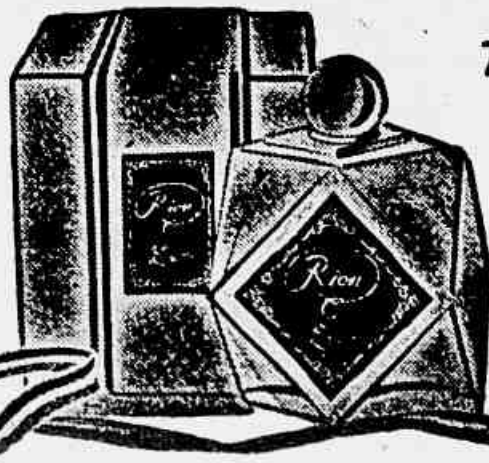
O CREME
EMULSIFICADOR DA PELE

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Ricco



PERFUMES

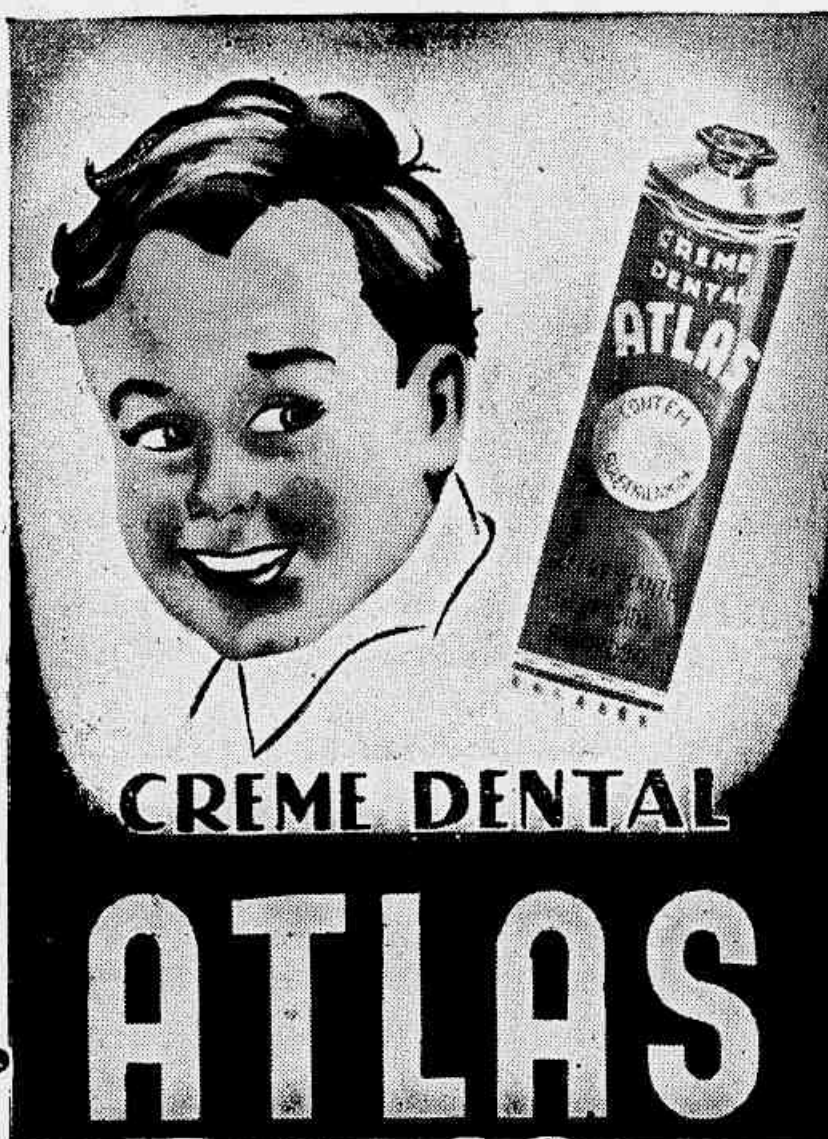
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

Homenageado o casal Mendes da Silva



Realizou-se em São Paulo, no Clube Escandinávia, o jantar oferecido pelas famílias da "Frota da Boa Vizinhança" ao reunião teve cunho de fidalga simplicidade e decorreu em distinto casal d. Alice—coronel João Mendes da Silva. A ambiente de alegria comunicativa. Falaram, oferecendo um retrato do coronel Mendes da Silva, trabalho do professor Cimbélino de Freitas, o jornalista Gumerindo Fleury; o dr. Camara Lopes dos Anjos, em nome da "Boa Vizinhança"; o dr. José Tavares, do Aero-Clube São Paulo; o dr. Antonio Wey; capitão Bueno Brandão, e o homenageado, agradecendo. Nhô Bento disse versos, e a senhorita professora Odete Guedes deliciou os presentes com vários números de piano. O clichê mostra parte da mesa que presidiu à distinta reunião.



Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

A pista do fio de cabelo

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 17

isso abaixou-se, e é provável que tenha enganchado os cabelos nos ferros. Por isso, se procurarem bem, devem encontrar um fio de cabelo, ou uns fios de cabelo, dêle enganchado na armadura. Quero êsses fios.

A lei das probabilidades que regulava os raciocínios de Sherlock Holmes nunca falhara. Agora mais do que nunca provava a sua eficácia.

— Sherlock! Sherlock!

O grande detective estava dormindo a sesta quando Watson irrompeu pelo seu quarto, extremamente nervoso.

— Que há? Por que me acordou?

— Encontrámos um fio de cabelo!

— Que há nisso de extraordinário?

— Muita coisa. É... é extraordinário.

Sherlock mostrou-se condescendente. Sorriu com superioridade e disse:

— Pelo contrário. Pelo contrário. É' elementar.

Watson suspirou de contentamento.

— Tudo resolvido.

Sherlock ia dormir novamente, quando êle perguntou:

— E agora?

— Agora o que?

— Que faço agora?

— Encontre o dono dêsse fio de cabelo e terá o criminoso.

— Mas... como?!

Sherlock suspirou:

— Eu sou o cérebro que raciocina. Não trato dêsses detalhes. Você, como meu auxiliar, já devia saber o que tem a fazer.

— Mas...

Watson, quando aprenderá as bases mais elementares da investigação?

Watson deixou cair a cabeça, humilhado.

— Você sabe que eu não sou inteligente como você.

Sherlock quis demonstrar amizade. Deu uma pancadinha amistosa nas costas do amigo e disse:

— De fato, meu fiel Watson, você é muito burro, mas gosto de você assim mesmo.

Watson sentiu-se animado com estas palavras e aventurou-se a perguntar:

— Não quer me indicar o meio mais eficiente de descobrir o dono do fio de cabelo?

Por especial deferência ao amigo, Sherlock dignou-se mostrar como deveria ser feita aquela investigação tão simples...

— Mande vigiar todos os portos da Índia. Tôdas as estações de estrada de ferro. Quando descobrirem um homem querendo fugir, de ar suspeito, prendam-no. Se faltar um fio de cabelo, será o nosso homem.

Watson saiu correndo para cumprir as determinações do grande detective. Dias mais tarde vieram a descobrir um individuo suspeito, querendo fugir.

— Sherlock! Sherlock!

Foi novamente na hora de sesta que Watson chegou com as notícias.

— Horrível!

Sherlock, meio tonto de sono, perguntou:

— Que houve?

— Descobrimos o homem suspeito.

— Prenderam-no?

— Sim.

— Aí está.

— Mas...

— Que foi?

— Uma coisa horrível, inesperada...

— Diga logo! Vamos!

— O... O homem...

— Oh, meu Deus, você não sabe falar? Vamos, desembuchel!

Watson tirou um lenço do bolso, enxugou o suor da testa e anunciou com voz solene:

— O homem era completamente calvo.

Ao ouvir estas palavras, Sherlock sentou-se na cama com ar aturdido.

— Meu Deus!

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Watson.

Mas Sherlock, pensativo, murmurava:

— Até onde vai a barbárie!... Era um indú?

— Sim.

— Logo vi. Que homem tremendo!

— Mas Sherlock, eu não compreendo...

— Meu Deus, não percebeu?

— O que?

— Êsse homem... Um fio de cabelo... um crime... Cada fio de cabelo um crime... Watson, êsse homem, sendo careca, deve ter assassinado milhares de pessoas...

Watson deixou-se cair numa poltrona, assustado.

— Elementar, meu caro Watson — concluiu o grande detective.

Mas, no seu espanto inominável, o amigo esquecera o habitual "extraordinário!". Amuado, o grande cérebro da investigação deu-lhe as costas e tornou a adormecer.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

COMO O SOL
DÁ VIDA À NATUREZA,
ANTISARDINA REALÇA
A SUA BELEZA

ANTISARDINA, o creme que
não rejuvenesce, prolonga
a mocidade da CÚTIS.

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIAICO
Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

CUTIS

CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, convém sobre a sua felicidade, convém nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.



CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

O NOIVO DO MINISTERIO

Continuação da pagina 29

tosamente ante o sr. Dubois, o mais velho manifestou-se:

— Perdoe-nos, excia., mas o sr. ministro do Exterior deseja vê-lo com urgência. Trata-se do caso da nomeação para a Embaixada de Caracas. Fomos informados pelo "chauffeur" de vossa excia. de sua visita à mansão do sr. Janeau. Tomámos a liberdade de vir, dada a urgência que o sr. ministro manifestou.

Janeau — industrial aposentado — pela segunda vez em dez minutos esbugalhou os empapuçados olhos.

Dubois lançou sobre os dois cavalheiros um olhar protetor e os despediu:

— Regressem ao Ministério e digam a sua excia. que irei logo que possa. Preciso discutir um assunto familiar com o sr. Janeau.

Janeau tinha passado da perplexidade ao assombro. Ensaçou um sorriso.

— Mas... mas o senhor é do Ministério do Exterior? Faça o favor de sentar-se, sr. Dubois. Perdoe-me, eu não sabia... O

senhor deve ter-me achado ridículo... Afinal, tenho o direito de velar por minha filha... Por que a raptou, sr. Dubois? Não seria mais decente ter-me pedido o consentimento? Claro que não o negaria, mas assim... o senhor compreende...

— Vejo que nos entenderemos, prezado sr. Janeau. Se me permite contar-lhe-ei por que procedi de forma tão... digamos, tão estouvada. Denise e eu nos amamos há vários meses. Desejei visitá-lo mais de uma vez, mas... o senhor compreende, temia uma recusa, o que seria insuportável para mim. Talvez não sobrevivesse ao golpe...

Vida Nôva, Vigôr e Vitalidade

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral

das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigôr. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGÉSILO Remetemos, pelo reembolso postal Cr\$ 25,00 o vidro

Produtos Panvital - Rua da Estrela n.º 6 - RIO DE JANEIRO

Combinámos então agir romanticamente, e aí está a história. Embora tarde, sr. Janeau, peço seu consentimento.

Agora o velho Janeau transbordava satisfação. Sua filha casada com um alto funcionário

do Ministério do Exterior... Seu sonho...

— Claro que consinto, meu caro genro. Consinto e perdoo-os. Digo mais: abençoa-os-ei.

— Quer dizer que...

(Continua na pág. 54)

O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!

VALE QUANTO PESA

RIO

● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

• P. Ferraz •

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto? O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, energiza o sangue, vale SAÚDE



CASA HERMANNY
FUNDADA EM 1855

MATRIZ: GONÇALVES DIAS, 50
FILIAIS: COPACABANA
NITERÓI — PETRÓPOLIS

Fragrância de Flores

por ANN HAVILAND

A CRIADORA DOS PERFUMES MAIS FEMININOS...

LILY OF THE VALLEY • GARDENIA

WOOD VIOLET • CARNATION

LILAC • HYACINTH

SACHETS E SAIS PARA BANHO

HEMORRHOIDAS? tome
EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS
Pilulas de Herva de Bicho
 compostas imescard
 LIC. 3.518
 14-3-925-D.N.S.P.
DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

"maire" e duas testemunhas. Se o senhor não objetar, podemos casar agora...

O sr. Janeau, que principiara a ficar surpreso, acabou rindo.

— Ora, ora, meu prezado genro. Isso é maroteira! Perdoa-me a liberdade, mas foi uma grossa

maroteira. Não há dúvida, tudo isto é poético. Mande entrar o sr. "maire" e minha querida filha. Gaston será uma das testemunhas.

A encantadora noiva entrou pelos braços do sr. "maire". A cerimônia iniciou-se. O sr. Janeau estava radiante. Terminado o ato, o sr. Janeau beijou comovidamente a filha, enxugou

duas lágrimas, abraçou o genro e abençoou-os. Pediu licença, foi à biblioteca e ao voltar entregou ao sr. Dubois um cheque de 250.000 francos.

— Eis o dote de minha Denise, meu caro genro.

★

Dois dias depois, o carteiro do Quartier Latin entregou no número 79 da rua dos Bourbons uma carta, a um cavalheiro de meia idade, dono de um magnífico "cavaignac" a Richelieu. O texto era o seguinte:

"Meu caro Armand. Junto encontrarás um cheque de 15 mil francos, que dividirás com René. Gaston já recebeu sua parte. Tudo saiu bem. A casaca

HMB
VINHO DA MADEIRA
 H.M. BORGES, SUCCES. LTDA.
 Estabelecidos desde 1871 - Ilha da Madeira

a mandarás entregar ao sr. Trusseau e pagarás 50 francos do aluguel da mesma. Podes ficar com meus pincéis e modelos. Talvez te escreva do Rio ou Buenos Aires. Denise é um encanto. Abraços do Fernando."



Como V.S. se protege contra a PIORRÉIA?

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas!

Sendo descuidada, a piorrêia se transforma numa enfermidade repulsiva. A inflamação e o encolhimento das gengivas e o afrouxamento dos dentes, que às vezes devem ser extraídos embora estejam inteiramente sãos, desfiguram a boca. Esteja em guarda contra os primeiros indícios da piorrêia. Não se descuide nunca das gengivas sensíveis e que sangram!

E também não se descuide das precauções necessárias, como o uso diário do dentífrico FORHAN'S — feito especialmente para a limpeza dos dentes e a massagem nas gengivas. FORHAN'S para as GENGIVAS é o único dentífrico que contém o adstringente especial antipiorrêico do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de piorrêia apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentífrico FORHAN'S. Visite seu dentista com frequência. E comece a usar o dentífrico FORHAN'S.

Escoe os dentes com

Forhan's



R. J. Forhan D.D.S.

"NÃO espere sofrer de piorrêia para usar Forhan's — use Forhan's evite a piorrêia."



Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

À VENDA EM TODO O BRASIL

R.F.



Um conhecido cinematografista americano, depois de assistir a um espetáculo de Alda Garrido, saiu-se com esta:

— Nos Estados Unidos essa mulher estaria milionária há muito tempo!

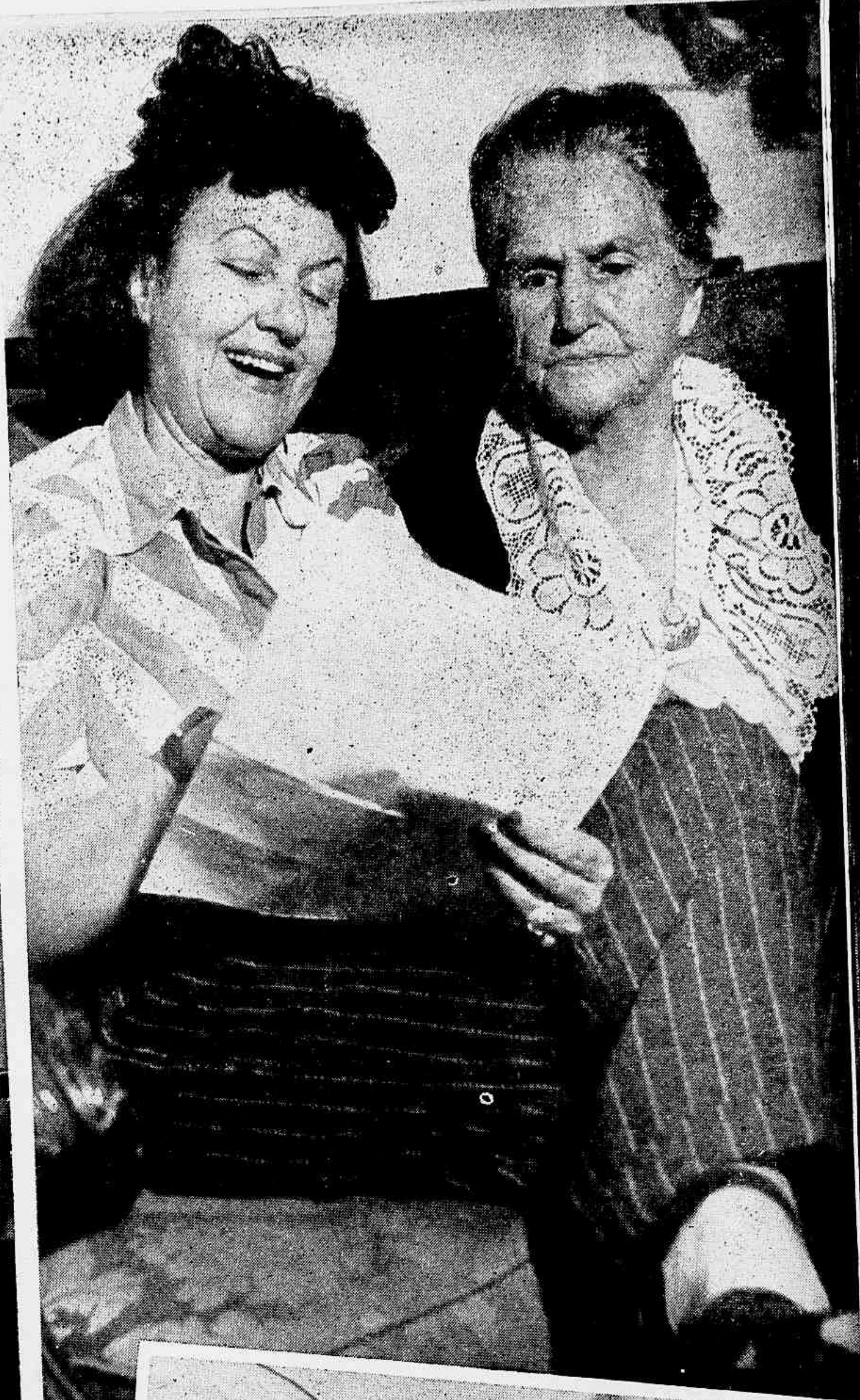
Mas embora trabalhando no Brasil “essa mulher” conseguiu adquirir uma personalidade intrínseca no teatro excêntrico. Ela começou fazendo papéis de variedades, em espetáculos avulsos. Percorreu o Brasil quase de ponta a ponta, ficando em condições de ministrar excelentes lições geográficas. E teve imitadoras. Mas nem por isso, ou talvez por isso mesmo, ela se popularizou ainda mais. As criadinhas pernósticas, metidas a importantes, encontravam em Alda uma intérprete cem por cento. As caipiras, de guarda-chuva enfiado na mão direita, bolsa esquisita na esquerda, chapéu esdrúxulo com passarinhos e muitas verduras no tópo da cabeça, botinas de cano alto e vestido “tecnicolor”, foram por muito tempo o delírio do público. Onde ela aparecia, desde o dueto dos “Garridos”, era um sucesso notável. E se o contrato a devia prender à terra apenas por um mês, acabava ficando quatro ou cinco. Nem sempre os críticos a elogiavam, mas o povo, a massa, o “pagante”, o que pesa no orçamento do empresário, articulava-se em grande estilo para rir com as suas excentricidades e bater palmas no descer do pano.

★

O teatro de Alda Garrido merecia autores especializados, que se preocupassem em aproveitar, com maior eficiência, a sua especialidade. Por muito tempo Gastão Tojeiro escreveu para Alda, e ainda hoje êsses originais correm o Brasil, repetidos por dezenas de outras companhias populares. Também Freire Junior, otimamente sucedido com “Luar de Paqueta”, foi um escritor especializado para essa artista. E agora mesmo, na temporada do Rival, Alda tem apresentado alguns tipos habilmente desenhados, assimilados ao seu feitio de atriz cômica. “Rosa das sete saias”, “A Mulher atômica” e, mais recentemente, “A amiga da onça” são peças ligeiras, sem maiores pretensões, que não existiriam sem a finalidade de um papel apropriado para Alda Garrido.

Aqui estão, nestas páginas, quatro sugestivos flagrantes da artista. Na foto desta página, Alda, em casa, longe das preocupações dos ensaios e do espetáculo, mata saudades do violão, seu companheiro inseparável. Na página à direita, Alda regressando a casa, depois do trabalho esfalfante de fazer rir

TEATRO



o seu público; Alda divertindo-se com a passagem cômica de seu próximo papel, em companhia de sua mãe; em baixo, a artista, no "tipo" de uma de suas peças, conversa com o "bicho-homem", causa e motivo de todas as desgraças humanas e sentimentais deste mundo...



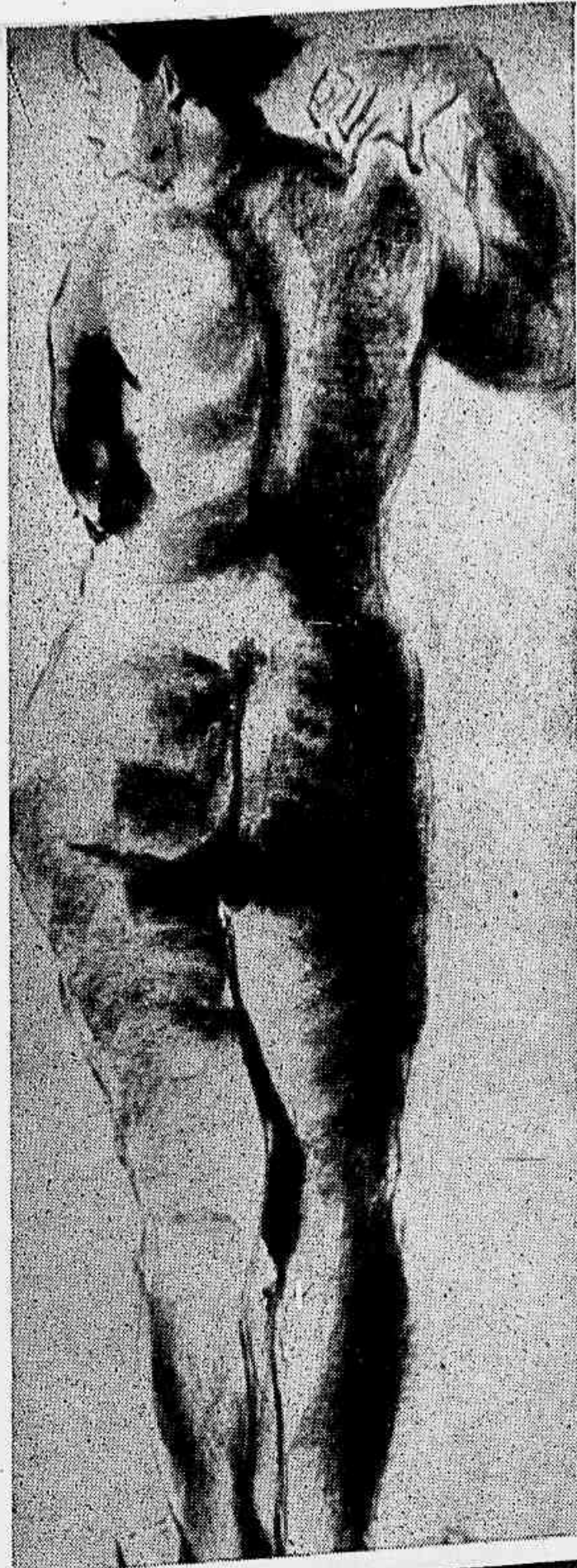
Os artistas de teatro são obrigados a viver duas vidas distintas, embora paralelas. São personagens renovados periodicamente, quando no palco, de acordo com as tendências, os caprichos e as diabruras dos autores. São outros, com seus defeitos e virtudes, a exemplo dos demais seres humanos, quando longe de suas atividades. Procuram distrair-se, trabalham nos mistérios caseiros ou vão ao cinema, têm seus artistas prediletos e chegam, mesmo, a frequentar teatro. Na recente temporada, Bibi e Dulcina lançaram a inovação de espetáculos depois da meia-noite, gratuitos, para os colegas. Quem menos pode assistir ao trabalho de outro artista é o ator

de teatro. Pois Alda Garrido apraz-se em acompanhar a carreira da gente de teatro, e estende-se em considerações apreciáveis sobre o trabalho dos colegas. Lamentando, embora, a falta de tempo para mais e melhor empregar suas noites assistindo aos espetáculos desses colegas, ainda assim não perde oportunidade para aplaudí-los.

— Se as palmas do público e da crítica são o nosso grande estímulo — diz-nos "a amiga da onça" — os aplausos dos colegas do mesmo ofício ainda mais nos desvanecem. Quando, do palco, distinguimos um rosto conhecido, da nossa classe, na plateia, trabalhamos ainda com maior entusiasmo. E a maior homenagem que u martista pode dispensar a outro é essa mesmo, a de aplaudí-lo em cena, levando-lhe o calor da sua admiração e do seu respeito.

Assim é Alda Garrido, a outra Alda, preocupada com o seu violão, suas obrigações domésticas, preocupada também em dar conforto e sossego à sua velha mãezinha, que nos diz ser, também, a sua "fan" número um...

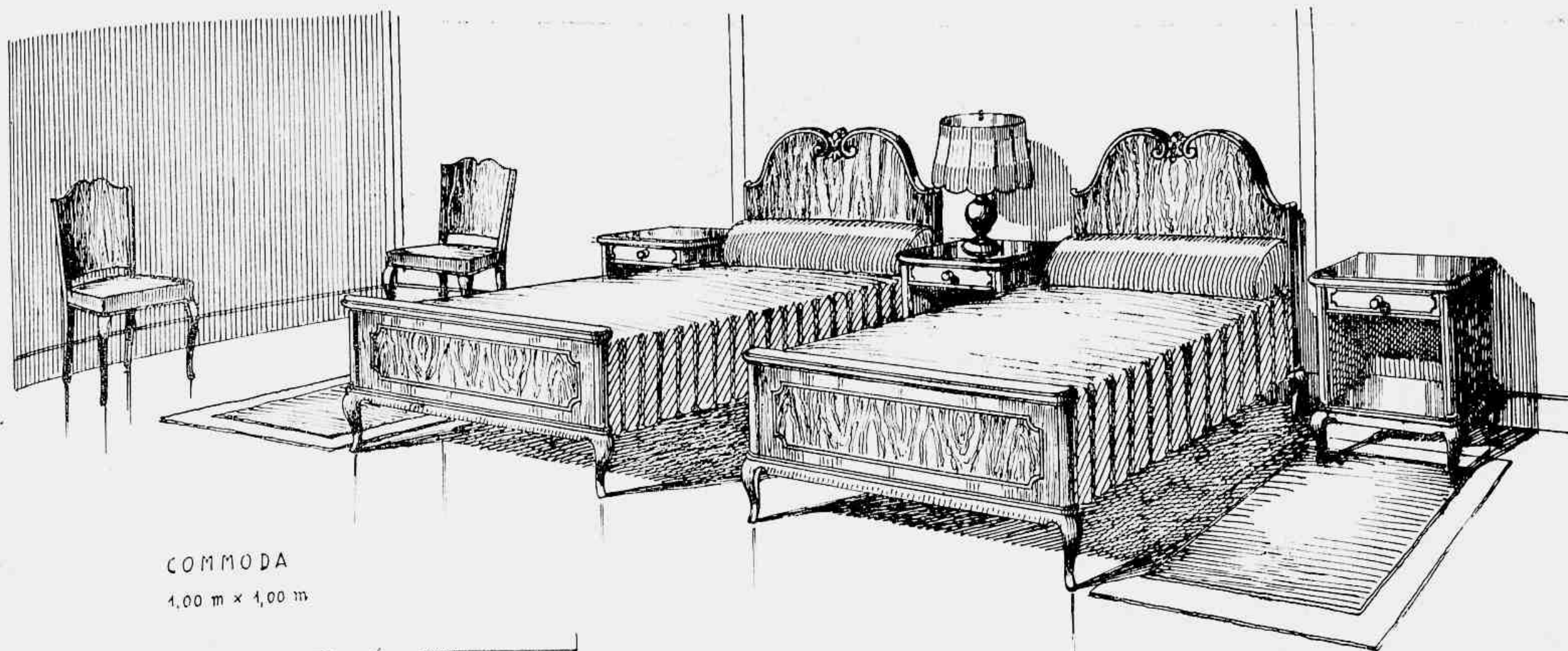




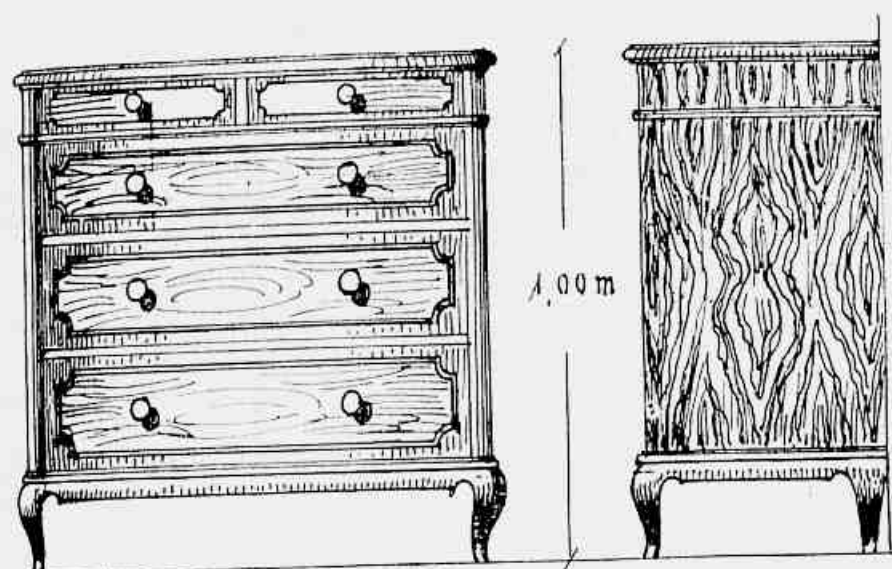
ARTES PLASTICAS

Tiberio é baiano. Baiano e preto. Baiano como Castro Alves, preto como Zumbi. A pintura de Tiberio é também baiana e preta. Baiana como a Baixa do Sapateiro e as areias de Itapagipe, negra como as noites de tempestade do recôncavo. Há, na pintura de Tiberio, toda a poesia dolente dos versos de Castro Alves e toda a ânsia de fuga da alma de Zumbi. Tiberio é talvez o único pintor negro do Brasil. Negro na cor e negro no sentimento. Ele não foi aos salões dos brancos buscar motivos para os seus pincéis inquietos. Encontrou-os no próprio morro que lhe serviu de berço, foi procurá-los nos saveiros que dormiam no cais do Mercado, fotografou-os nos "candomblés" do Rio Vermelho. E apresentou-os ao Rio de Janeiro, numa exposição aberta no auditório da A. B. I. São de Tiberio os três quadros que aparecem ao alto desta página. Eles são pequenas amostras da arte notável desse artista negro, que não pôde ter os professores que merecia. Um artista único, criado no morro, e que hoje luta pelo morro, atirando contra a muralha do preconceito e das injustiças os seus petardos de tela e de óleo.

À esquerda aparece a reprodução do quadro "Casas de Pedreira", figurante no salão de 1945, do pintor Orlando Tar-



COMMODA
1,00 m x 1,00 m

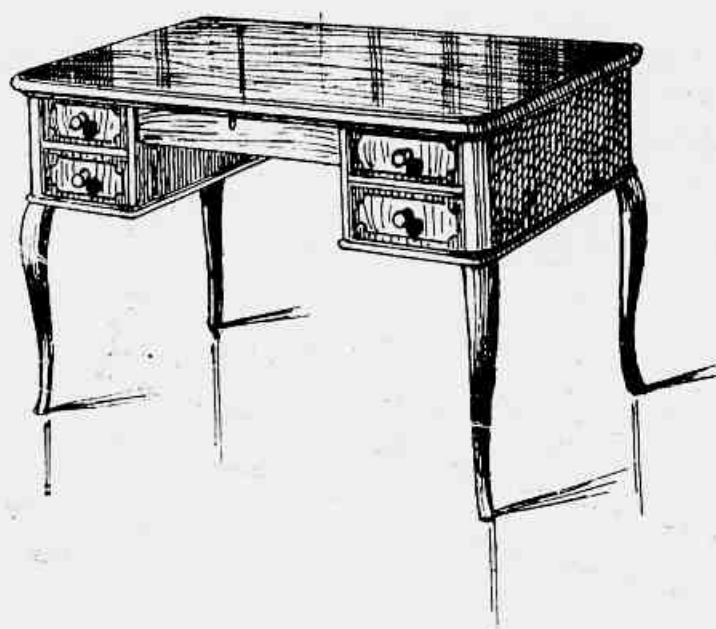


1,00 m

1,00 m

0,50 m

ESCREVANINHA
1,20 m x 0,75 m



DORMITÓRIO AMERICANO PARA CASA

Reproduzimos hoje nesta página o modelo de um quarto de dormir para casal, que constitui a última palavra em técnica e arte mobiliárias. De uma simplicidade absoluta, esse dormitório de casal não apresenta grandes móveis, nem as suas peças se revestem de um luxo aparatoso e incômodo. O guarda-vestido e o guarda-casaca são embutidos, como convém hoje a todos os que lutam com a exiguidade de espaço observada nas modernas residências urbanas. A cômoda, cujas dimensões estão demarcadas no clichê, é um móvel pequeno mas sumamente útil e eficiente. As três mesinhas de cabeceira, totalmente abertas, permitem maior aproveitamento do precioso espaço. Completam o mobiliário as duas camas estreitas e uma mesa de quatro gavetas.

MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



TUDO ISTO ***foi feito pelo público!***

DURANTE mais de dezoito anos os cidadãos do Hemisfério Ocidental vêm contribuindo significativamente à vasta expansão da Pan American World Airways. Ao crescimento do comércio inter-americano, ao desenvolvimento dos seus mercados mundiais e ao desejo geral de viajar e adquirir cultura devemos, em grande parte, os nossos êxitos. A isso se soma a formidável tarefa realizada em conjunto pelas nações americanas, partilhando dos recursos de que dispunham, para alcançar a vitória final.

Durante os anos de guerra, tão difíceis para os serviços de transporte, o público nos ajudou, compreendendo que de nosso pessoal e aparelhamento se exigiam sacrifícios cada vez maiores e que de mês a mês o espaço disponível se tornava mais limitado. Suas necessidades e desejos de hoje – suas esperanças e aspirações para amanhã – continuam a ser os fatores principais dos “Planos de Paz” da Pan American... que incluem equipamento, rotas e tarifas destinadas a fazer com que na verdade “o mundo todo seja seu vizinho”.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers